

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação

**Uma missão educativa metodista: O Instituto Porto Alegre –
Departamento de Jaguarão 1942-1952**

Anna Beatriz Ereias Ensslin

Pelotas, 2015

Anna Beatriz Ereias Ensslin

**Uma missão educativa metodista: O Instituto Porto Alegre –
Departamento de Jaguarão 1942-1952**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Eduardo Arriada.

Pelotas, 2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

E59m Ensslin, Anna Beatriz Ereias

Uma missão educativa metodista: o Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão 1942-1952 / Anna Beatriz Ereias Ensslin; Eduardo Arriada, orientador. — Pelotas, 2015.

151 f.: il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Educação metodista. 2. Instituição de ensino. 3. Jaguarão. 4. Cultura escolar. I. Arriada, Eduardo, orient. II. Título.

CDD : 370

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Anna Beatriz Ereias Ensslin

Uma missão educativa metodista: O Instituto Porto Alegre –
Departamento de Jaguarão 1942 -1952

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Arriada (Orientador).
Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Prof. Dr. Patrícia Weiduschadt.
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes.
Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara.
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Agradecimentos

Agradeço a Deus.

A minha mãe, pelo apoio e amor incondicional.

Ao meu esposo Eduardo, pelo incentivo, apoio, compreensão e por entender as ausências e o afastamento para o estudo.

A minha família, indispensável na minha vida.

Ao Professor Dr. Eduardo Arriada, pela disponibilidade, orientação, conhecimento compartilhado e profissionalismo. Muito obrigada por tudo!

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos, desde março de 2014.

Aos professores Lúcio Hammes, Patrícia Weiduschadt e Elomar Tambara, pelas importantes contribuições realizadas na qualificação desta pesquisa.

Aos professores do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, e a todos os colegas que contribuíram para a execução desta pesquisa.

À colega e amiga Chéli Nunes Meira, companheira de estudos, leituras, escritas, risos, almoços, conversas e lamentações, pela ajuda, apoio e incentivo.

A Caroline Braga Michel e Tatiane Viero, pelo carinho, conversas, interesse, companheirismo e por colaborarem com suas críticas na elaboração desta pesquisa.

Aos entrevistados que aceitaram gentilmente participar da pesquisa, cedendo o seu tempo e conhecimento. Muito obrigada a todos!

A todas as instituições e pessoas que abriram suas portas para que esta pesquisa fosse realizada.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Marthin Luther King)

Resumo

ENSSLIN, Anna Beatriz Ezequias. Uma missão educativa metodista: O Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão 1942-1952. 2015. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

Esta pesquisa insere-se na Linha de Pesquisa em Filosofia e História da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, e propõe uma investigação sobre o Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão/RS. Esta pesquisa visa a descrever e caracterizar a cultura escolar no IPA – Departamento de Jaguarão (Ipinha), entre 1942 e 1952, focando mais especificamente na cultura escolar dos artefatos e práticas culturais e esportivas transmitidas pelo “Hino”, a “Flâmula”, o “Departamento Esportivo” e o “Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva”. Essa delimitação temporal se dá devido a 1942 ser a data da fundação do referido Colégio e a 1952 ser a data da encampação desse pelo Governo do Estado. Outro ponto relevante é o fato de Jaguarão ter ficado vinte e oito anos sem curso ginásial, este só foi ofertado novamente graças à instalação do IPA – Departamento de Jaguarão, pois desde o fechamento do Colégio Espírito Santo de Jaguarão, no ano de 1914, por não ter conseguido a equiparação com o Colégio Pedro II, a cidade ficou sem opção de curso ginásial, sendo necessário que as famílias enviassem seus filhos para outras cidades a fim de darem continuidade a seus estudos, ficando muitas pessoas sem conseguirem concluir a Educação Básica. A investigação que aqui se apresenta caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que tem uma abordagem na história cultural, mas com muitos aspectos historicistas. Além disso, em virtude de contextualizar o período estudado, apresentam-se reflexões sobre a história da educação metodista no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Jaguarão. Destaca-se que a missão educativa metodista priorizava cidades estratégicas para estabelecer suas escolas pioneiras, tais como o interior da Região Sudeste, devido a acreditar que nessas cidades era decidido o futuro político e econômico do país (Piracicaba, Ribeirão Preto e Juiz de Fora). A missão educativa metodista no Rio Grande do Sul tinha o Colégio Americano como referência para os demais Colégios de educação feminina e o Colégio IPA como referência para os de educação masculina. O Ipinha foi inaugurado oficialmente em 11 de maio de 1942. Este era um Colégio metodista misto com sistema de internato e externato, e o internato era masculino. A ação

pedagógica metodista estava embasada no sistema educativo americano que se fundamentava no ideal liberal, nacionalista e de caráter pragmático, visando a formar cidadãos trabalhadores, com espírito de liderança, democráticos, de posicionamento moral firme e que respeitassem a individualidade e o mérito pessoal. A filosofia educativa metodista era centrada nas ideias de liberdade, eficiência, democracia e sucesso pessoal e tinha um caráter útil e prático, pois a educação visava à emancipação. O método de ensino era centrado no aluno, intuitivo, utilizava a observação e a experiência e o fundamento do seu currículo era as ciências naturais, preocupando-se com o rigor científico. Os estudos que abordam aspectos da educação metodista foram investigados nas obras dos seguintes autores: Salvador (1982), Rocha (1967), Mesquita (1995, 2001), Mesquida (1993, 1994), Rodrigues (1995), Kennedy (1928), Jaime (1963), Elias (2001), Almeida (2004, 2005a, 2005b), Barbosa (1995), Dreher (1993), Heitzenrater (1996), Betts (2007), Garin (2001), Streck (1995), Mattos (2000) e Buyers (1945).

Palavras-Chave: Educação Metodista; Instituição de Ensino; Jaguarão, Cultura Escolar.

Abstract

ENSSLIN, Anna Beatriz Ezequias. A Methodist educational mission: Porto Alegre Institute (IPA) – Jaguarão Department Education 1942 – 1952. 2015.151f. Dissertation (master's) phd program in education. Federal University of Pelotas, Pelotas 2015.

A Methodist educational mission: Porto Alegre Institute (IPA) – Jaguarão Department Education 1942 -1952. This research is based on the Philosophy and History Education Research of Postgraduate Program of Education Faculty at Federal University of Pelotas, Brazil. It proposes an investigation into Porto Alegre Institute (IPA) – Jaguarão Department / RS. This research aims to describe and characterize the school culture in IPA – Jaguarão Department (called Ipinha), between 1942 - 1952, focusing specifically on school culture of sports and cultural artifacts and practices transmitted by the "Hymn", the "streamer", the "Athletic Department" and " Joaquim Caetano da Silva's Literary Guild". This temporal delimitation is due to that 1942 was the date of the College foundation referred and 1952 the date of expropriation by the Government State. Another important point is the fact that Jaguarão has been twenty-eight years without Junior High School. This was only offered again thanks to the IPA's installation – Jaguarão Department since the closure of Espírito Santo College - Jaguarão, in 1914, because it was not able to equate with the College Pedro II, the city ran out of Junior High School option, requiring families to send their children to other cities in order to give them continuity to their studies and leaving many people without completing the basic education. The research is characterized as a qualitative research, which has a cultural history approach, but with many historicist aspects. In addition, mainly to contextualize the study period, they present reflections on the history of Methodist Education in Brazil, Rio Grande do Sul and specially Jaguarão. It is noteworthy that the Methodist educational mission prioritized strategic cities to establish their pioneering schools, such as the inside of the Southeast Region, believing that these cities were decided the political and economic future of the country (Piracicaba, Ribeirão Preto and Juiz de Fora). The Methodist educational mission in Rio Grande do Sul had the American College as a reference for other female education Colleges and IPA College as male education of the reference. "The Ipinha" was officially opened on 11 May 1942. This was a mixed Methodist College with residential

school and male boarding school. The Methodist pedagogical action was grounded in the American education system that was based on the liberal, nationalist and pragmatic ideal, aiming to form working citizens with a spirit of leadership, democratic, firm moral position and to respect individuality and personal merit. The Methodist educational philosophy was focused on the ideas of freedom, efficiency, democracy and personal success and had a useful and practical character, because education was aimed at emancipation. The teaching method was student-centered, intuitive, used observation and experience and the foundation of its curriculum was the natural sciences, concerned with scientific rigor. Studies that address aspects of Methodist education were investigated in the works of the following authors: Salvador (1982), Rocha (1967), Mosque (1995, 2001), Mesquida (1993, 1994), Rodrigues (1995), Kennedy (1928) James (1963), Elias (2001), Adams (2004, 2005a, 2005b), Barbosa (1995), Dreher (1993), Heitzenrater (1996), Betts (2007), Garin (2001), Streck (1995), Mattos (2000) and Buyers (1945).

Keywords: Methodist Education; Educational Institution; Jaguarão, School Culture.

Lista de Figuras

Figura 1	Armário com o arquivo do Ipinha localizado no IEEEES.	27
Figura 2	Prédio alugado para o Colégio Piracicabano.	41
Figura 3	Novo prédio do Colégio Piracicabano.	42
Figura 4	Prédio do Colégio Bennett.	45
Figura 5	O Colégio Granbery	47
Figura 6	Prédio do Colégio Americano.	57
Figura 7	Prédio do Colégio Centenário.	66
Figura 8	Prédio do Colégio IPA.	69
Figura 9	Carta para Luiz Vergara.	72
Figura 10	Carta para o Inspetor dos Salesianos.	76
Figura 11	Carta do Superior do Colégio Santo Agostinho.	78
Figura 12	Carta ao Diretor do Colégio Rosário de Porto Alegre.	79
Figura 13	Carta do Reitor Oscar Machado.	81
Figura 14	Prédio do Ipinha.	83
Figura 15	Solenidade de Formatura 1.	87
Figura 16	Solenidade de Formatura 2.	88
Figura 17	Formanda Eloá Dutra Silveira.	89
Figura 18	Hino do Ipinha.	99
Figura 19	Folhetos informativos para as festas de aniversário da fundação do Ipinha	100
Figura 20	Aluna Adília Dutra Corrêa de Sá.	101
Figura 21	Informativos dos 50 e dos 60 anos de fundação do Ipinha.	101
Figura 22	Flâmula do Ipinha.	102

Figura 23	Alunas no Estádio do Ipinha.	104
Figura 24	Equipe de Futebol do Ipinha.	105
Figura 25	Encerramento das atividades extracurriculares.	110
Figura 26	Centenário do nascimento de Ruy Barbosa.	112

Lista de Tabelas

Tabela 1	Matrícula e a frequência em 1924.	71 - 72
Tabela 2	Demonstrativo dos professores e disciplinas no ano de 1949.	92 - 93
Tabela 3	Demonstrativo do número de matrículas no ano de 1949.	94
Tabela 4	Os nomes dos diretores e dos vices diretores do Ipinha.	96 - 97
Tabela 5	O número de matrículas do Ipinha por ano.	97

Lista de Abreviaturas e Siglas

ASPHE - Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação

ANPED - Associação Nacional de Pesquisa em Educação

ARMS - Annual Report of the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church, New York

CAPES – Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – atual Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CONGEIME - Conselho Geral das Instituições Metodistas.

EC – Expositor Cristão

IHGJ – Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

IPA – Instituto Porto Alegre

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba

NYCA – Christian Advocate and Journal. New York

IME – Instituto Metodista de Educação e Cultura

GOT – Ginásio Orientado para o Trabalho

RME – IPA – Rede Metodista de Educação do Instituto Porto Alegre

RME – RS – Rede Metodista de Educação do Sul

FAMES – Faculdade Metodista de Ensino Superior de Santa Maria

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

Sumário

1 - Introdução	177
2 - O Percurso Teórico Metodológico	24
3 - Educação Metodista	34
4 - A Educação Metodista no Rio Grande do Sul	52
5 - O IPA – Departamento de Jaguarão	70
5. 1 – A cultura escolar do Ipinha	988
Considerações Finais	1166
Referências	1222
Anexos	13030

1 - Introdução

Esta investigação insere-se na Linha de Pesquisa em Filosofia e História da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e propõe uma investigação sobre o Instituto Porto Alegre (IPA) – Departamento de Jaguarão/RS, no período de 1942-1952.

Esta pesquisa tem por objetivo descrever e caracterizar a cultura escolar no IPA – Departamento de Jaguarão (Ipinha), entre 1942 e 1952, focando mais especificamente na cultura escolar dos artefatos e práticas culturais e esportivas transmitidas pelo “Hino”, a “Flâmula”, o “Departamento Esportivo” e o “Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva”. Essa delimitação temporal se dá devido a 1942 ser a data da fundação do referido Colégio e a 1952 ser a data da encampação desse pelo Governo do Estado.

É importante ressaltar que ainda não há estudos sobre a referida escola até o presente momento, sendo assim, histórias, fatos, memórias e dados de relevância para a história da educação do município poderão ser perdidos e esquecidos, deixando através do tempo lacunas na identidade do município de Jaguarão. Também gostaríamos de destacar que não encontramos trabalhos específicos sobre educação em Jaguarão no período pesquisado e nem sobre a missão educativa metodista em Jaguarão.

A motivação para esta investigação surgiu em decorrência dessa instituição, Ipinha, ter deixado profundas marcas na sociedade jaguareense. Ainda nos dias atuais, essa memória reverbera entre diversos membros da comunidade, exemplo disso são as comemorações de aniversário de fundação do Colégio entre os diversos indivíduos

que lá estudaram e trabalharam. Nesse período, o Ipinha (1942-1952) acabou constituindo-se no maior Colégio privado do município.

O IPA – Departamento de Jaguarão marcou uma época por apresentar uma nova oportunidade de vida escolar à população de Jaguarão, que ficou por vinte e oito anos sem curso ginasial na cidade, sendo necessário que as famílias enviassem seus filhos a outras cidades a fim de frequentar o curso ginasial, o que era privilégio de alguns, ficando os demais jovens da população sem poder completar seus estudos.

No cenário educacional nacional se dava uma expansão do ensino secundário devido a medidas educativas pós-revolução de 1930, tais como a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública e a Reforma Francisco Campos.

Até aquele momento, o ensino secundário não era organizado como tal, pois constava na maior parte do país de cursos preparatórios, de caráter propedêutico. Além disso, as reformas anteriores ao Movimento Renovador, na sua grande maioria, quando efetuados pelo poder central, se limitavam praticamente ao Distrito Federal, que servia de modelo aos outros Estados, sem ser de caráter obrigatório.

A reforma do ensino secundário foi proposta em 18 de abril de 1931, através do decreto 19.890, e consolidada posteriormente pelo decreto 21.241, de 4 de abril de 1932. De acordo com esse decreto, o ensino secundário oficial deveria equiparar-se ao Colégio Pedro II e ser inspecionado por um inspetor federal. Foram estabelecidas normas para a inspeção federal, foi criada a carreira de inspetor e foi organizada a estrutura do sistema de inspeção e equiparações de escolas.

Pela reforma, o ensino secundário passava a compreender dois cursos seriados: fundamental e complementar.

O ensino secundário fundamental tinha duração de cinco anos, seriados nas disciplinas abaixo:

1ª série: Português - Francês - História da Civilização - Geografia - Matemática - Ciências físicas e naturais - Desenho - Música (canto orfeônico).

2ª série: Português - Francês - Inglês - História da Civilização - Geografia - Matemática - Ciências físicas e naturais - Desenho - Música (canto orfeônico).

3ª série: Português - Francês - Inglês - História da Civilização - Geografia - Matemática - Física - Química - História Natural - Desenho - Música (canto orfeônico).

4ª série: Português - Francês - Inglês - Latim - Alemão (facultativo) - História da Civilização - Geografia - Matemática - Física - Química - História Natural - Desenho.

5ª série: Português - Latim - Alemão (facultativo) - História da Civilização - Geografia - Matemática - Física - Química - História Natural - Desenho.

O curso complementar obrigatório para os candidatos à matrícula em determinados institutos de ensino superior era feito em dois anos de estudo intensivo, com exercícios e trabalhos práticos individuais, e compreendia as seguintes disciplinas: Alemão ou Inglês, Latim, Literatura, Geografia, Geofísica e Cosmografia, História da Civilização, Matemática, Física, Química, História Natural, Biologia Geral, Higiene, Psicologia e Lógica, Sociologia, Noções de Economia e Estatística, História da Filosofia e Desenho.

A Reforma Francisco Campos teve como resultado a organização do ensino secundário, o estabelecimento do currículo seriado, a frequência obrigatória e a exigência de habilitação nele para o ingresso no ensino superior.

As propostas para o ensino secundário mantiveram um modelo de escola relativo a esse grau de escolarização, voltado para a educação das elites condutoras do país e privilegiando a cultura geral em detrimento de um saber mais científico e voltado ao trabalho.

“No ano de 1933, estavam matriculados no ensino secundário 66.000 alunos, em 1936, 107.469 alunos, em 1939, havia 155.588 alunos matriculados, para em 1942 atingir a cifra de 199.435 alunos matriculados” (SILVA, 1969, P. 308).

Relativamente a esse ensino secundário, organização, racionalidade e determinados padrões foram as bases que possibilitaram essa expansão contínua. Os dados acima arrolados são demonstrativos dessa expansão, permitindo afirmar que esse período histórico caracteriza-se como um início do processo de expansão da escola secundária brasileira. Contudo, essa experiência atingia apenas uma pequena parcela da população brasileira (SOUZA, 2008, p. 145).

Em 16 de Julho de 1934 foi promulgada a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil e Getúlio Vargas foi eleito por quatro anos para presidente. No campo educacional, ele incentivou o desenvolvimento do ensino médio e superior - a meta era formar as futuras gerações preparadas para assumir trabalhos gerados pelos avanços do setor econômico. Também assegurava a criação do ensino primário público, gratuito e obrigatório e defendia o ensino religioso nas escolas, além do uso de currículos diferentes para meninas e meninos.

Durante os anos 1930, o governo Vargas procurou concretizar um projeto de Estado forte e com acentuado grau de intervenção. Para tanto, buscou apoio em forças conservadoras como a Igreja e as forças armadas (FAUSTO, 1995).

Entre 1937 e 1945, período que abarca o Estado Novo, a educação exerceu um papel fundamental nos projetos do governo de construção de um Estado Nacional. Com a criação do Ministério de Educação e Saúde Pública, em 1931, o Estado passou a ter uma maior capacidade de intervenção no ensino, essa nova postura permitiu que a educação servisse de modo mais sistemático aos objetivos do estado autoritário (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 2000).

De certa forma, os reflexos dessa política logo se fizeram sentir pelos diversos estados brasileiros, e aos poucos os municípios procuraram adequar-se a esse novo contexto. Em Jaguarão, o Instituto Porto Alegre foi fundado em 1942, a requerimento do reitor. Este firmou contrato com a Prefeitura Municipal de Jaguarão para a fundação de um estabelecimento de ensino primário e secundário nessa cidade, sob a denominação de Instituto Porto Alegre, departamento de Jaguarão, com a finalidade de proporcionar educação de influência metodista.

Para melhor conhecer o estado da arte sobre o assunto pesquisado buscamos nos seguintes sites: Google Acadêmico, Scielo, Banco de Dissertações e Teses da CAPES, Anped, Revista Brasileira de Educação, Revista Brasileira de História da Educação, Portal da Universidade Metodista de São Paulo, Conselho Geral das Instituições Metodistas (CONGEIME) e trabalhos que fossem relacionados, com as palavras chaves pesquisadas: metodismo, educação metodista, igreja metodista, instituições escolares. Destacamos que mais de 20 artigos e mais de 10 livros foram encontrados e que todos os artigos relacionados com a temática dessa investigação foram lidos e a maioria dos livros também. Já nas dissertações e teses, somente os capítulos que estavam diretamente relacionados com o assunto da pesquisa foram lidos, sendo todos eles fundamentais para o aprofundamento dos conhecimentos referentes a esta pesquisa.

Nessa busca, quando surgem textos sobre outras Instituições escolares metodistas como “A cultura escolar metodista em Birigüi”, de Vasni de Almeida, “A cultura escolar metodista em Lins (1928-2004)”, de Vasni de Almeida, e “Vieram e Ensinaram – Colégio Piracicabano, 120 anos”, de Beatriz Vicentini Elias, esses foram considerados, pois entendemos que de alguma forma podem contribuir para a pesquisa. Não podemos deixar de destacar o livro “A educação metodista no Brasil”,

de Elias Boaventura, que é a adaptação, revisão e atualização de sua dissertação de mestrado e trata de questões fundamentais que deram origem ao metodismo, dos primórdios do metodismo no Brasil e da importância de suas escolas, principalmente do Colégio Piracicabano, sendo umas das leituras que mais contribuiu para o entendimento da educação metodista no Brasil.

A investigação que aqui se apresenta caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que tem uma abordagem da história cultural, mas com muitos aspectos historicistas.

Para a construção teórico-metodológica da pesquisa, no que tange à história cultural, foram consultados autores como Burke (1992, 2005), Engell (1993), Le Goff (1996) e Meneses (1999) para pensarmos as questões relacionadas com a memória.

Para entender sobre instituições educativas consultamos as obras de: Magalhães (1999), Gatti Jr (2002), Werle (2001a, 2001b, 2004) e Vidal (2009).

Os estudos que abordam aspectos da educação metodista foram investigados nas obras dos seguintes autores: Salvador (1982), Rocha (1967), Mesquita (1995, 2001), Mesquida, (1993, 1994), Rodrigues (1995), Kennedy (1928), Jaime (1963), Elias (2001), Almeida (2004, 2005a, 2005b), Barbosa (1995), Dreher (1993), Heitzenrater (1996), Betts (2007), Garin (2001), Streck (1995), Mattos (2000) e Buyers (1945).

As reflexões acerca da cultura escolar estão baseadas em Frago (1994), Julia (2001), Faria Filho (2004) e Vidal (2005).

As reflexões acerca das tendências teórico-metodológicas em análise documental estão baseadas em: Cellard (2010), Gil (2002) e Cunha (2009).

Com relação aos estudos referentes à análise de periódicos, utilizamos em Zicman (1985), Martins (2006) Amaral (2003), Luca (2005) e Cavalcante (2008), e com relação à análise de fotografias destacam-se os estudos de Bauer, M. W e Gaskell, G. (2014), Paiva (2006), Borges (2011), Bittencourt (2004) e Loizos (2014). Para a utilização da história oral, nos apoiamos em Thompson (2002), Delgado (2010) e Alberti (2004).

A pesquisa aqui apresentada foi construída em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos a introdução, descrevendo o tema central, evidenciando os objetivos e definindo o recorte temporal, além da justificativa que pretende apontar as relevâncias da pesquisa.

No segundo capítulo apresentamos as diretrizes metodológicas: os caminhos da pesquisa são expostos e são explicadas as orientações metodológicas ou adotadas para a elaboração da dissertação, ou seja, é feita a caracterização da pesquisa, a metodologia.

No terceiro capítulo, apresentamos as principais características da missão educativa metodista no Brasil. Os missionários metodistas chegaram ao país e abriram escolas e Igrejas, com uma proposta estrangeira adaptada ao Brasil. Esses primeiramente se aproximaram dos conterrâneos estrangeiros e da elite dirigente e influente política e socialmente, não se preocupando em atingir o povo como um todo. As Igrejas e escolas eram dirigidas por missionários, oriundos e subvencionados pela Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos.

No quarto capítulo delineamos as peculiaridades da educação metodista no Rio Grande do Sul, nesse capítulo resumimos a história da implantação da missão educativa metodista, suas principais escolas e suas peculiaridades.

A educação foi sempre uma das áreas de ação do metodismo riograndense. Por ocasião das celebrações do centenário da obra missionária da Igreja Metodista dos EUA (1922) e da independência do Brasil, houve uma grande evolução na obra educacional da igreja Metodista, surgindo então mais três educandários, sendo eles o Instituto Ginásial de Passo Fundo, o Colégio Centenário de Santa Maria e o Porto Alegre College - IPA.

O Colégio Piracicabano foi o modelo pragmático para as outras escolas metodistas no Brasil. No Rio Grande do Sul, o IPA foi o modelo para as escolas destinadas à educação masculina e mista no interior, dentre eles destacamos o foco desta dissertação.

No quinto capítulo descrevemos um breve histórico sobre a cidade de Jaguarão a fim de contextualizar o ambiente e o objeto desta investigação, enfocando prioritariamente a missão educativa metodista em Jaguarão, O IPA – Departamento de Jaguarão (Ipinha). Nesse capítulo damos ênfase à cultura escolar do Ipinha, sendo ela delimitada pelo o “Hino”, a “Flâmula”, o “Departamento Esportivo” e o “Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva”.

Em suma, esta pesquisa apresenta a cultura transmitida pelo Ipinha durante sua existência em Jaguarão, a partir de alguns aspectos da cultura escolar. As marcas dessa cultura escolar fizeram-se sentir no modo de vida das pessoas, na cultura, na economia, na política e na sociedade jaguareense.

Pretendemos, assim, corroborar com o resgate da história da educação no município de Jaguarão, como também contribuir com os estudos e as publicações sobre a história da educação, além de apresentar um novo subsídio para pensar a educação nos dias atuais.

2 - O Percurso Teórico Metodológico

Neste capítulo vamos apresentar as opções teóricas metodológicas desta dissertação. Objetivamos neste momento mostrar o caminho percorrido.

A metodologia empregada é a da pesquisa histórica, tendo como pressuposto a compreensão ampliada da noção de documento. Os dados para a realização desta pesquisa foram coletados no Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, no Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, no Instituto Porto Alegre (IPA), no Instituto Teológico João Wesley¹ e nos acervos pessoais dos ex-alunos. Os documentos analisados são livros, artigos, relatórios do Ginásio, documentos e atas da congregação, as atas do Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva, os Impressos O Ipinha e O Ipaense, atas do Círculo de Pais e Mestres, fotografias, atas da Câmara dos vereadores, dados do IBGE e entrevistas com três ex-alunas e um ex-diretor.

Para a construção teórica desta dissertação, recorreremos ao aporte teórico de:

1. Burke (1992, 2005) e Engel (1993), para entendermos sobre a história cultural e o historicismo.
2. Le Goff (1996) e Cardoso e Vainfas (1997), para pensarmos as questões relacionadas com a memória.
3. Para entendermos sobre educação metodista, apoiamo-nos em Salvador (1982), Rocha (1967), Mesquita (1995, 2001), Mesquida, (1993, 1994), Rodrigues (1995), Kennedy (1928), Jaime (1963), Elias (2001), Almeida (2004, 2005a, 2005b), Barbosa (1995), Dreher (1993), Heitzenrater (1996), Betts (2007), Garin (2001), Streck (1995), Mattos (2000) e Buyers (1945).

¹ Localizado na cidade de Porto Alegre, junto ao IPA.

4. Para pensarmos as questões relacionadas às Instituições Escolares, nos embasamos em Magalhães (199), Gatti Jr (2002a), Werle (2001a, 2004) e Vidal (2009).

Para a metodologia, nos debruçamos sobre:

1. Gil (2002), Cunha (2009) e Pinheiro (2006), para utilização da análise documental,

2. Campos (2012), Amaral (2003) e Cavalcante (2008), para a análise de periódicos e,

3. Galvão e Lopes (2001), Borges (2011), Bittencourt (2004), Castro (2008) e Loizos (2014), para a análise de fotografias.

4. Para a utilização da história oral, utilizamos Thompson (2002), Delgado (2010) e Alberti (2004).

A minha caminhada na pesquisa em história da educação começou no ano de 2013, quando ingressei como aluna especial no Mestrado em Educação da UFPel, cursando a disciplina de História da Educação do Rio Grande do Sul e de Pelotas II, com o professor Eduardo Arriada. A partir daí comecei a mergulhar no estudo da história da educação e a delinear meu objeto de pesquisa para o mestrado. A escola que se tornou meu objeto de pesquisa foi O IPA – Departamento de Jaguarão, por constituir-se uma das mais antigas, além de uma das maiores da cidade.

No Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão (IHGJ), deparei-me com uma pasta de materiais sobre a referida escola, e devido a essa pasta conter muitos materiais, olhei-a mais superficialmente e me preocupei em fotografar todo o material. Após dois dias, voltei ao IHGJ para procurar jornais da cidade que circulavam na época de funcionamento da escola, mas infelizmente não encontrei. Realizado esse primeiro contato com um dos principais centros de documentação sobre Jaguarão, procurei o Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, onde fui muito bem recebida pela diretora, que abriu as portas da secretaria para que eu pudesse procurar no “arquivo morto” da escola. No referido armário encontrei muitos relatórios, atas de exames, atas de matrícula, relatórios de inspeção federal, mas poucos dados do período a ser estudado, pois os documentos estavam fora de ordem cronológica, muito empoeirados e com muitas teias de aranha.

Passados alguns dias, fui à Biblioteca Pública de Jaguarão atrás de jornais e dados sobre o município na época a ser estudada, infelizmente não encontrei material.

Fui à Câmara de Vereadores do Município de Jaguarão, com a finalidade de encontrar dados - educação, política, economia etc., e a resposta que recebi do secretário foi que somente lendo as atas da câmara da época poderia coletar tais dados, sendo assim me pus a ler e anotar dados que pudessem vir a ser úteis para a minha pesquisa. Passei longos períodos nessa empreitada.

Passados alguns dias retornei ao Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão com a finalidade de conseguir dados sobre a cidade. Conversando com a secretária, soube que não havia nada sobre a época em questão, e ela sugeriu que eu pesquisasse no Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, pois lá havia um armário somente com o material do Ipinha. Imediatamente retornei à escola e formalizei um pedido à Direção para ter acesso à referida documentação.



Figura 1 - Armário com o arquivo do Ipinha localizado no IEEEES.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Destacamos que os materiais do Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão estavam todos nesse armário, localizado no corredor que dá acesso à secretaria, direção, biblioteca e aos banheiros dos professores. Estavam todos limpos, mas desordenados, e pela conversa que tive com a diretora, professores e com a porteira da escola, ninguém sabia especificamente o que havia no referido armário,

somente que eram materiais do Ipinha. É importante constatar que a maioria dos professores não tinham o conhecimento de que o Ipinha foi a origem do Instituto Estadual de Educação Espírito Santo.

Sabemos que, na maioria das vezes, os arquivos escolares não são espaços de preservação dentro das escolas e que a maneira como eles se encontram mostra a organização e o envolvimento que a instituição tem com a sua própria história.

Para Magalhães (1999, p. 70):

O arquivo, tal como se encontra organizado, quando o investigador inicia o seu trabalho, constitui uma informação multidimensional e uma representação muito aproximada da evolução, do sentido que a instituição empresta a seu cotidiano e ao seu destino. O arquivo é uma imagem complexa, mas muito sugestiva, capaz de fornecer ao investigador percepção que constitui uma iluminação sobre a realidade a historiar e sobre o processo epistêmico para o fazer.

Neste trabalho a compreensão ampliada da noção de documento é diferente da concebida pela escola positivista, na qual um documento era, sobretudo, um registro que materializava a prova incontestável, um texto escrito. A partir da Nova História, nos anos 1930 essa noção de documento começou a se ampliar e não só os textos escritos são considerados documentos. “Onde o homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência, aí está a História” (LE GOFF, 1985 apud CARDOSO e VAINFAS, 1997).

Essa compreensão mais ampla sobre pesquisa histórica e afunilou-se gradativamente para a pesquisa em História da Educação e pesquisa em História do Currículo, chegando à pesquisa em História das Disciplinas Escolares, da Cultura Escolar e das Instituições Escolares. O que caracteriza as três últimas é o olhar para as singularidades, para o cotidiano das instituições de ensino e para os sujeitos que materializam o currículo e as disciplinas, sem deixar de evidenciar as interações daqueles com as dimensões macrossociais.

Para Gatti Jr. (2002a, p. 20), “[...] a história das instituições educacionais almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas [...]”. Além disso, para Werle (2004), a história das instituições escolares não é um relato ou descrição de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretações, releituras que se apresentam na dimensão da representação de uma versão da história institucional.

Devemos também considerar que:

A história das instituições educativas constitui um processo epistêmico que medeia entre a(s) memória(s) e o arquivo, não se limitando a memória às dimensões orais, mas incluindo as crônicas e outros textos afins e não se confinando o arquivo à documentação e informações escritas. (MAGALHÃES, 1999, p.69).

Nesta pesquisa, as fontes são utilizadas para desenvolver a investigação e análise dos dados. De acordo com Barros (2010, p. 134):

A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo. Uma fonte pode preencher uma das duas funções acima explicitadas: ou ela é o meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e interpretar (fonte histórica = fonte de informações sobre o passado), ou ela mesma... é o próprio fato histórico.

Le Goff (1996) afirma que não é possível analisar os registros de forma isolada, pois esses são frutos de um contexto. As fontes citadas acima são os documentos que serão analisados e que precisam ser contextualizadas para serem compreendidas a sua produção. Para o autor:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1996, p. 545).

No contexto atual, a configuração do campo da História da Educação relativamente às fontes tem ampliado o seu uso. Além de inovar na seleção de novos objetos, a História da Educação tem incorporado um olhar diferenciado quanto ao uso dos documentos. Muitos dos velhos documentos, tais como legislações, leis e decretos, ganham agora uma nova maneira de serem vistos, pois não são nem mais nem menos importantes que outros.

Essa guinada mudou o tratamento dado às fontes. O documento por si só não faz a história. São os questionamentos, as perguntas e as inquições formuladas pelo pesquisador que poderão ampliar a nossa visão do objeto estudado.

Para realizarmos este trabalho utilizamos a análise documental apoiados em Gil (2002), que diz que na pesquisa documental as fontes:

[...] são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos “de primeira mão”, que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos, etc., outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, etc. De outro lado, há os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (GIL, 2002, p.46).

Destacamos a importância dos documentos escritos como um meio relevante de resgatar o passado. Para Cunha, os documentos escritos são uma:

Ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção da memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado. O historiador Roger Chartier lembra que, por meio da escrita, em seus vários suportes, são fixados os “traços do passado, a lembrança dos mortos, ou a glória dos vivos”. Tal afirmativa permite recordar a importância do texto escrito como um remédio eficaz contra o esquecimento, capaz de transcender a fugacidade da vida. Por seu intermédio, pode-se buscar “não a verdade de nosso passado, mas o passado de nossas verdades, não a verdade do que fomos, mas a história do que somos, daquilo que talvez já estamos deixando de ser” (CUNHA, 2009, p. 251).

Quando investigamos uma instituição educativa recorremos aos documentos e à subjetividade “aquela que os sujeitos viveram acerca da mesma, construíram e reconstróem pela memória” (WERLE, 2001a, p. 120). Transitamos entre o arquivo e a memória, entre a materialidade e a representação, sendo todas essas fontes fundamentais para o historiador.

Na investigação de uma instituição educativa é fundamental “perscrutar as relações interpessoais constituídas no cotidiano da escola, seja em função das relações de poder ali estabelecidas, seja em razão das diversas culturas em contato” (VIDAL, 2009, p. 26).

Utilizamos também entrevistas individuais. Thompson (2002) e Delgado (2010) conceituam história oral como um procedimento metodológico que registra a narrativa, em que a principal fonte dos depoimentos é a memória. Na memória estão colocadas questões individuais e coletivas que em um depoimento expressam visões particulares de processos coletivos. De acordo com Delgado:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2010, p. 15).

O historiador atualmente sabe que é impossível escrever a história em sua totalidade, ele vai fazer a sua parte com as suas possibilidades e dar a sua versão, o seu olhar. Acreditamos que as entrevistas servem para trazer dados que complementam os dados encontrados nos documentos escritos e que só são revelados através dos relatos dos sujeitos sociais envolvidos nessa cultura escolar.

Para Alberti (2004, p.78), as entrevistas têm o papel de:

[...] as entrevistas, como toda a fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado. No caso da história oral (como em muitos outros), as pistas são relatos do passado, surgidos a posteriori, portanto. O passado existiu

independente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras.

Foram entrevistadas três ex-alunas do Ginásio e um ex-diretor. Realizei em outubro de 2014 a entrevista com a ex-aluna Gelci da Rosa Coutinho, psicóloga, natural de Jaguarão, 83 anos, que ingressou no Ipinha, na primeira série no ano de 1947. A entrevista durou uma hora e quinze minutos.

Em setembro de 2015 realizei entrevista com a ex-aluna Eloá Dutra Silveira, natural de Jaguarão, do lar, 87 anos, que ingressou no Ipinha na admissão em 1942 e se formou em 1947. A entrevista durou meia hora. Entrevistei também por uma hora e trinta e seis minutos a ex-aluna Adília Dutra Corrêa Sá, natural de Herval, do lar, 85 anos, formanda no Ipinha no ano de 1949.

Fiz também três entrevistas de uma hora e meia cada com o ex-diretor, Sr. Jorge Abel Neto, 92 anos, com uma lucidez e memória que me impressionaram muito. Foi diretor do Ipinha nos anos de 1950 e 1951 e “mudou-se para Jaguarão em 1945, a pedido do Reitor Oscar Machado para ser professor e ajudar na disciplina do Colégio” (informação verbal²).

Realizei vários contatos com a ex-aluna Ligia Ribas Pacheco para realizarmos a entrevista, mas infelizmente nos dias combinados, sua funcionária me telefonava desmarcando³ e acabei desistindo, mas a mesma propôs me emprestar suas fotos e materiais relativos ao Ipinha, aceitei e fui a sua residência para fotografá-los.

Segundo Delgado (2010), é habitual que os depoentes, instigados pelas entrevistas, apelem a velhas relíquias como fotos, jornais, objetos e cartas, entre outros recursos que auxiliam o ato de lembrar. Ao longo da pesquisa encontramos muitas fotos do Ipinha no Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, no Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, no arquivo pessoal das ex-alunas Eloá Dutra Silveira, Adília dos Santos Dutra e Ligia Ribas Pacheco.

Utilizamos também as fotografias como recurso para colher informações implícitas. A fotografia como fonte histórica é relevante, mas como os testemunhos orais e textos escritos, deve ser entendida como um vestígio de uma época para auxiliar o entendimento de uma realidade e a elaboração de uma versão do passado.

O ato de ver não é um procedimento meramente técnico, não brota naturalmente do movimento mecânico do olho. É, ao contrário, um processo

² Informação fornecida em entrevista dada pelo Sr. Jorge Abel Neto à autora em setembro de 2015.

³ Segundo a funcionária de Ligia Ribas Pacheco, esta não se encontrava disposta (referindo-se a sua saúde). Informação fornecida pelo telefone à autora.

racional que depende da educação da alma, isto é, da razão (BORGES, 2011, p.25).

De acordo com Galvão e Lopes (2001, p. 84), “tradicionalmente utilizada como ilustração daquilo que os documentos escritos diziam, a iconografia vem sendo incorporada aos trabalhos de História da Educação”. O universo iconográfico é muito vasto e abrange diferentes tipos de imagens e o método de análise desses diferentes tipos de imagens deve estar relacionado com outras fontes, principalmente com os textos escritos. “Rever fotos significa lembrar, rememorar ou mesmo “ver” um passado desconhecido” (BITTENCOURT, 2004, p.366).

[...] Estes registros não estão isentos de problemas, ou acima de manipulação, e eles não são nada mais que representações, ou traços, de um complexo maior de ações passadas. Devido ao fato de os acontecimentos do mundo real serem tridimensionais e os meios visuais serem apenas bidimensionais, eles são, inevitavelmente, simplificações em escala secundária, dependente, reduzida das realidades que lhe deram origem (LOIZOS, 2014, p. 138).

Ainda segundo Castro (2008 p. 522), “a imagem pode distorcer, recortar mas o que é dito por ela é uma prova inconteste, ela certifica a experiência e confere a esta uma espécie de imortalidade”.

Também analisamos periódicos, que segundo Gil, são umas das mais importantes fontes documentais, pois: “[...] no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45).

As fontes jornalísticas são fontes escritas e imagéticas e são indispensáveis para uma pesquisa histórica (CAVALCANTE, 2008). Campos (2012, p. 66) enfatiza que:

Trabalhar com jornais antigos para a escrita da história da educação significa compreendê-los, portanto, muito mais como fragmentos verossímeis da cultura de um tempo e de um espaço do que pensá-los como provas fidedignas do passado. Significa levar em conta além do já mencionado repertório cultural dos envolvidos na sua leitura/escrita, também os interesses econômicos e ideológicos envolvidos na sua edição. Significa reconhecer e problematizar o espaço gráfico dado para esta ou aquela crônica, propaganda, notícia ou artigo. Significa transformá-los também num objeto de pesquisa.

Para Amaral (2003, p. 43), o uso de jornais como fontes documentais possibilitam:

[...] uma leitura das manifestações contemporâneas aos acontecimentos, e uma real aproximação dos discursos emitidos na época em relação ao projeto de sociedade, bem como às instituições sociais, e dentre elas, à escola. Tais fontes, que se caracterizam pelo seu caráter polêmico e por vezes

passageiro, representam um produto cultural de sujeitos específicos em um determinado contexto histórico.

Podemos dizer que os jornais são uma fonte muito profícua para a coleta de dados, possibilitando uma leitura das manifestações contemporâneas aos fatos. Destacamos, porém, que os jornais são formadores de opiniões, disciplinadores e não são imparciais.

Neste momento devemos destacar o que nos diz Pinheiro (2006, p.64):

Fazer história no mundo moderno torna-se necessariamente ter clara a noção de que olhar para o passado não é um retrocesso e, portanto, perda de tempo, e sim uma maneira de situar o presente, de entendê-lo como objeto que se constitui historicamente, articulando diferenças que também são históricas. [...] Mas como o historiador não viveu o passado, se ancora nos restos, pegadas mais firmes, que são os depoimentos da oralidade dos mais velhos, os livros, jornais, prédios, praças, memória (já como tradição popular) [...].

As possibilidades de pesquisa no âmbito da História da Educação são amplas, nos proporcionando voltar aos fatos do passado na tentativa de entender o presente.

3 - Educação Metodista

A origem do metodismo está vinculada ao movimento de renovação espiritual que brotou dentro da Igreja Anglicana durante o século XVIII, pois no início não havia a intencionalidade de ruptura frente aos princípios da crença anglicana. Seu precursor foi John Wesley, nascido em 1703, que entrou na Universidade de Oxford aos 16 anos, onde ficou por cinco anos. Logo após foi nomeado presbítero, mas fracassou no seu ministério e retornou à Universidade. Então se interessou pelo Clube Santo, fundado por seu irmão Carlos Wesley. Daí surgiu o nome Metodista (BUYERS, 1945, p. 27).

O movimento pretendeu representar um protesto contra a fraca moralidade da época e a indiferença religiosa existente entre os cleros, mais preocupados com as posições políticas do que com o ministério; uma reação ao espírito racionalista, cuja influência se tornou extremamente acentuada (BOAVENTURA, 2005, p. 17).

A igreja Anglicana não aceitou o Movimento Metodista, proibindo os pregadores wesleyanos de falar, por tal fato esses adotaram o sistema de pregação ao ar livre, nas cadeias, nas fábricas e em lugares onde houvesse agrupamentos. Wesley, impedido de ter uma “paróquia anglicana”, criou o lema “O Mundo é minha Paróquia” (BOAVENTURA, 2005, p. 19).

Wesley poderia ser considerado conservador em relação à política e economia devido a não dirigir-se nos sermões contra a situação do país. Entretanto seu amor pelos pobres e a preocupação com o caráter integral do Evangelho, tiveram implicações sociais imprevisíveis. A primeira sociedade organizada foi fundada em Bristol no ano de 1739, e denominada de “Metodista”, em consequência de seu modo disciplinado e ordeiro (MARASCHIN, 1973, p. 661).

Até a morte de suas lideranças o Metodismo não foi organizado como Igreja, embora se constituísse em muitas sociedades e classes religiosas que se ligavam por conferências pensadas por John Wesley. Somente em 1784 o Metodismo foi organizado como Igreja nos Estados Unidos.

Para Wesley, uma pessoa encontraria sua plenitude espiritual ao expressar sua dependência de Deus e ao expressá-la na relação com os outros, e sob a proteção divina se sentiria livre dos medos provocados pelo pecado e considerava o amor o cerne de sua doutrina, pois esse sentimento era fundamental para o desenvolvimento de ações seculares e para o fiel poder chegar ao topo da vivência religiosa e ter a certeza de ser perfeito ainda em vida (ALMEIDA, 2005a).

Para Wesley, razão e fé se complementam. “O empreendimento educacional metodista nasceu dentro dos princípios teológicos e pedagógicos de John Wesley, o fundador do metodismo, movimento iniciado na Inglaterra entre 1725 e 1739” (HEITZENRATER, 1996, p.33).

Influenciado fortemente pelo iluminismo, o fundador da doutrina metodista adota uma concepção pouco usual, em que combina racionalismo e fideísmo⁴. Tal diretriz encerra o fundamento de sua abordagem filosófica ao fazer com que a educação contribua para amadurecer a fé, e esta, através da educação, torne-se responsável por transformar a sociedade. “A educação idealizada por Wesley tinha como meta reformar o caráter e formar a vida dos homens. A sua pedagogia estava centrada na graça universal de Deus, na democracia, nas obras de misericórdia, no trabalho, na santificação e no progresso” (ALMEIDA, 2005b, p. 16).

Em 1747 John Wesley fundou, em Bristol, Inglaterra, a primeira escola metodista denominada *Kingswood*, que atendia filhos de pregadores e de trabalhadores das minas de carvão. Seu projeto de educação envolvia a investigação dos métodos adequados de ensino, ou seja, como ensinar e o que fazer para ensinar, partindo do ponto fundamental de todo o processo, ou seja, a motivação. Corpo, mente, espírito e comunidade constituem elementos indissociáveis para a formação individual e sua capacitação. É a visão integradora da educação (formação integral)

⁴ Fideísmo (do latim fides, fé) é uma doutrina religiosa que prega que as verdades metafísicas, morais e religiosas, como a existência de Deus, a justiça divina após a morte e a imortalidade, são inalcançáveis através da razão, e só serão compreendidas por intermédio da fé. A ideia central do fideísmo é que as questões religiosas não podem ser justificadas por meio de argumentos ou provas, mas apenas pela fé (Wikipédia).

que se faz responsável pela mudança do indivíduo em sua totalidade. Assim, a educação seria vista como resultante da formação intelectual e da capacitação para a vida.

A iniciativa educacional metodista se expandiu entre 1839 e 1870 nos Estados Unidos, onde foram fundadas mais de 200 instituições de ensino com o propósito de difundir os princípios éticos do metodismo (RODRIGUES, 1995).

Devido à falta de pessoal disponível e preparado intelectualmente para a missão, bem como ao contexto sócio-político dos países referentes, inclusive do Brasil, não ser favorável à efetivação do projeto, somente depois do primeiro período imperial que as condições históricas no Brasil se tornaram adequadas à empresa missionária da Igreja Metodista norte-americana (MESQUIDA, 1994, p. 110-111).

Sendo assim, o Metodismo chegou ao Brasil em 19 de agosto de 1835 com o Rev. Fountain Elliot Pitts, jovem pregador que ao fazer uma viagem de reconhecimento nas principais cidades do continente foi muito bem recebido no Rio de Janeiro, pois trazia cartas de recomendação de Andrew Jackson, presidente dos Estados Unidos, e de Henry Clay, presidente do Senado Norte-Americano e membro confesso da Igreja Metodista, ambos pertencentes à maçonaria.

É portanto, inegável que o apoio de maçons de prestígio nos estados Unidos e no Brasil muito contribuiu para que o pastor Pitts cumprisse a sua missão. Aliás, na sociedade brasileira da época, sem classes sociais definidas e sem partidos políticos de expressão nacional, a maçonaria desempenhava um papel sócio-político de vanguarda. Nesse contexto, os missionários protestantes, denominados significativamente de “agentes” missionários, encontrariam não somente as “portas abertas” à obra evangélico-civilizadora, como receberiam ainda o apoio do poder público e de figuras de destaque no Rio de Janeiro, sobretudo comerciantes. É compreensível, pois, que além da reação isolada dos padres católicos ultramontanos e antimaçons, como Luis Gonçalves dos Santos e William Paul Tilbury, que já tinham antes escrito contra a maçonaria, ninguém sentiu-se perturbado pela presença dos metodistas (MESQUIDA, 1994, p. 114).

Dando continuidade à obra metodista no Brasil, destacamos que o primeiro missionário a atuar efetivamente foi Justin Spauling, que chegou acompanhado de sua família ao Rio de Janeiro em 29 de abril de 1836. Foi ele quem criou a primeira Escola Dominical Metodista no Brasil – a Escola Dominical Missionária Sul-Americana - que iniciou as aulas em maio do mesmo ano e tinha mais de 40 crianças e jovens divididos em quatro turmas dirigidas por quatro professores e quatro professoras, e as aulas eram em inglês ou português. Sua grande preocupação era com o trabalho de evangelização.

Ele explica que alguns amigos recomendaram e até pediram que abrisse uma escola, alegando que faltava na cidade uma escola de qualidade e que nas escolas existentes, com honrosas e raras exceções, as crianças aprendiam pouco, corriam demais e faziam muito barulho [...] (BARBOSA, 2005, p.14).

Ao enviar o pedido de aprovação da Sociedade Missionária para a abertura da referida escola, J. Spaulding justifica-se dizendo que a implantação de escolas com princípios liberais seria uma boa maneira de alcançar a população, pois muitas famílias que valorizavam a educação enviavam seus filhos ao exterior para estudarem. Enfatizando que a prioridade da missão seria o foco do projeto educacional, J. Spaulding diz:

Se pudéssemos prestar-lhes esse serviço, creio que com a bênção de Deus, talvez poderíamos nos aproximar deles para prestar-lhes um serviço maior, sim o maior dos serviços, o de encaminhá-los ao “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (NYCA, 05/08/1836 apud BARBOSA, 2005, p.15).

A Escola Metodista no final de 1836 contava com vinte alunos, não havia nenhum brasileiro, mas sim estadunidenses, ingleses e alemães (BARBOSA, 2005, p.15).

A escola no final de 1839 fechou as portas devido a Robert Mac Murdy e sua esposa Marcela Russel terem retornado aos EUA. Sem esses dois professores, com dificuldades no desenvolvimento do projeto e por estarem passando por uma forte oposição realizada pelo Padre Luís Gonçalves dos Santos, que através dos jornais e panfletos lançava calúnias contra o metodismo, a missão voltou-se para o atendimento aos imigrantes e para o trabalho de colportagem bíblica⁵.

Em abril de 1840 Cynthia Harriet Russel Kidder faleceu e seu esposo, com seus dois filhos, voltaram para os EUA. J. Spaulding ficou sozinho e em maio de 1841 a Sociedade Missionária resolveu encerrar a missão metodista devido a “O estado instável do país, a supremacia da religião católica, a falta de tolerância religiosa, as servis superstições que denominavam a população e o grande investimento financeiro já feito e sem visíveis resultados” (ARMS, 1841, p. 14 - 15 apud BARBOSA, 2005, p. 22).

Após a Guerra Civil (1861-1865), as condições históricas nos Estados Unidos voltaram a ser favoráveis à obra protestante no Brasil.

Após 25 anos de ausência dos obreiros metodistas no Brasil, em 5 de agosto de 1867 chegou ao Rio de Janeiro o Rev. J.E. Newman, que veio sem o apoio da

⁵ Colportagem é a distribuição de publicações, livros e panfletos religiosos por pessoas chamadas “colportores”.

Junta de Missões. No ano de 1871, por meio dos trabalhos do Rev. Justus Eastham Newman, os metodistas iniciaram as atividades permanentes no Brasil.

A implantação e expansão do metodismo no Brasil foram favorecidas por diversos fatores, tais como a desestruturação do país em todos os níveis (social, cultural, político e econômico) durante a segunda metade do século XIX e a abertura da elite progressista da Região Sudeste do Brasil para novas ideias e experiências inovadoras, ainda mais se essas fossem advindas dos Estados Unidos, já que essa elite encontrava-se seduzida pelas instituições e pelo sistema de valores da nação norte-americana. Outro fator que contribuiu para a implantação e expansão do metodismo como movimento educativo foi a ligação dos metodistas norte-americanos com a maçonaria, sendo que a trilogia maçonaria-educação-metodismo foi uma das especificidades da implantação em diversos países ibero-americanos (MESQUIDA, 1994). “Para os missionários, não havia dúvida de que a “regeneração do Império” seria “obra da Igreja (metodista) pela educação”. Esta era sua “causa”, sua “missão maior” (MESQUIDA, 1994, p. 133, 137).

Os missionários estadunidenses trouxeram para o Brasil elementos essenciais da religiosidade metodista, tais como a perfeição cristã como conduta ética e o texto bíblico como regra de fé, bem como a tradição e a educação como formas dos ideais religiosos. Os metodistas creem que os alicerces doutrinários e educacionais sustentam a proclamação de um cristianismo que se destina a modificar a sociedade brasileira (ALMEIDA, 2005a). Para os missionários metodistas que vinham para o Brasil, evangelizar e educar não eram práticas estanques, elas eram interligadas.

Com relação às escolas protestantes podemos destacar:

As razões para sua instalação não são filantrópicas, mas doutrinárias: o analfabetismo era empecilho ao aprendizado da doutrina protestante, calcada na leitura da Bíblia, de livros e revistas denominacionais. O canto dos hinos igualmente requeria pessoas alfabetizadas. Tais escolas floresceram bastante em áreas rurais, onde o controle da religião dominante era menor (DREHER, 2003, p. 25).

A Igreja Metodista se utilizou de quatro instrumentos complementares para a difusão de suas ideias e valores, sendo eles: a difusão da Bíblia; a pregação da Palavra; a escola dominical e a educação formal.

Para Mesquida, esses instrumentos tem a seguinte função:

1. A difusão de bíblias não somente era facilitada pelo respeito concedido ao Livro Santo pelas pessoas simples do povo em função de sua religiosidade difusa, mas era ainda bem aceita pela “classe política”, e pelos professores preocupados em obter livros de leitura para seus alunos. Se se levar em conta o fato de que uma das características da inquisição no Brasil foi o combate

contra a circulação das idéias difundidas pelos livros, a divulgação da Bíblia, veiculando bens de cultura, constituía um elemento importante de transplante cultural. Sobretudo na medida em que a elite dirigente não somente “aceitava” as Escrituras, mas a desejava. Além disso, a colportagem era também um meio hábil para associar evangelização e cultura.

2. A pregação da Palavra de Deus, seja nos lares quando do serviço religioso, ocasião em que os hinos representavam um papel muito importante de transmissão da mensagem religiosa de inculcação de uma nova concepção do mundo ligada ao sistema de valores protestantes norte-americano e de apelo emocional à conversão, seja pelo contato direto com pessoas de diferentes camadas sociais, não podia ser negligenciada, na qualidade de método de proselitismo tradicional do protestantismo.
3. A escola dominical, cuja função original foi a de ensinar os alunos a ler, escrever e contar, assumiu, aqui a dupla função de iniciar o prosélito nas doutrinas e crenças protestantes e de sustentar e conservar a fé dos adeptos da Igreja Metodista.
4. A educação formal sem discriminação racial, nem ideológica, destinada a todos aqueles que queriam (e podiam) aprender, foi sempre um instrumento privilegiado de penetração e de difusão do protestantismo, bem como de propagação de valores morais e de idéias à quais os protestantes achavam-se ligados. Assim, o metodismo iria transmitir as idéias e os valores próprios de uma sociedade particular: a norte-americana. (MESQUIDA, 1994, p. 115-116).

Os metodistas utilizam esses instrumentos para difundir a bíblia, a pregação e os princípios do liberalismo protestante, tendo como ideal sempre o modelo de sociedade protestante norte-americano.

Em 1875 a Igreja Episcopal do Sul enviou o missionário Rev. J. J. Ransom para ajudar o Rev. Newman. O Bispo Keener foi o supervisor da missão episcopal e Newman o superintendente.

Newman escreve em 15 de março de 1876 um relatório para à Junta de Missões dizendo que o Imperador é um homem aclarado que o Clero e o Governo estão em desordem por causa da maçonaria e muitas pessoas estão insatisfeitas com a Igreja Católica, sendo assim a porta está aberta principalmente para iniciativas educacionais (SALVADOR, 1982, p.37).

Neste mesmo ano o Rev. Newman recebeu uma carta do advogado Dr. Prudente de Moraes Barros, da cidade de Piracicaba, no estado de São Paulo, convidando-o a abrir uma escola e dizendo usar de sua influência para o bom êxito dessa. A missão de examinar a viabilidade da proposta de Dr. Prudente coube ao Rev. Ransom, que pensava em usar os 1.000 dólares doados pela Junta de Missões à obra no Brasil para a instalação da escola, sendo esse valor o suficiente.

O Colégio Newmam abre as portas em 1879 em Piracicaba, acolhendo dez alunos e ao final do ano, conta com 40 matrículas. A escola tinha como diretora a Senhorita Annie, esta e a Senhorita Mary eram professoras e filhas de Newman. Havia mais um professor de Artes e havia regime de internato e externato. O Colégio tinha

como “objetivos oferecer Evangelho e incentivar a tradução de hinos e de literatura religiosa” (SALVADOR, 1982, p. 39).

Em dezembro de 1879, Annie casou com J.J. Ransom e deixou a escola, que entrou em crise econômica e a matrícula caiu para 16 alunos. Os Newman fecharam a escola depois da morte de Annie e da enfermidade de Mary, que a afastou do educandário. Os Newman retornaram à zona rural e em 1889 voltaram para os EUA, mas os irmãos Moraes Barros e alguns amigos seguiram insistindo com a Igreja Metodista para que a escola fosse reaberta. Em razão dessa insistência, a sociedade de Missões Estrangeiras das Mulheres enviou a educadora Martha Hite Watts a Piracicaba em 1881, com a missão de recomeçar a obra educativa da Igreja. Martha Watts chega ao Brasil com uma carta de recomendação dirigida ao Dr. Manuel Moraes Barros, que a acolheu como sua hospede enquanto ela preparava a abertura do Colégio.

No dia 13 de Setembro de 1881, Miss Marta Hite Watts fundou em Piracicaba a primeira Escola Metodista no Brasil, uma escola para meninas, que abriu somente uma menina matriculada. A escola foi intitulada Colégio Piracicabano, em homenagem à comunidade local e para destacar o benefício dessa para os habitantes dessa cidade.

No Brasil, o decênio de 1880-1890 foi caracterizado por ser um período revolucionário. Houve muitas mudanças, tais como a campanha republicana acentuando-se cada vez mais e a escravidão negra se aproximava do fim. Por outro lado, o positivismo se expandia, a lavoura cafeeira prosperava se tornando o principal produto da agricultura brasileira e influenciava significativamente na balança cambial, na economia interna e nos quadros sociais.

[...] o sopro do liberalismo encontrava adeptos no seio das elites e da classe governante. O próprio D. Pedro II era propenso a certas mudanças. Apenas as camadas inferiores da sociedade permaneciam estranhas às novas ideias, sobretudo nas zonas rurais, incluindo até mesmo as de pioneirismo no Sul-Sudeste. Aqui, graças ao regime agrícola e ao fluxo imigratório, o ambiente facultava contatos e, em decorrência, espoucavam alterações no comportamento geral dos indivíduos, salvo quando estes viviam abstraídos em colônias específicas, de etnias uniformes. Nem os fazendeiros podiam ser extremados ou arbitrários, tanto mais que o sistema escravocrata caminhava para o remate final. E se vingasse a separação Igreja-Estado, menores seriam as barreiras a defrontar pelo protestantismo e a maior facilidade de que disporia visto que seu espírito se harmonizava bem como o da época em diversos aspectos (SALVADOR, 1982, p. 142).

Aproveitando o contexto favorável da época, ainda no século XIX, outras escolas foram organizadas no Rio de Janeiro - RJ; Petrópolis – RJ; Juiz de Fora – MG; Porto Alegre – RS e Ribeiro Preto – SP.

Logo a seguir daremos algumas informações históricas sobre algumas dessas instituições de ensino.

Colégio Piracicabano:

Foi fundado em 13 de setembro de 1881 por Martha Hite Watts. No primeiro ano “os esforços se dirigiam inicialmente a apenas uma aluna, Maria de Azevedo Escobar, quinze anos, filha de Antônio Gomes Escobar, jornalista responsável pela edição de um informativo de origem protestante “Palavras de Deus”” (ELIAS, 2001, p.55).

No ano seguinte o referido Colégio teve treze alunas inscritas. Miss Marta Hite Watts destaca que os exames públicos realizados pelo Colégio Piracicabano tinham a finalidade de despertar interesse na mente das pessoas a respeito da educação de suas filhas. Em 1883, a escola denotava um aumento expressivo nas matrículas, chegando a trinta e nove alunos. Esse fato a tornou representativa para a comunidade local.

Inicialmente, o Colégio funcionava em uma casa alugada localizada no Largo da Matriz, conforme podemos perceber na foto abaixo.



Figura 2 – Prédio alugado para o Colégio Piracicabano.

O prédio onde diz Pharmacia Normal, anteriormente funcionava o Colégio Piracicabano.

Fonte: ELIAS, 2001, p. 60.

Em 8 de fevereiro de 1883 foi lançada a pedra fundamental do novo prédio do Colégio Piracicabano, que se localizava entre as ruas do Ourives (atualmente Rangel Pestana) e Esperança (atualmente D. Pedro II). A cerimônia atraiu um público de diversos setores. Estavam presentes Francisco Rangel Pestana, Manoel de Moraes Barros, Prudente de Moraes e Alfredo Nardy, homens estes considerados representantes da vanguarda cultural e política da Província, o que transformou tal acontecimento em um evento político e religioso e evidenciou a ligação de Martha Watts e as elites locais (ELIAS, 2011, p. 59).

Em janeiro de 1884 foi inaugurado o novo prédio e o ano iniciou com a matrícula de oitenta e oito alunas. O prédio tinha várias salas de aulas, inclusive de música, um poço com água boa que era ligado à casa por uma passarela coberta e no andar superior localizavam-se os dormitórios e a capela. Segundo Martha Watss, ainda faltavam algumas comodidades como uma cozinha maior, banheiros regulares e privadas externas.



Figura 3 - Novo prédio do Colégio Piracicabano.

Prédio do Colégio Piracicabano com 918 m², construído em tijolo à vista e telhas francesas.

Fonte: ELIAS, 2001, p.61

Os metodistas trouxeram para o ensino brasileiro algumas inovações, tais como:

O Colégio introduziu também o sistema de coeducação, modelo das escolas norte-americanas, oferecendo ensino tanto a meninas como a garotos, atendidos no sistema de externato, com um curso de cinco anos. O curso primário usava o método intuitivo, com material concreto para o ensino da

matemática, com ênfase ao ensino das ciências em todos os cursos. (ELIAS, 2011, p.62).

Como podemos perceber, o Colégio Piracicabano inovou em relação ao sistema de coeducação e método de ensino, dando assim a possibilidade de um novo olhar para a educação brasileira.

Houve, desde o início, convergência entre as ideias educacionais dos missionários norte-americanos e as balizas do movimento republicano, do qual fazia parte a família Moraes Barros, cujos membros eram anticlericais e maçons. Ao se posicionar como escola protestante, porém não sectarista ou proseletista, O Colégio Piracicabano ganhou o apoio irrestrito dos Moraes Barros e de outros membros da elite local, que se alinhavam nas fileiras do Partido Republicano.

...Enfim, o Colégio Piracicabano deu abrigo as ideias humanistas e modernizantes que vicejaram em nossa nação no final do século XIX e início do século XX (ELIAS, 2001, p.9).

Muitas foram as inovações que o Colégio Piracicabano introduziu, tais como a coeducação, o método de ensino, o mobiliário, as classes individuais etc. Sabemos que algumas delas foram introduzidas no sistema de ensino brasileiro por meio da forte ligação de Martha Watts com homens de destaque político no Brasil.

Rio de Janeiro:

Para os primeiros missionários metodistas, a fundação de um Colégio no Rio de Janeiro era importantíssima para o êxito da missão da Igreja metodista no Brasil. Com o apoio da elite intelectual e política da região, compraram um Colégio na Capital do Império, uma escola particular dirigida por uma educadora norte-americana, Miss Eleanor Leslie Hentz.

Segundo J. L. Kennedy, os benefícios com a compra deste Colégio seriam:

- a. Nossa obra tornar-se-ia atraente para os estudantes e para seus pais;
- b. Ajudar-nos-ia a ganhar a confiança da elite;
- c. Permitir-nos-ia suprimir progressivamente os obstáculos que entravam a obra metodista e, conseqüentemente,
- d. Ajudar-nos-ia a anular a influência da Igreja Romana;
- e. Dar-nos-ia a possibilidade de poder convencer as pessoas de que somos portadores do bem;
- f. Este fato poderia engajar em nossa obra a classe à qual queremos anunciar a verdade do Evangelho;
- g. Finalmente, pelo fato dessa escola receber o patrocínio das melhores famílias do Império...poderíamos assumir o comando da educação feminina no Brasil, modelando a mentalidade das mulheres do país, o que contribuía para destruir os dogmas frágeis, mas tirânicos, de Roma (MESQUIDA, 1994, p. 149).

Em fevereiro de 1884 o Sr. Carlos Shalders, de acordo com a Junta de Missões da Igreja Metodista Episcopal do Sul, iniciou a escola diurna na cidade do Rio de Janeiro, que durou pouquíssimo tempo.

Quatro anos mais tarde a Sociedade de Missões Estrangeiras das mulheres comprou uma propriedade no Rio de Janeiro, situada na Rua das Laranjeiras à esquina da Rua Alice, e abriu a Escola do Alto, sendo esta a primeira ação das mulheres metodistas na Capital do Império,

A Escola do Alto, no Rio de Janeiro, foi inaugurada em 20 de fevereiro de 1888 e existiu por um curto período de tempo, como nos relata Barbosa:

Enquanto a Igreja e o trabalho escolar estavam se firmando e se desenvolvendo em Piracicaba, os amigos do Metodismo no Rio de Janeiro ficaram muito impressionados pelo fato que o trabalho educacional estava sendo completamente negligenciado na metrópole do país, e portanto a obra de evangelização ia muito incompleta. [...] Então acendendo à instância dos que mesmo naquele dia remoto reconheciam a urgência da necessidade de um internato para mocinhas na cidade do Rio de Janeiro, a Junta autorizou a compra de uma propriedade adequada a tal instituição. [...] as aulas foram abertas em 20 de fevereiro de 1888, sendo a Diretora Miss Mary Bruce, ajudada por Miss Martha B. Janes, outra missionária, e Miss Mary Prestige e Morris, professoras. Em agosto desse ano, chegou Miss Ella Granbery, filha do Bispo J.C. Granbery então Bispo em cargo; ela foi nomeada para a Escola do Alto e lá começou o seu trabalho missionário. [...] As aulas começaram com 21 alunas das quais 8 eram internas, e a matrícula do ano foi 50 (BARBOSA, 2005, p.92-93).

A escola tinha horário na parte da manhã e na parte da noite para o estudo bíblico, a fim “de imprimir nos corações das crianças alguma verdade”. A abertura das aulas era feita com a leitura e a explicação das escrituras, canto de hinos e orações. Devido à epidemia da febre amarela que atacou a cidade do Rio de Janeiro, não foi possível o desenvolvimento do internato e da Junta de Missões da igreja Metodista Episcopal do Sul e decidiu-se fechar o departamento interno da escola e transferi-lo para Juiz de Fora, onde já haviam solicitado a urgente implantação de uma escola feminina. Miss Mary Bruce e oito internas, em setembro de 1891 mudaram-se para Juiz de fora e a escola do Alto ficou a cargo de Miss Lula Ross, que a dirigiu até o final do ano, quando foi definitivamente fechada e o prédio posto à venda.

Os alunos do externato se tornaram alunos de um novo Colégio, o Colégio Americano Fluminense, que foi aberto em 1892 e fechado em 1914.

Com a eleição de Prudente de Moraes Barros à presidência da República e de Manoel Moraes Barros ao Senado (1894), as mulheres se motivaram para abrir uma escola em Petrópolis, capital do Estado do Rio de Janeiro e cidade onde a aristocracia e os políticos passavam as férias de verão. Com o apoio de Prudente de Moraes Barros, em 1895 foi aberto o Colégio Americano de Petrópolis, que em 1920 mudou-se para o Rio de Janeiro, perto da Igreja do Catete e do Palácio do Governo Federal e trocou o nome para Colégio Bennett.



Figura 4 – Prédio do Colégio Bennett.

Fachada do prédio do Colégio Bennett, em seus primórdios. Podemos perceber sua fachada luxuosa, característica dos prédios das escolas metodistas.

Fonte: BAGGIO, 2014.

Colégio Americano Granbery:

No final da década de 1880, a cidade de Juiz de Fora, situada na zona de café de Minas Gerais (Mata) e ligada à capital do País por uma estrada “moderna”, era um local adequado para fundar uma escola metodista, pois era um centro republicano e maçom e uma cidade em processo crescente de urbanização, apresentando necessidade de formação “moderna” para os filhos das camadas média, média superior e superior, a fim de que eles se preparassem e se adaptassem às mudanças políticas e sociais que aconteciam no Brasil. Havia ainda a significativa presença de estrangeiros da Inglaterra, da Alemanha e dos Estados Unidos que também apoiavam a obra. (MESQUIDA, 1994, p. 151).

O Colégio Americano Granbery, instalado na cidade de Juiz de Fora – MG em 1889, a terceira instituição de ensino metodista do país e um dos exemplos de fideísmo quanto ao modelo de sistema americano de educação implantado no decorrer do século XIX, localizava-se na chácara, 95, rua direita, sob a direção do

Rev. J. W. Wolling no prédio 10, Rua Santo Antônio. A escola iniciou as aulas em 8 de setembro de 1890, com J.M. Lander na direção, e teve quatorze alunos matriculados, sete internos e sete externos. No ano seguinte o Colégio mudou-se para a Rua do Comércio, 85 e fechou o ano com trinta e oito matriculados.

No ano de 1895:

O corpo docente estudou ampla e profundamente a organização do curso de estudos, e fez a classificação regular dos alunos. Deste trabalho resultou a completa reorganização do estabelecimento. Estabeleceram-se três seções distintas mas harmonizadas.

- 1- O Anexo Preparatório ficou tendo assim um curso bem graduado de três anos e uma classificação rigorosa de todos os meninos destas três classes.
- 2- O Ginásio tem um curso metódico de sete anos; compreendendo todas as matérias dos ginásios nacionais, sendo o curso modificado e seguido conforme os ditames da nova educação e instrução pelo sistema americano. As classes dos primeiros três anos do Ginásio funcionam regularmente em todo o sentido, as do quarto e quinto anos ainda com algumas irregularidades.
- 3- Igualmente, o Seminário foi organizado pelo Reitor, Rev. Sr. J. W. Tarboux, com um curso de três anos; e embora ainda não funcione perfeitamente há nove seminaristas estudando com bastante proveito.

Foi logo depois disto que resolvemos mudar a época das férias, de modo que agora damos os meses de julho e agosto em vez de dezembro e janeiro. Desde esta data de reorganização, o Granbery tem assumido uma dignidade e seriedade e importância verdadeiras; os alunos vão se desenvolvendo metodicamente; o Colégio vai adquirindo aceitação como estabelecimento de critério, moralidade, literatura e educação verdadeira (BARBOSA apud CRISTÃO EXPOSITOR, 06/06/1896, p.4).

O fim da monarquia produziu um clima de extremo otimismo em praticamente toda a sociedade brasileira, igualmente no seio metodista. Segundo o Rev. Tarboux, os acontecimentos do segundo semestre de 1889, tais como a separação de Igreja e Estado, a instituição da República e a maior liberdade de pensamento foram favoráveis ao trabalho dos metodistas, uma oportunidade ímpar para se ganhar o Brasil para Jesus Cristo. Segundo Tarboux, o sucesso do Metodismo no Brasil dependia do futuro da escola de Juiz de Fora (SALVADOR, 2005).

Segundo seus fundadores, "o fim básico da existência do Granbery é inspirar a vontade de pensar e ser livre para pensar". Nesta linha, foram criados, sobretudo na época do internato, vários grêmios literários que serviram de laboratório prático de aprendizagem de expressão verbal, oratória e de interpretação artística.

Vocacionado para ser uma instituição comunitária e solidária, o ideal mais amplo era transformá-lo na "Universidade Metodista no Brasil". Neste sentido, o programa de ensino estava harmonizado, de "maneira a mais completa, com as principais universidades americanas". Seu primeiro curso foi o de Teologia, fundado em 1890, pois a ideia era a de preparar pastores metodistas para "conquistarem o Brasil como um todo".

Na busca do ideal universitário, a Instituição teve no esporte uma de suas marcas mais notáveis. Atualmente, as atividades esportivas continuam ocupando lugar de destaque na educação granberyense e, por isso, uma área de 22.000 m² é destinada ao Centro de Educação Física e Esportes. Assim, fiel à sua origem vanguardista, já em 1904 criava os cursos de Farmácia e Odontologia, orientados segundo as melhores "Dental School", dos Estados Unidos.

Em seguida vieram as faculdades de Direito (1911) e Pedagogia (1928). Os cursos criados atendiam sempre às constantes reivindicações da comunidade. Esse nexos entre a instituição de ensino e a comunidade juizforana, que ainda hoje se encontra na Universidade Federal de Juiz de Fora, é uma das características marcantes na vida do Colégio.

Em 1939, após períodos de muitas crises, o projeto de universidade acabou-se, mas não o sonho, pois o ideal da volta dos cursos superiores permaneceu nos corações dos granberyenses (NETTO, 2015, s/p)



Figura 5 – O Colégio Granbery

Fachada do Colégio Granbery no ano de 1934, onde podemos perceber a pompa de seu prédio, com os pilares frontais característica dos prédios das escolas metodistas.

Fonte: LEMOS, 2012.

Foi num contexto de enfraquecimento da influência espiritual, moral e política da Igreja católica que os missionários protestantes chegaram ao Brasil, encontrando assim um contexto favorável para a missão.

O Colégio Granbery baseou sua prática em um ensino mais humano, democrático e liberal ao implantar uma educação científica, aberta e igualitária, que

se opunha ao ensino tradicional, rígido e livresco. Ainda que a cidade já estivesse vivenciando um processo de modernização com a formação de uma elite progressista e liberal, composta por progressistas, liberais e maçons, sendo esse um dos aspectos que fez os missionários metodistas elegerem Juiz de Fora para sua missão, era de se esperar que tal mudança progressista contrariasse a elite tradicional, aristocrática e católica da cidade.

Mesmo, assim na reunião das professoras missionárias em 1890, em São Paulo, estas chegaram à conclusão de que os Colégios têm servido para acabar com a ignorância, com os preconceitos contra o protestantismo e para levar o Evangelho às alunas.

No final do Segundo Império, nas áreas urbanas crescentes, houve um crescimento das escolas protestantes com um projeto educacional renovado, pois os filhos dos protestantes sofriam discriminação nas escolas públicas. Sofrendo forte influência das ideias pragmáticas e liberais norte-americanas, o projeto educacional protestante, vinculado ao projeto missionário, serviu como combustível para a nascente classe burguesa nacional (VALENTIN, 2010, p.68).

Devemos destacar que a missão metodista se dirigia a camadas específicas da sociedade e priorizavam cidades estratégicas do interior da Região Sudeste (exceção feita ao Rio de Janeiro) para estabelecerem suas escolas pioneiras, já que acreditavam não ser possível nas grandes cidades converter as classes sociais dominantes. Foram então priorizadas as cidades que se situavam na região onde era decidido o futuro político e econômico do país, tais como: Piracicaba, Ribeirão Preto (São Paulo) e Juiz de Fora (Minas Gerais). Essas cidades situam-se na região onde era jogado o futuro político e econômico do país:

- Piracicaba, na Província de São Paulo. A única cidade de importância, onde os presbiterianos não haviam ainda se estabelecido, distinguia-se: a) por localizar-se próxima à colônia dos imigrantes norte-americanos; b) como um dos principais portos de onde partiam os paulistas que se dirigiam às minas de ouro de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, pela via fluvial; c) como um centro republicano e maçom, a frente de combate de Manoel e Prudente de Moraes Barros.
- Juiz de Fora, por seu desenvolvimento econômico, sua influência política e sua posição geográfica estratégica, era, na época, o principal centro republicano e maçom da Província. Os pastores metodistas concebiam-se como o “Vaticano do Metodismo Brasileiro”.
- Rio de Janeiro, a capital do Império, era o centro da vida cultural e política do país e a Igreja Metodista, que aspirava ter ali uma “posição de influência dominante” para “construir a igreja do futuro do Brasil”, experimentou muitas dificuldades e fez um grande esforço para estabelecer suas instituições de ensino naquela cidade. Era também no Rio de Janeiro que a igreja Católica mantinha as mais influentes figuras de seu clero e seu principal periódico, O Apóstolo, O Rev. J. J. Ransom, o primeiro missionário enviado pela Junta de

Missões da Igreja Metodista Episcopal do Sul, em 1876, redigiu e publicou no Rio (1886), em resposta aos ataques de O Apostolo e do Padre Luiz Gonçalves dos Santos, o primeiro jornal oficial da Igreja Metodista no Brasil (com o sugestivo nome de O Metodista Católico), um periódico que deveria defender os princípios metodistas, propagar os valores e os ideais da civilização cristã (protestante americana) e a combater a “superstição” e “a ignorância” que, segundo os missionários, eram frutos do catolicismo. O Rev. Ransom usou, portanto, o jornalismo como um instrumento de ação pedagógica. (MESQUIDA 1994, p 125).

A localização das escolas era escolhida sempre priorizando os espaços onde moravam ou circulavam as elites políticas, econômicas e culturais da cidade, da região ou do país, para através dessas conseguirem influenciar tal classe social.

Outro ponto que era levado em consideração na construção das escolas metodista eram suas fachadas:

Porém, não é somente a localização de uma escola que é significativa; sua aparência também pode ter uma função pedagógica. Os missionários metodistas, mulheres e homens, sempre tiveram a preocupação de dar aos prédios destinados à educação uma aparência que poderia ao mesmo tempo distingui-los das outras casas de cultura locais e atrair a clientela potencial. Sua arquitetura reproduzia nas cidades da Região Sudeste do Brasil (numa época em que o processo de urbanização apenas começava) a fachada e a estrutura das casas brancas e sólidas dos fazendeiros do Sul dos Estados Unidos, distinguindo-as tanto dos “casebres” construídos pelo Estado, quanto das edificações barrocas das escolas católicas. (MESQUIDA, 1994, p. 132-133).

Esse aspecto fica evidente ao observarmos as fachadas das grandes escolas metodistas, tais como o Colégio Piracicabano, o Instituto Porto Alegre, o Colégio Centenário e o Instituto Educacional Passo Fundo, entre outras. Já que as escolas metodistas visavam à educação das elites, uma fachada sinuosa e pomposa era necessária para tal fim.

Segundo Mesquida (1993), a educação metodista tinha como objetivo principal a formação da classe dirigente e teve algumas importantes repercussões, como as seguintes:

1ª A “Reforma Rui Barbosa” teve como fundamento prático as observações feitas por Rui Barbosa na prática educativa do Colégio Progresso, no Rio de Janeiro, Colégio na época dirigido pelos missionários metodistas Kennedy e Tarboux. Foi através desses metodistas que Rui Barbosa relacionou-se com o chefe de Departamento da Educação dos Estados Unidos, o metodista John Eaton. Este enviou para Rui Barbosa livros e documentos que ele cita no seu relatório sobre o assunto (1º volume das obras completas de Rui Barbosa, o livro “Lições de Coisas” e documentos encontráveis na casa Fundação Rui Barbosa). O relatório reproduz no

conteúdo os programas de ensino e, na prática pedagógica, a pedagogia praticada nos Colégios Progresso e Piracicabano.

2ª “Reforma da Instrução Pública e da Escola Normal” efetuada pelos republicanos Rangel Pestana e Prudente de Moraes, com o auxílio de Caetano de Campos. Documentos e testemunhos comprovam que teve como referencial a prática pedagógica do Colégio Piracicabano. Miss Martha Watts foi convidada pelo Governador do Estado de São Paulo, Prudente de Moraes, para ser secretária da educação e assisti-lo na reforma que pretendia realizar na instrução em São Paulo.

A prática pedagógica a qual os republicanos queriam copiar era fundamentada no método indutivo, considerada inovadora se comparada ao método dedutivo que era empregado pelas escolas católicas e pelo Estado. Os Colégios metodistas eram vistos como escolas modelares da pedagogia moderna que funcionavam geralmente em prédios próprios, tinham quadros negros, mapas e microscópios e as matérias científicas ou profissionalizantes faziam parte do currículo. Elas eram ministradas por meio de lições curtas e graduadas, além das aulas simultâneas de matérias diferentes, do ensino das ciências exatas e naturais e do emprego do método intuitivo, condição legítima de harmonia às reivindicações dos intelectuais das elites liberais de nosso país (MESQUIDA, 1993).

Os princípios da educação protestante metodista, por sua vez, eram representados pela aceitação e pela difusão das ideias de progresso, do capitalismo, do individualismo e da presença do homem como transformador e construtor de sua história. Esse novo posicionamento se chocava com aquele abraçado pela Igreja Católica, que via o homem como coadjuvante no processo de construção de sua história. Segundo os princípios metodistas, cabia à religião, através da educação formal e da evangelização, retirar o homem de seu estado de ignorância, apontando-lhe novos caminhos. A devoção religiosa e a fé que caracterizavam os metodistas estariam ao mesmo tempo associadas à valorização do trabalho individual, encorajando o ganho econômico, a preocupação com a formação da liderança e da educação científica com práticas até mesmo positivistas. Não eram senão esses os princípios que encantavam os intelectuais, os novos burgueses, os republicanos, os anticlericais e os maçons brasileiros.

A missão metodista atraía uma população de baixa renda, mas a hierarquia da Igreja objetivava uma aproximação com a intelectualidade brasileira. Já que não conseguiram alcançar seu objetivo através da conversão, o caminho escolhido pelos

metodistas para tal fim foi a educação. É notório que a educação formal foi apoiada por representantes das elites e que as conversões desses não aconteceram como eram esperadas, não sendo possível então difundir com mais intensidade seus princípios religiosos.

4 - A Educação Metodista no Rio Grande do Sul

Desde o início do trabalho metodista no Rio Grande do Sul as instituições educativas tiveram um lugar de primazia, visto que os missionários sentiam a necessidade de alfabetizar o povo para poder ler as Sagradas Escrituras. A educação cristã com base evangélica era uma necessidade complementar da obra de evangelização para os filhos dos missionários.

A missão educativa metodista chegou ao Rio Grande do Sul com a mesma finalidade que nos outros estados do Brasil: através da educação conquistar novos membros para a Igreja Metodista.

Em 21 de Março de 1885 o ministro João da Costa Corrêa foi designado pelo Superintendente Geral do Metodismo Sul-Americano, Dr. Thomaz Wood, ao Rio Grande do Sul, para começar a missão metodista nesse estado.

No dia 27 de setembro do mesmo ano foi oficialmente organizada a primeira congregação metodista no Rio Grande do Sul, situada à Rua Dr. Flores, 91, em Porto Alegre, com seis membros, sob a jurisdição da igreja Metodista Episcopal do Norte da América, que mantinha a sede da sua missão em Montevideu (PINHEIRO, 1957, p. 181).

João da Costa Corrêa acreditava que as escolas serviam de valiosa ajuda ao trabalho de evangelização, pois através delas as crianças, jovens e adultos levavam às suas casas a semente do Evangelho.

Para os missionários metodistas, a obra educacional era fundamental para o estabelecimento da futura igreja, pois “pregai e ensinai eram os dois lados da moeda”. Para que o Brasil se “libertasse das trevas da ignorância” o projeto missionário

metodista incluía a disseminação do Evangelho pela pregação e pela educação, orientados pelos padrões norte-americanos (MATTOS, 2000, p.61).

Em 19 de outubro de 1885, na cidade de Porto Alegre, foi fundado o primeiro Colégio Metodista no Estado, o Colégio Evangélico Misto, que em 1889 passou a ser chamado de Colégio Americano. A Senhorita Carmen Chacon foi sua primeira diretora em 1885 e as aulas começaram com 3 alunos e finalizaram com 8 no ano seguinte as matrículas chegaram a 187. Também nesse ano foi inaugurada uma sala noturna para mulheres, que contou com 84 inscritas (JAIME, 1963, p. 23-24).

O colégio foi dividido em três: Colégio Evangélico Misto nº 1, localizado à Praça General Marques; o Colégio Evangélico Misto nº 2 situado na rua Riachuelo, 156 e o Colégio Evangélico Misto nº 3 localizado à rua Ramiro Barcelos. Após dois anos a matrícula dos três colégios juntos era maior que quatrocentos alunos (PINHEIRO, 1957, p. 181).

Em 1896 chegou ao Rio Grande do Sul, Miss H. M. Hegeman, que assumiu a direção do Colégio Americano.

Em 1889, com o falecimento da fundadora Carmen Chacon, a escola passou a ser supervisionada pela Divisão de Mulheres da Igreja Episcopal do Sul, dos Estados Unidos (EUA). Popularmente conhecido como Colégio das Americanas, a instituição passa a ser denominada Colégio Americano. Nesta época, o Americano era uma escola voltada apenas para meninas (COLÉGIO METODISTA AMERICANO, 2015).

Com êxito do Colégio Piracicabano em Piracicaba (SP) e do Colégio Americano em Porto Alegre consequentemente, com o alto conceito adquirido por ambos, a boa reputação deles se pulverizou para outras regiões do país, e a missão metodista no Brasil se alicerçou com a implantação de novos colégios, particularmente, nos estados de Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Grande parte da missão educativa metodista se projetou com escolas femininas, mas também se delineou através de alguns colégios para o sexo masculino (MATTOS, 2000, p.61).

Segundo Mesquita (1995), Mesquida (1994) e Boaventura (2005) a missão educativa metodista no Brasil, nos primeiros tempos, nas regiões sul e sudeste era evidenciada pela característica elitista, e complementava os interesses da nova classe dominante. As cidades escolhidas para a fundação das primeiras escolas eram cidades economicamente fecundas, premissa indispensável para uma educação elitizada. Cumpre-se, dessa forma, uma parte do projeto missionário de educação das elites, através da implantação de colégios em áreas estratégicas no sul e sudeste do país (MESQUITA, 1995, p. 28).

Segundo Mesquita (1994, p.141-142), das quinze maiores instituições metodistas, dez tinham como objetivo específico educar a mulher. Quando nos referimos a escolas destinadas à educação feminina, queremos dizer que o internato era somente feminino, embora na maioria dos casos também fossem aceitos alunos do sexo masculino, mas somente no regime de externato. As dez instituições educativas metodistas destinadas ao sexo feminino foram fundadas pela Sociedade Missionária de Mulheres dos EUA⁶ e as demais, pela Junta Geral de Missões⁷.

Para os missionários metodistas o regime de internato era o mais importante no que se refere a formação dos alunos, pois segundo J. Kennedy:

Nem os missionários, nem os membros da Junta estavam contentes com um simples externato na capital, pois compreenderam que as influências puras de um lar cristão, como deve ser um internato evangélico valeriam muito mais na formação dos caracteres das alunas do que um simples contacto com as professoras, por poucas horas durante as aulas (MESQUITA apud KENNEDY, 1994, p. 141).

Evidencia-se assim uma preocupação com a educação feminina, que mesmo formando para o lar, exhibe indicativos de abertura para o mercado de trabalho, o que encontra forte empecilho no contexto econômico e social da época.

Durante todo o século XIX, as mulheres tinham um papel importante na sociedade, embora dependente da figura masculina. Sendo papel da mulher a administração doméstica, incluindo criados, agregados e filhos, como também a tarefa de “receber”, visto que a vida social acontecia através das recepções em família, as festas, os saraus, para tal a figura da mulher era indispensável, sendo que seu comportamento, seu trajar, o requinte das recepções que organizava atestava o status

⁶ Organização que centraliza a ação das sociedades missionárias paroquiais e regionais, tendo por fim “elevantar a mulher, física, espiritual e intelectualmente pela educação liberal”. A Sociedade de Missões estrangeiras começou, a partir daí, a preparar intelectualmente as mulheres e a enviá-las ao estrangeiro.

As mulheres metodistas, pertencendo à denominação mais poderosa dos Estados Unidos e “conformadas” pela ideologia religiosa hegemônica na América (o metodismo), persuadidas de que elas se achavam no “centro mundial da civilização”, estavam convictas e sua vocação consistia em “transformar suas irmãs pagãs, ou melhor dizendo, “cristãs” (protestantes), por conseguinte, “civilizadas”. Acreditavam também que somente a ação educativa poderia “mudar os hábitos e o modo de vida das comunidades atrasadas”. (Falta a referência)

A Sociedade Missionária de Mulheres dos EUA, sob o lema “uma obra da mulher para a mulher”, representou a vanguarda do movimento metodista de educação no estrangeiro, especialmente no Brasil, colaborando com os missionários para o transplante cultural. Não é, portanto, surpreendente o fato de os Colégios pioneiros da Igreja Metodista no Brasil (salvo o Colégio Granbery) terem sido fundados e dirigidos por mulheres, sob o patrocínio da sociedade das Missões Estrangeiras (MESQUITA, 1994, p. 147-148).

⁷ Era responsável e ainda é pela arrecadação de fundos para os projetos missionários, bem como pela manutenção e administração de tais projetos (MESQUITA, 95, p. 95).

familiar, sendo fundamental que a mulher se preparasse para desempenhar tais papéis (MESQUITA, 1994, p 143).

Com o progresso econômico, as ideias liberais ganharam campo, trazendo o pensamento positivista, os republicanos e a maçonaria, que no Brasil encontraram solo fértil para vingar. As novas ideias iam contra a aliança entre o catolicismo e o Estado, o que favoreceu a implantação do protestantismo.

Foi nesse contexto que, em vários pontos do Brasil, abriram-se grandes educandários metodistas destinados à educação feminina tais como: Colégio Piracicabano (SP), Colégio Metodista de Ribeirão Preto (SP), Colégio Mineiro de Juiz de Fora (MG), Colégio Americano de Petrópolis (RJ), Colégio Bennett (RJ), Colégio Isabella Hendrix (MG) e Colégio Centenário (RS), enquanto apenas um internato masculino se projetava como escola de grande porte: O Instituto Granbery em Juiz de Fora (MG), que objetivava também a educação teológica. Outros Colégios metodistas que visavam a educação masculina com internatos foram o Instituto Porto Alegre, o Instituto Educacional de Passo Fundo, O Colégio União de Uruguaiana e mais tarde o Instituto Americano de Lins (SP), contudo, a grande ênfase foi nos internatos femininos nos quais a Sociedade de Mulheres investia grandes somas de dinheiro (MESQUITA, 1994, p.143).

O projeto educacional metodista, como podemos perceber, desenvolveu-se primeiramente na Capital do Estado com a fundação do Colégio Americano, sob a direção de Carmem Chacon, e após se expandiu para o interior do estado. Os Colégios metodistas no RS, criados na fase da expansão educacional da Igreja, foram, na capital, o Colégio Americano (1885), o Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista – IPA (1923) e, no interior, os Colégios União (1870 - 1908), em Uruguaiana, Educacional (1919), em Passo Fundo, Centenário (1922), em Santa Maria e, mais tarde em Jaguarão Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão (1942). Esses educandários mantiveram até o final da década de 1950 o setor de internato para atender os alunos que provinham de localidades onde não havia curso secundário.

Como podemos perceber, a missão educativa metodista no RS priorizou as cidades onde havia certa pujança econômica e social, igualmente ao resto do Brasil, segundo destaca Mesquida (1994).

A missão educativa metodista no Rio Grande do Sul tinha o Colégio Americano como referência para os demais Colégios de educação feminina e o Colégio IPA como referência para os de educação masculina.

A educação foi sempre uma das áreas de ação do metodismo rio-grandense. Em 1910, além do Colégio Evangélico Misto e do Colégio União, havia mais seis escolas paroquiais. Na sétima reunião da Conferência Anual Sul-brasileira, em 1915, recomendava-se a organização de escolas paroquiais onde fosse possível sustentá-las.

Algumas recomendações dadas pela comissão encarregada de estudar a relação das escolas diárias:

Na Conferência Anual Sul Brasileira, reunida em Porto Alegre, de 1 a 6 de setembro de 1915, foram tomadas as seguintes decisões relativamente aos Colégios e escolas paroquiais:

1º Recomendamos que a Conferência tenha somente duas escolas secundárias, o Colégio União, em Uruguaiana para o sexo masculino, e o Colégio Americano em Porto Alegre, para o sexo feminino. Fora destes Colégios nenhuma escola pode intentar instrução secundária.

2º Recomendamos que hajam escolas paroquiais para o ensino primário em todos os cargos onde for possível sustentá-las e achar pessoas competentes, membros das nossas igrejas, para dirigi-las; com tanto que nem os pastores, em plena conexão com a nossa Conferência, nem suas esposas, possam perceber emolumento algum desses Colégios.

3º Que seja reconhecida como escola paroquial, como estando em bases sólidas quanto ao seu sustento, a da Igreja Institucional de Porto Alegre, que prestará obediência e contas ao Concílio Missionário das Senhoras.

4º Que sejam reconhecidas como escolas paroquiais as de Cachoeira, Santana, Alegrete e Cruz Alta, contanto que a Conferência não fique responsável por qualquer dívida ou outra obrigação passada. Cada uma dessas escolas será regida por um professor ou professora a quem não se pagará mais de cento e cinquenta mil reis mensais.

5º Recomendamos que estas escolas relatem trimestralmente à Junta de Educação, sobre a receita e despesa das escolas.

Deve-se fazer relatório minucioso à Conferência Distrital do distrito em que são situadas as ditas escolas. A Conferência Distrital terá uma comissão, da qual o presbítero presidente será o presidente, para investigar da condição das escolas paroquiais e tomar conhecimento dos lugares onde pode se estabelecer novas escolas; recomendando a supressão de escolas onde não podem ser sustentadas como acima estatuído, bem como os lugares onde há mais urgente necessidade de abrir novas (BETTS, 2014).

Em diferentes períodos dos primeiros cem anos do metodismo gaúcho funcionaram, por algum tempo, Escolas Paroquiais de nível primário em Porto Alegre, Bento Gonçalves, Caxias, Cruz Alta, Passo Fundo, Erechim, Carazinho, Palmeira das Missões, Ijuí, Santo Ângelo, São Borja, Itaqui, Alegrete, Quaraí, Livramento, São Gabriel, Cachoeira do Sul, Osório e Pelotas (BETTS, 2007, p. 9).

As colaborações para os empreendimentos da Igreja Metodista vinham de diversos lugares, como observamos no Anuário das Sociedades Metodistas de homens do ano de 1949. Podemos identificar o destino dado às ofertas dos cultos: as do primeiro domingo – para os pobres; as do segundo domingo – para o pré-seminário,

as do terceiro domingo – para a Faculdade de Teologia, as do quarto domingo – para Missões e as do quinto – para o Lar Metodista. Podemos destacar a preocupação dos metodistas do Rio Grande do Sul para assuntos gerais, não só regionais, e seu grande interesse em difundir o Metodismo, dando atenção para a administração nacional, o Colégio dos Bispos, o Conselho Central, as Juntas Gerais, os Conselhos Superiores das Instituições de Ensino, os periódicos de publicidade e as Confederações.

O projeto metodista no Brasil se utilizava de vários meios para a evangelização do povo, mas o meio priorizado para conquistar crentes para a sua Igreja era a educação formal. Outro ponto de destaque foi que a educação formal obteve mais adeptos do que a igreja obteve fieis em todo Brasil (JAIME 1963, BOAVENTURA 2005, ALMEIDA 2007, PINHEIRO 1957, ROCHA 1967 e SALVADOR, 1882).

A seguir vamos descrever um breve histórico das principais escolas metodistas do Rio Grande do Sul. Elas seguiram o perfil da educação metodista no Brasil, mas cada uma apresentando as suas particularidades.

O Colégio Americano:



Figura 6 – Prédio do Colégio Americano.

Como as demais escolas metodistas, o Colégio Americano também funcionava num prédio pomposo, o que era uma das características das escolas dessa vertente religiosa.

Fonte: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rbs/image/16423754.jpg>.

Na cidade de Porto Alegre em 19 de outubro de 1885, foi inaugurado na rua Dr. Flores (Praça General Marques), 91, o Colégio Evangélico Misto, o primeiro Colégio metodista do estado do Rio Grande do Sul.

Um fato de extrema importância sucedeu-se com a inspeção realizada nesse educandário por uma comissão eleita pelo diretor da Instrução pública, Dr. Jaime Couto, para averiguar informações não verídicas que haviam sido recebidas a respeito desse colégio, mas a comissão só relatou no resultado de tal inspeção elogios a essa obra educativa (JAIME, 1963, p. 24).

Segundo J. Corrêa, o desenvolvimento do Colégio se deu:

Em princípios de outubro do mesmo ano abrimos ao público à Praça General Marques um Colégio misto que foi inaugurado com 3 alunos, e o número destes chegou a 8 no fim do ano que o clausuramos para reabri-lo no mês de janeiro ao ano próximo. Neste mês abrimos as portas do Colégio com o número de 12 que foi aumentando semana após semana e quando chegamos ao mês de maio, tínhamos número superior a 100 e quando terminou o ano letivo 187 crianças de ambos os sexos prestando exame das matérias do programa de ensino, que além das matérias referidas, se praticavam os cânticos religiosos que as crianças gostavam de cantar a cada instante e a leitura do novo testamento no começo dos trabalhos diários. Durante o ano inauguramos uma escola noturna para mulheres pobres e o número foi acrescido, contando uma matrícula de 84. Essa escola funciona todas as noites com grande proveito para as alunas. É nos grato mencionar aqui, que presentemente existe numa das povoações perto da capital uma dessas alunas dirigindo uma escola pública, havendo tido a primeira parte dos seus estudos em a nossa humilde escola, conservando ela ainda as impressões recebidas na prática dos nossos trabalhos evangélicos.

Como essa, muitos outros alunos há que nós sabemos existem que conservam as mesmas impressões e simpatias pela causa do Senhor adquiridas em nossas escolas (BARBOSA apud TESTEMUNHO, 01/03/1905, p. 66-67).

O Colégio Evangélico Misto foi dividido em três: Colégio Evangélico Misto nº 1, localizado à Praça General Marques; o Colégio Evangélico Misto nº 2, situado à rua Riachuelo e o Colégio Evangélico Misto nº 3, localizado à rua Ramiro Barcelos. Esse desdobramento só foi possível devido ao auxílio de três novos missionários que chegaram ao Rio Grande do Sul, Sr. Vicente Brande, D. Paulina Ladevezze e o Sr. Justino Coelho Junior.

No ano de 1896 chegou mais uma missionária, Miss H. M. Hegeman, que assumiu a direção do Colégio Misto, em 1889, com o falecimento da ex-diretora Miss Chacon. A escola passou a ser supervisionada pela Divisão das Mulheres da igreja Episcopal do Sul, dos EUA, mudando seu nome para Colégio Americano e fazendo provisão de fundos e de professoras para a continuação do trabalho educacional.

O Colégio Americano inicialmente foi marcado pela participação de muitas mulheres em cargo de destaque em sua gestão e essas desenvolveram um projeto

de educação que se preocupava com a formação da mulher e com as classes menos favorecidas.

Em março de 1901 assumiu a direção do Colégio Americano Miss Mary Pescud, que substituiu Miss Hegeman, e em setembro chegou Miss Della Writh. Miss Pescud em 1903 foi acometida por uma enfermidade e voltou para a América do Norte, e em setembro assumiu seu lugar Miss Clara Fullerton, que acabara de chegar. O Colégio Americano retornou à praça Gal. Marques. Cinco anos mais tarde, Miss Elizabeth Lamb assumiu a direção do Colégio, já então instalado a Rua Duque de Caxias, em um prédio de dois andares. Em 1915 ela foi substituída por Miss Elma Morgan e em 1916, por Miss Eunice Andrews, que mais tarde deu início à obra educacional em Santa Maria.

De acordo com as recomendações dadas pela comissão encarregada de estudar a relação das escolas diárias na Conferência Anual de 1915, podemos perceber que a missão metodista tinha preocupação com a educação primária, mas que essas escolas eram bem vindas desde que não trouxessem despesas à Igreja, mas sim fiéis para a Igreja. Também podemos perceber que havia somente dois Colégios com ensino secundário pertencentes à Igreja Metodista no Rio Grande do Sul nesse ano.

O Colégio Americano funcionou por “[...] muito tempo em casa alugada, mal instalado e sem as adaptações às necessidades de uma boa escola, o Colégio lutou com grandes dificuldades, que foram sendo superadas pouco a pouco” (PINHEIRO, 1957, p. 188). Mas no ano de 1920, em comemoração ao Centenário das Missões da Igreja Metodista, o Colégio recebeu uma doação da Igreja Metodista dos EUA. Miss Mary Sue Brown era diretora do Colégio e comprou um terreno na Avenida Independência, adaptando-o às necessidades do educandário.

Em 1922, Miss Brown começou a construir um novo prédio escolar que foi denominado de Ipiranga em homenagem ao Centenário da Independência do Brasil. Ela reformou o antigo prédio e o transformou em um internato para as meninas. No ano de 1926, por decreto federal, o Colégio Americano obteve a designação de “Ginásio”, sendo o primeiro no Rio Grande do Sul a oferecer o curso ginásial para moças. No ano de 1932, por lei federal, conseguiu a Inspeção Preliminar para as cinco séries ginásiais em pleno funcionamento e no ano de 1935 conseguiu a Inspeção Permanente. Em março de 1943, o Colégio obteve a denominação de “Colégio”, obtendo a classificação de “Excelente” (PINHEIRO, 1957, p.189).

No ano de 1938 foi comprado um terreno de 19 000 metros quadrados no Bairro Petrópolis onde se ergueu o prédio do Colégio, e posteriormente o terreno foi acrescido de mais 4000 metros. Em 1943, Miss Mary Brown começou outras obras que foram finalizadas em 1945. O fundo de construções que era formado inicialmente de pequenas doações foi reforçado com a grande doação de 80 000 dólares realizada por Annie Merner Pfeiffer, que era membro da Sociedade Metodista de Senhoras, nos Estados Unidos, em memória de seu falecido esposo. Estas novas construções constam de um edifício de aulas, outros para o internato, um “gymnasium” e uma capela. O “campus” é todo arborizado, com um moderno pátio de recreio e área própria para ginástica, desportos em geral e uma piscina. (PINHEIRO, 1957, p. 189).

O Colégio Americano, no ano de 1945, oferecia os seguintes cursos: jardim de infância, Primário e Admissão ao Ginásio, Secundário (Ginásio e Científico), Curso de Economia do Lar, Conservatório de Música, Curso de Pintura e ainda uma Escola Noturna Gratuita, que incluía Curso Primário, Datilografia e Corte e Costura, que era uma colaboração com a campanha nacional contra o analfabetismo.

No final do ano de 1949 assumiu a reitoria do Colégio Miss Mary Helen Clarck.

Em 1952, o Colégio Americano criou o primeiro curso de Secretariado do Brasil, que formava professores primários e de dietética. Posteriormente foi criado o curso de Dietista Escolar. Em 1967 foram extintos os cursos de Dietista e de Economia do Lar, que foram substituídos pelo Curso Técnico Industrial de Alimentação. O ano de 1973 foi de suma importância para a atual história da Rede Metodista de Educação IPA, pois foi criado o Instituto Metodista de Educação e Cultura (IMEC), que passou a ser a entidade mantenedora do Colégio Americano e da futura faculdade. Em 1974 o Colégio passou a adotar o sistema misto no Primeiro Grau e no ano de 1977 que todas as turmas do Colégio passaram a ser mistas. A Faculdade de Nutrição obteve o seu reconhecimento em 1982. No ano de 1994 o Museu Histórico Bispo Isaac Aço foi criado com o objetivo de preservar a história de instituição.

Em 2002 o Colégio Americano foi integrado à Rede Metodista de Educação IPA, junto com o Colégio e Faculdade IPA e o Colégio Metodista União de Uruguaiana. No ano de 2003 as Séries Iniciais e o Ensino Fundamental do antigo Colégio IPA foram integrados ao Americano e em 2004 o IPA passou a abrigar apenas os cursos de graduação da rede, quando os estudantes do Ensino Médio do antigo Colégio passam a estudar no Americano. Em outubro de 2005 foi criada a Rede Metodista de Educação do Sul, através da integração do Instituto Metodista Centenário com o

Instituto Metodista de Educação e Cultura, o Instituto Metodista União de Uruguaiiana e o Instituto Porto Alegre (COLÉGIO METODISTA AMERICANO, 2015).

Instituto União:

Considera-se o ano de 1908 como o da fundação do Colégio União de Uruguaiiana pela Igreja Metodista, sendo esse o ano em que a Igreja o adquiriu por compra do senhor Aleixo Vurlod, que foi seu fundador no ano de 1870.

Aleixo Vurlod, de nacionalidade francesa, veio para a cidade de Uruguaiiana como guarda-livros, através da Argentina, onde casou-se. Havendo grande falta de escolas naquele tempo, foi solicitado a lecionar a um pequeno grupo de meninos. Sendo de origem evangélica, de tradicionais reformados suíços, os seus métodos de ensino agradavam a todos os que eram liberais. Vendo o interesse que despertava o seu trabalho diuturno e paciente, num tempo em que havia escassez de livros escolares e didáticos, consagrou-se, então ligeiramente ao ensino e, por longos anos, a sua escola foi a pioneira da cidade. O crescimento da matrícula e o caráter que deu à sua escola levaram o velho professor a construir um sobrado não muito alto nem muito grande, que existe ainda em nossos dias, para onde transferiu o Colégio União do seu primitivo local (PINHEIRO, 1957, p. 190).

Depois de mais de trinta anos de vida docente, Aleixo vende sua escola para os ministros metodistas norte-americanos Bispo W. R. Lambuth e o missionário Rev. Joahn W. Price. A escola, passando a pertencer à Igreja Episcopal do Sul, troca sua denominação para Colégio União e mais tarde para Instituto União.

No ano de 1910 foi construído o primeiro prédio de aulas em novo local, e o Colégio recebeu novos professores, sendo eles Rev. Terrel, Dr. Weaver, D. May Terrel, Oswaldo Silva e Adolfo Ungaretti. “O Colégio União ganhou novo prédio e sua matrícula no ano de 1912 era de 242 alunos” (PINHEIRO, 1957, p. 191). Podemos observar que o Colégio União, após passar sua direção para a Igreja Metodista, prosperou tanto na parte predial como no número de alunos.

No ano de 1914 houve poucas alterações no quadro dos obreiros no Rio Grande do Sul, sendo que José Kokot assumiu a reitoria do Colégio União (1914-1915). Em 1916 assumiu a direção por dois anos o Dr. Weaver.

Em 1918 era diretor do Colégio União o Rev. G. D. Parker (1918-1919), que também era presidente do Distrito de Uruguaiiana. No ano de 1919 aconteceu a nomeação de H. I. Lehman para a reitoria do Colégio União em Uruguaiiana (1919-1920-1921).

Em 1921 estavam na direção H.I Lehman e WR. Schisler, sendo que Schisler ficou de 1922-1929 na reitoria desse educandário. No ano de 1923, o Colégio União

recebeu a ajuda do missionário Rev. James E. Ellias, que veio dos Estados Unidos para ajudar na missão no Rio Grande do Sul e endossou o corpo docente do Colégio. O Colégio União trocou sua reitoria em 1929, assumindo o ministro James E. Ellis (1929-1935), e também foi nomeado como professor o Rev. Davi Medeiros.

Segundo o relatório anual da Igreja Metodista em 1933, no Rio grande do Sul, a Igreja mantinha - entre Colégios e escolas paroquiais - 10, alunos -1472 oficiais e professores - 372.

Podemos observar que o Colégio União teve uma sucessão de homens metodistas de destaque em sua direção que fizeram muitos progressos no referido Colégio, mas segundo Pinheiro, em 1957 a direção do prof. Guilherme Mylius se destacou.

Foi, entretanto, na administração do prof. Guilherme Mylius que o União teve sua capacidade grandemente aumentada com a construção do prédio que denominaram de “Carlos Trein”, em homenagem a um grande amigo do Colégio e grande amigo de Uruguaiana. Este novo prédio de aulas veio aliviar grandemente o antigo existente e proporcionar o aumento da matrícula, que vinha num crescendo constante. Ainda, um outro prédio haveria de tomar o União um grande Colégio na fronteira. Foi o “Gymnasio” para desportos e educação física, iniciado na administração do prof. Waldemar Arruda, pelo ano de 1946, ainda não plenamente completado, devido ao grande custo e suas enormes proporções.” (PINHEIRO, 1957, p. 191).

Outro ponto de singularidade da cultura escolar comum às escolas metodistas no Brasil é a presença de ginásios de esporte nos Colégios, que também eram utilizados para a prática de ginástica nas aulas de Educação Física.

Em 1955 assumiu a reitoria do Colégio União em Uruguaiana o Rev. Wilbur K. Smith, que acabara de regressar dos EUA.

No ano de 1957 o Instituto União registrou uma matrícula de mais de 1000 alunos, divididos nos cursos diurnos e noturnos. O Instituto oferecia curso primário e secundário do 1º e 2º ciclo, Escola de Comércio Noturna e Escola Normal. O União tem sistema de internato e externato para ambos os sexos (PINHEIRO, 1957, p. 191).

Mas o grande impulso na obra educacional da Igreja Metodista no Estado veio por ocasião das celebrações do Centenário das Missões Metodistas dos Estados Unidos e do Centenário da Independência do Brasil, quando surgiram mais três educandários de nível regional: o Instituto Ginásial de Passo Fundo, em 1919; o Colégio Centenário em Santa Maria, em 1922; e o Instituto Porto Alegre, em 1923.

Instituto Ginásial de Passo Fundo:

O missionário norte-americano Rev. Jerome Daniel era pastor da Igreja Metodista de Passo Fundo, no ano de 1919. “Tanto a Igreja como a cidade naquela época ofereciam perspectivas apenas razoáveis para o futuro. A igreja dispunha de um templo novo, mas pequeno, e a congregação era formada ainda de poucas famílias” (PINHEIRO, 1957, p.192). Logo o Rev. Daniel sentiu a necessidade de completar o trabalho de evangelização com uma escola paroquial, já que recebia muitos pedidos por parte dos metodistas e de pessoas amigas da Igreja.

A Câmara Municipal de Passo Fundo ofereceu à Igreja Metodista a antiga Praça Boa Vista para instalar o Colégio Modelo. As aulas da escola paroquial iniciaram em 15 de março de 1919 sob a direção do Rev. J. W. Daniel, em um pavilhão de madeira, nos fundos da Igreja. O número de alunos, 91, excedeu as expectativas e mesmo a capacidade do pavilhão, sendo necessário dividir o Colégio em duas seções. Para tanto, a igreja adquiriu um prédio à Rua Paisandú, nos fundos da Praça Boa Vista, para onde transferiu a seção dos meninos, continuando a das meninas no pavilhão atrás da igreja. O Rev. Daniel Lander Betts, com a ajuda vinda dos alunos da Universidade de Texas, construiu dois prédios, o Prédio Texas com onze aulas, duas para Administração e Secretaria do Colégio, uma Biblioteca, um Auditório e o Prédio Daniel para o internato masculino, com capacidade para 50 alunos e residência do diretor do mesmo, que deu o nome de “Daniel” para o internato e de “Texas” para as aulas.

Recebeu os méritos da construção o Rev. Betts, que substituiu o Rev. Daniel no pastorado da Igreja e na administração da escola. Foram colaboradores nessa fase o Professor Germano Petersen, a Professora Odete Oliveira e a professora Eula Harper.

O referido Colégio funcionou até o ano de 1942 com a denominação de Instituto Ginásial de Passo Fundo, e no ano de 1943 passou a denominar-se Instituto Educacional de Passo Fundo.

O prof. William Richard Schisler colaborou muito com o Instituto, podemos perceber sua contribuição pelas palavras de Pinheiro (1957, p.194):

O “Estadium”, em vias de conclusão, como um complemento do “Gymnasium”, há muito construído, pioneiro de construções desse tipo em os educandários gaúchos, e mais um edifício para residência de professores, com enfermeira para alunos, e aumentos diversos nos prédios já existentes, constituem o esforço do prof. Schisler para que o I. E. possa atender os pedidos de matrícula para os seus mil alunos, dos quais 200 internos.

As escolas metodistas não se preocupavam somente com a formação intelectual dos alunos, mas também com o seu desenvolvimento físico, já que a presença de ginásios nas escolas era comum e a prática de esporte era muito incentivada. Durante muitos anos havia olimpíadas intercolegiais nas escolas metodistas, nas quais as escolas disputavam entre si em diversas modalidades de esportes, tais como futebol, vôlei, basquete etc.

Outra prática escolar do Instituto Educacional Passo Fundo era:

O Escotismo é grandemente incentivado, através da associação de escoteiros Botucaris. Sadio e patriótico o escotismo é uma escola de saúde, amor à Pátria e à honra, em que os rapazes e meninos aprendem a se desenvolverem para a vida. A associação foi fundada em 1932 pelo prof. José Gomes de Campos e mantém os três ramos do movimento escoteiro: Lobinhos, escoteiros e Seniores. Dispõe de todo o material para a prática do escotismo e, anualmente realiza muitas excursões e acampamentos. Possui, também, sede própria, que muito facilita a realização de seu programa de formação moral dos alunos que a ela estão filiados (PINHEIRO, 1957, p. 194).

As escolas metodistas almejavam educar a elite das cidades e o escotismo era uma prática que ajudava a moldar o caráter dos alunos para melhor dirigirem a sociedade no futuro, assim como desenvolver o amor à pátria e o respeito ao próximo.

Em 1957 o instituto também contava com vários cursos para alcançar tais objetivos, como: Jardim de Infância, Primário, Admissão, Ginásial, Científico, Clássico e Escola Técnica de Comércio, e seus professores na maioria eram evangélicos.

Colégio Centenário:

Não podemos deixar de destacar a ajuda vinda de terras distantes para auxiliar a obra metodista no Rio Grande do Sul

A 27 de Março de 1922, a Sociedade Metodista de Senhoras, dos Estados Unidos, teve por bem fundar em Santa Maria um grande Colégio destinado à educação aprimorada das meninas gaúchas. Deu-se à nova instituição de ensino o nome de Colégio Centenário, em homenagem ao Centenário das Missões metodistas e ao da emancipação política do Brasil. O novo educandário iniciava suas aulas com 7 alunos apenas, 2 meninos e 5 meninas, sendo 3 internos e 4 externos. Miss Eunice Andrew foi sua fundadora e Miss Louise Best veio auxiliá-la (JAIME, 1963, p. 107).

O referido Colégio recebeu o nome de Centenário devido à comemoração dos 100 anos das missões metodistas que coincidiram com a passagem do primeiro centenário da emancipação política do Brasil.

Segundo Pinheiro (1957, p. 196,) “no dia 7 de setembro o solo foi sulcado para o começo da construção do primeiro prédio de aulas e internato, que recebeu o nome

de Eunice F. Andrews”. O primeiro ano da escola foi muito frutífero, pois começou com sete alunas e acabou o ano com 50, das quais 15 eram internas.

O Colégio Centenário seguia o preceito de “educa a criança no caminho em que deve andar e quando for grande não se desviará dele”. Suas alunas internas, antes de começarem as tarefas diárias, recebiam seu alimento espiritual e uma vez por semana todos os alunos assistiam à assembleia no auditório da escola (JAIME, 1963, p.108).

O Colégio Centenário de Santa Maria, no ano de 1923, contava com a cooperação das professoras Branca Lopes da Rosa, Berta Kokot, Aura Gonçalves, Constantina Martinez, Lucila Martins, Luiza Blanco, Esther Knorr, Antonina Rodrigues e Eunice Ferraz. Nesse ano também houve a inauguração do auditório do Colégio.

Na Conferência Anual do Rio Grande do Sul do ano de 1926, que ocorreu na cidade de Uruguaiana, foram nomeadas para o corpo docente do Colégio Centenário Miss Mabel Jeton e Miss Gertrude Kennedy. Nesse mesmo ano se formou a primeira turma de alunas e coube a elas a escolha do lema do Colégio, que foi: “Educai a mente a pensar, o corpo a agir e o coração a sentir” (PINHEIRO, 1957, p. 196).

Em 16 de julho de 1934, depois de 12 anos de trabalho em prol da educação, o Colégio conseguiu a inspeção federal preliminar.

No ano de 1937 segue à frente do Colégio Centenário Miss Berta Simmons. Estão licenciadas desse educandário Miss Louise Best, Miss Fanny Wasly e Miss Monta Mc Faddin.

Ao lado do primeiro edifício construído foi erguido, em 1942, o prédio 10 de novembro, onde se localiza o auditório Alice Denison.

Em 31 de agosto de 1943, pelo Decreto nº 13 291, o Centenário passou a funcionar sob o regime de Inspeção Permanente e pelo Decreto nº 20 944, de 9 de abril de 1946, o Centenário foi autorizado a funcionar como “Colégio”, podendo então oferecer os cursos Clássico e Científico aos seus estudantes.

Em 1949 voltou para o Colégio Centenário Miss Louise Best e se afastou Miss Mary Sue Brown para tratamento de saúde.

No ano de 1951 foi construído o prédio Elisabeth Lee, composto de salas de aula, biblioteca e salas especializadas para as aulas de Desenho e Música e em 1952, para auxiliar a obra educacional no Colégio Centenário, chegou Miss Mary Curtiss. Em 1954 Miss Florence Ford assumiu a reitoria.

Como em outras instituições educativas metodistas, o Colégio Centenário possuía as atividades extracurriculares dos grêmios, literário, religioso, de diplomadas, cívico, etc.; as quais eram parte integrante do programa do Colégio. Dentre as atividades, cabe salientar que o Clube de Inglês além de atender as alunas atendia também pessoas da comunidade interessadas no aprendizado da língua (PINHEIRO, 1957, p. 197).

Assumiu a reitoria em 1954 do Colégio Centenário Miss Florence Ford e em 1972, foi construído o edifício Herta Puhlmann Chagas, onde eram ministradas as aulas da Educação Infantil. Em 1960, a comunidade centenarista passou a dispor de um espaço para reflexão e oração com a capela Branca Lopes da Rosa.



Figura 7 – Prédio do Colégio Centenário.

O prédio do Colégio Centenário foi construído com tijolo à vista, e com os pilares, características comuns aos prédios das escolas metodistas.

Fonte: <http://www.cogeime.org.br/wp-content/uploads/2014/12/Colégio-Centenário.jpg>.

O Instituto Porto Alegre – IPA:

Em 1919 chegaram ao Brasil o Bispo Metodista John Monroe e outros missionários da Faculdade de Teologia da Southern Methodist University, Dallas, EUA, com a finalidade de fundar uma escola metodista em Porto Alegre.

Em 1923 foi fundado o Porto Alegre College, com a finalidade de proporcionar à mocidade gaúcha o desenvolvimento intelectual, físico, moral e espiritual sob a influência cristã, sendo seu reitor o missionário João R. Saunders. Funcionava em

regime de internato e externato, atendendo apenas estudantes do sexo masculino. As aulas começaram em um prédio alugado, situado à rua Mal. Floriano, 79, com 24 alunos, sendo quatro deles aspirantes ao ministério da Igreja. Nesse mesmo ano iniciaram as aulas da Escola Bíblica, destinada à preparação dos ministros, e seu reitor era o Rev. James M. Terrell, presbítero-presidente do distrito da capital. Em 1924 foram inaugurados, no morro Petrópolis, os dois edifícios principais do Porto Alegre College, o do internato e do externato. Eram seus primeiros cursos: Primário, Ginásial e Bíblico.

No Instituto Porto Alegre assumiu como reitor o professor Allan K. Manchester (1925-1926) e como vice-reitor no ano de 1925 o professor J. Earl Moreland. O professor J. Earl Moreland foi reitor do Porto Alegre College de 1927 a 1933.

Um curso comercial foi fundado em 1927, transformado em 1935 em Escola do Comércio e, mais tarde, em Curso Superior do Comércio.

Em 1928 a Escola Bíblica do Porto Alegre College se tornou Faculdade de Teologia, segundo os mesmos moldes da Faculdade do Instituto Granbery. A instituição em 1932 contava com o apoio dos docentes J. E. Moreland, Antônio Rolim e Sante Uberto Barbieri, que se tornou reitor da Faculdade, guia espiritual do Colégio e orientador do curso Pré-Seminário. A Faculdade de Teologia em 1937 foi transferida de Porto Alegre para a cidade de Passo Fundo, seu reitor era o ministro Barbieri e o vice-reitor o ministro Wesley Moore Carr. O referido reitor em 1939 deixou Passo Fundo a fim de assumir a reitoria da Faculdade de Teologia de Buenos Aires.

A partir de 1937, passou a denominar-se Instituto Porto Alegre - IPA por determinações do governo Getúlio Vargas, cujos princípios nacionalistas, apregoados e levados a efeito durante o Estado Novo, determinavam a substituição de expressões estrangeiras.

Em 1942, o reitor do Instituto Porto Alegre firmou contato com a Prefeitura Municipal de Jaguarão para a fundação de um estabelecimento de ensino primário e secundário nessa cidade, sob a denominação de Instituto Porto Alegre - Departamento de Jaguarão.

Em 1953 era vice-reitor o professor José Gomes de Campos. Assumiu a reitoria do Instituto Porto Alegre o Rev. Daniel Lander Betts, em 1954.

Em 1967 deu-se a abertura de matrículas para moças em todos os seus cursos (antes só havia nos cursos Primário e Técnico de Contabilidade); o Ginásio passou a

ser orientado para o trabalho (GOT) e iniciou-se o Colégio Profissionalizante. O Curso Comercial passou a funcionar em três turnos, manhã, tarde e noite.

Em 1971 o IPA ingressou no ensino superior com a Escola de Educação Física, e em 1972, foi iniciada a campanha de Construção da Piscina Térmica, dotando assim o edifício de três andares, com sauna, salas de estética, salas de fisioterapia, lancheria e outros.

No ano de 1980 abriram os cursos superiores de Fisioterapia e de Terapia Ocupacional. Esses dois, juntamente com o curso de Fisioterapia, formaram a Faculdade de Ciências da Saúde do Instituto Porto Alegre.

Em 2002 os Colégios metodistas Americano e IPA, de Porto Alegre, e União, de Uruguaiana, integraram-se sob a denominação de Rede Metodista de Educação IPA – RME-IPA. Desde então, essas três instituições centenárias têm unido esforços na consolidação do conceito de uma única rede de educação metodista no Estado do Rio Grande do Sul. A rede também foi composta pelo Centro Universitário Metodista-IPA, autorizado pelo Ministério da Educação em setembro de 2004.

Em 2006, foi criada a Rede Metodista de Educação do Sul – RME – RS, através da incorporação do Colégio Centenário e da FAMES – Faculdade Metodista de Ensino Superior, de Santa Maria.

Atualmente todas as instituições educacionais metodistas do Brasil formam a Rede Metodista de Educação. Hoje o Centro Universitário Metodista-IPA conta com 34 cursos de graduação.



Figura 8 – Prédio do Colégio IPA.

O prédio do IPA é um prédio pomposo e com os pilares características marcantes das escolas metodistas.

Fonte: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rbs/image/16423747.jpg>.

5 - O IPA – Departamento de Jaguarão

A cidade de Jaguarão se originou de um acampamento militar, sob o comando do oficial português Ten. Cel. Manuel Marques de Souza, demarcando a expansão dos povoadores portugueses ao sul do novo mundo.

O território inicialmente pertencia à Coroa Espanhola, segundo o Tratado de Santo Ildefonso, celebrado no ano 1777. Pela proximidade com uma via navegável que possibilitasse o contato com Rio Grande, os soldados povoaram o local que deu origem ao município de Jaguarão. Em média, 260 homens compunham a Guarda do Serrito e da Lagoa.

Em 1811 foram dadas concessões de terrenos urbanos na guarda e uma resolução régia, de 31 de Janeiro de 1812, criou a Freguesia do Espírito Santo de Jaguarão. A primeira planta é datada de 1815 e exhibe a expansão na distribuição de terrenos, cultivo agrícola, criação de animais e comércio.

Através do decreto de 6 de julho de 1832, a Freguesia do Espírito Santo de Jaguarão foi elevada à Vila. Em 20 de setembro de 1836, a Câmara Municipal de Jaguarão destacou-se no cenário nacional por ser a primeira a reconhecer e aderir à “República de Piratini”.

A elevação da Vila para o município de Jaguarão deu-se devido à proposta dos Deputados Provinciais Brusque, Travassos e Bitencourt através do Projeto de Lei que foi sancionado e homologado em 23 de novembro de 1855 – Lei Provincial nº 322/1855.

A denominação de Jaguarão se deu em função do rio homônimo, que cruza a zona fronteiriça onde foi elevada a cidade, em 1855. Jaguarão está situada ao sul do Estado do Rio Grande do Sul, na divisa com a República Oriental do Uruguai, fronteira

com a cidade de Rio Branco, antiga Artigas, e está em linha reta a 350 Km da Capital do estado (Porto Alegre).

Em 20 de Janeiro de 1913, pelo Decreto Estadual nº 1917, foi instituído um Colégio Elementar em Jaguarão. Essa escola, pelo Decreto nº 6179, de 31 de agosto de 1936, passou a denominar-se Colégio Elementar Joaquim Caetano da Silva e, atualmente, Colégio Estadual Joaquim Caetano da Silva.

Em 1924 funcionaram no município os seguintes estabelecimentos de ensino:

1. O Colégio Elementar – dirigido pelo professor Manoel Martins Mano.
2. Escola Pública Estadual do 3º Distrito, no Quilombo - dirigida pelo professor Gedeão de Farias Santos.
3. A Escola Particular Emulação – dirigida por Dorval Santos.
4. O Curso Noturno Bento Gonçalves – dirigido pelo corpo docente do Colégio Elementar.
5. A Escola Particular 7 de Setembro – dirigida pela professora D. Laura Gonçalves Ferraro.
6. A Escola Particular – dirigida pela D. Amélia Rodrigues (CARRICONDE, 1926, p.211).

E os seguintes Colégios municipais subvencionados pelo Governo do Estado:

1. Collegio 7 de Setembro – dirigida pela professora D. Georgina Luff Bittencourt.
2. Collegio nº 1 – dirigido pela D. Carolina Ribas de Salles.
3. Collegio nº 2 – dirigido pelo Sr. Mathias dos Santos Pólvora, localizado n Logradouro das Charqueadas.
4. Collegio nº 3 – dirigido por D. Genny Muzzi da Silva.
5. Collegio nº 4 – dirigido por D. Laura Martinez.
6. Collegio nº 5 – dirigido por D. Percília A. de Carvalho.
7. Collegio nº 6 – dirigido por D. Alda P. Affonso, no 3º Distrito , no Telho.
8. Collegio nº 7 – dirigido por D. Bell Arminda R. Batalha, localizado nos Lagoões.
9. Collegio nº8 – dirigido por D. Luiza Cassal Bezerra, localizado no 2º Distrito, no Juncal.
10. Collegio nº 9 – dirigido por D. Beatriz Danigno, localizado na São Luiz.
11. Collegio nº 10 – dirigido por D. Vicentina Nobre, localizado no 2º Distrito, nas pontas dos Arrombados⁸ (CARRICONDE, 1926, p. 211).

Tabela 1 - Matrícula e a frequência em 1924.

Colégios	Matrículas	Frequência
Colégio Elementar	324	265
Escola Estadual do 3º Distrito	16	4
11 Escolas Municipais subvencionadas	343	215

⁸ Adotamos a ortografia da época.

Escola Particular Emulação	70	58
Escola 20 de Setembro	95	60
Curso Bento Gonçalves	67	39
Escola Particular 7 de Setembro	48	36
Escola de D. Amélia Rodrigues	35	27
Total	998	704

Fonte: CARRICONDE, 1926, p.211.

Em 30 de dezembro de 1930 foi inaugurada a Ponte Internacional Mauá e coube ao chanceler Ministro Rufino Dominguez o discurso de inauguração. A Ponte Internacional Mauá foi financiada pelo Uruguai em decorrência de uma dívida de guerra com o Brasil, e foi construída por uma firma carioca. A ponte liga a cidade de Jaguarão no Brasil à cidade uruguaia de Rio Branco, unindo por uma linha férrea a malha do Rio Grande do Sul a Montevideu, trazendo maior intercâmbio cultural, social, linguístico e de produtos entre os povos das duas nações vizinhas.

Em 1937 circulava o 1º número do jornal “A Folha”, dirigido por Cantalício Resém, que se encontra em circulação até hoje.

Em 1940 Jaguarão tinha uma área de 2.086 Km² e uma população total de 15.704 pessoas, sendo 7.736 homens e 7.968 mulheres. Desses, 13.910 eram brasileiros natos, 113 eram brasileiros naturalizados e 1.678 eram estrangeiros. As nacionalidades predominantes eram: uruguaia, com 695 homens e 818 mulheres; síria, com 21 homens e 14 mulheres; portuguesa, com 29 homens e 4 mulheres e espanhola, com 19 homens e 7 mulheres. Em relação à instrução, a cidade de Jaguarão tinha 8.100 pessoas que sabiam ler e escrever, 4.038 homens e 4.602 mulheres, e 5.488 pessoas que não sabiam ler nem escrever, 2.597 do sexo masculino e 2.891 do sexo feminino (Censo Demográfico de 1940).

No ano de 1942 a população total de Jaguarão era de 16.300 pessoas, sendo a população urbana de 11.330 pessoas, a população rural de 4.970, totalizando 0,48 da percentagem da população do Estado. Neste mesmo ano Jaguarão tinha 1.988 há de área cultivada e o valor total da produção era de

1.230:300\$, sendo o arroz o produto de maior cultivo, abrangendo uma área de 1.200ha; com uma produção de 3.000 ton. e um valor de 900:000\$, o segundo maior cultivo era o de milho em 653 ha; com uma produção de 914 ton. e gerando o valor de 182:800\$ e o terceiro produto de maior cultivo era de batata inglesa, abrangendo 10 ha, com uma produção de 80 ton. E com valor de 32:000\$000. A situação da pecuária do município era a seguinte: bovinos, equinos e asininos, totalizando 77.820 cabeças; ovinos, suínos e caprinos totalizando 251.550 cabeças, a produção de graxa era de 275.960 Kg. e de lã de 450.400 Kg. Jaguarão tinha entre fabricas e oficinas 70 unidades, que geravam um capital invertido de 4.207:450\$, com 288 operários e uma força motriz em HP de 153 e o valor da produção eram de 7.961:520\$, a indústria local utilizava-se de 194 veículos a motor e de 785 veículos a força animada. Na instrução pública neste ano Jaguarão tinha 2 grupos escolares, 14 aulas municipais, 1 aula regimental, 11 Colégios particulares (SILVA, 1942, p.483).

Em 1942 a vida social e cultural estava bem representada por várias associações recreativas e cívico-militares e o comércio e as indústrias da cidade estavam em franco desenvolvimento, existiam inúmeras casas comerciais e fabris dos mais variados ramos. A cidade era toda iluminada com luz elétrica, possuía um porto com mais de 400 metros de cais, onde atracavam vapores e outras embarcações que faziam o intercâmbio comercial de Jaguarão com outras cidades (SILVA, 1942, p 484).

Jaguarão recebia da zona serrana mercadorias tais como: madeiras, lenhas, carvão, lã, couros, fumo e muitos outros produtos que aguardavam, no interior das carretas, transporte fluvial e lacustre para as cidades litorâneas. A cidade era um centro abastecedor, que recebia mercadorias de diversos pontos do país e mesmo do Uruguai e as encaminhava para outros centros que os consumia ou redistribuía, permutando constantemente gêneros de primeira necessidade, materiais de construção e joias (PIÚMA, 1971, s/p.).

A cidade de Jaguarão permaneceu 28 anos sem oferecer curso secundário a sua população, desde 1914, ano que os padres premonstratenses fecharam as portas do Colégio Espírito Santo, até 1942. Portanto, a juventude jaguareense era obrigada a sair da cidade, para Pelotas ou Porto Alegre, a fim de concluir os estudos secundários, já que não havia Ginásio em decorrência do elevado custo pago a uma instituição secundária. Como teria que dispendir um alto valor para se manter em outra cidade, a maioria da população jaguareense não concluía o ensino secundário, somente uma pequena parte que era abastada conseguia seguir os estudos. Deste modo, o estabelecimento de um ginásio passou a constituir-se pauta permanente das autoridades públicas.

Muitas foram as tentativas de firmar contrato com instituições educativas e com Congregações Católicas para a implantação de um Ginásio na cidade de Jaguarão. Através da foto vemos a primeira tentativa em 1939, quando o prefeito na época, Sr. Hermes Pintos Affonso fez com a congregação dos padres premonstratenses, a mesma que fundou em Jaguarão, o Colégio Espírito Santo em 1901.

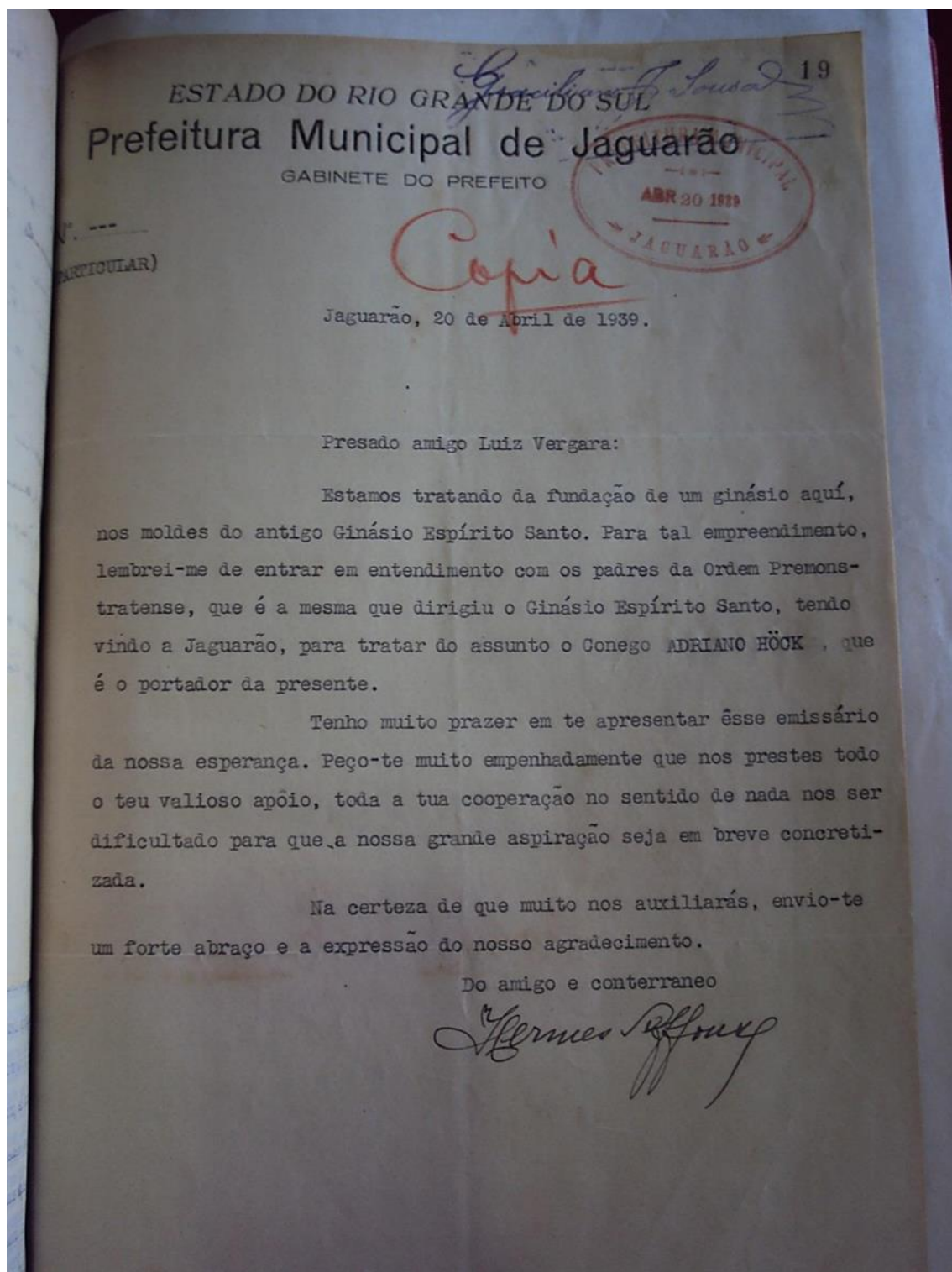


Figura 9 – Carta para Luiz Vergara.

Carta para Luiz Vergara, apresentando Adriano Höck, missionário premonstratenses que foi tratar do estabelecimento de um Colégio em Jaguarão.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Não sendo possível às autoridades municipais firmar contrato com os padres premonstratenses para a implantação de um ginásio, novas alternativas são engendradas.

Em 1940 Carlos Alberto Ribas foi convocado por Cordeiro de Farias a comparecer urgentemente no Palácio Piratini, em Porto Alegre, para uma audiência. Frente ao convite exaurido pelas autoridades competentes, no caso, o Governador do Estado. No encontro no Palácio Piratini, Cordeiro de Farias o convidou para ocupar o cargo de Prefeito da cidade de Jaguarão, Ribas aceitou o convite e no ato oficial feito pelo governo para anunciar a escolha do novo prefeito jaguarense, Cordeiro de Farias disse ter escolhido Ribas por seus dotes públicos e por sua inteligência.

Após ser empossado, Ribas seguiu trilhando com empenho o mesmo caminho que o ex-prefeito em prol da melhoria do ensino na cidade. Em 20 de outubro de 1940, entrou em contato com os padres Salesianos do Rio de Janeiro a fim de que essa ordem fundasse um Ginásio em Jaguarão, conforme podemos conferir na foto abaixo.

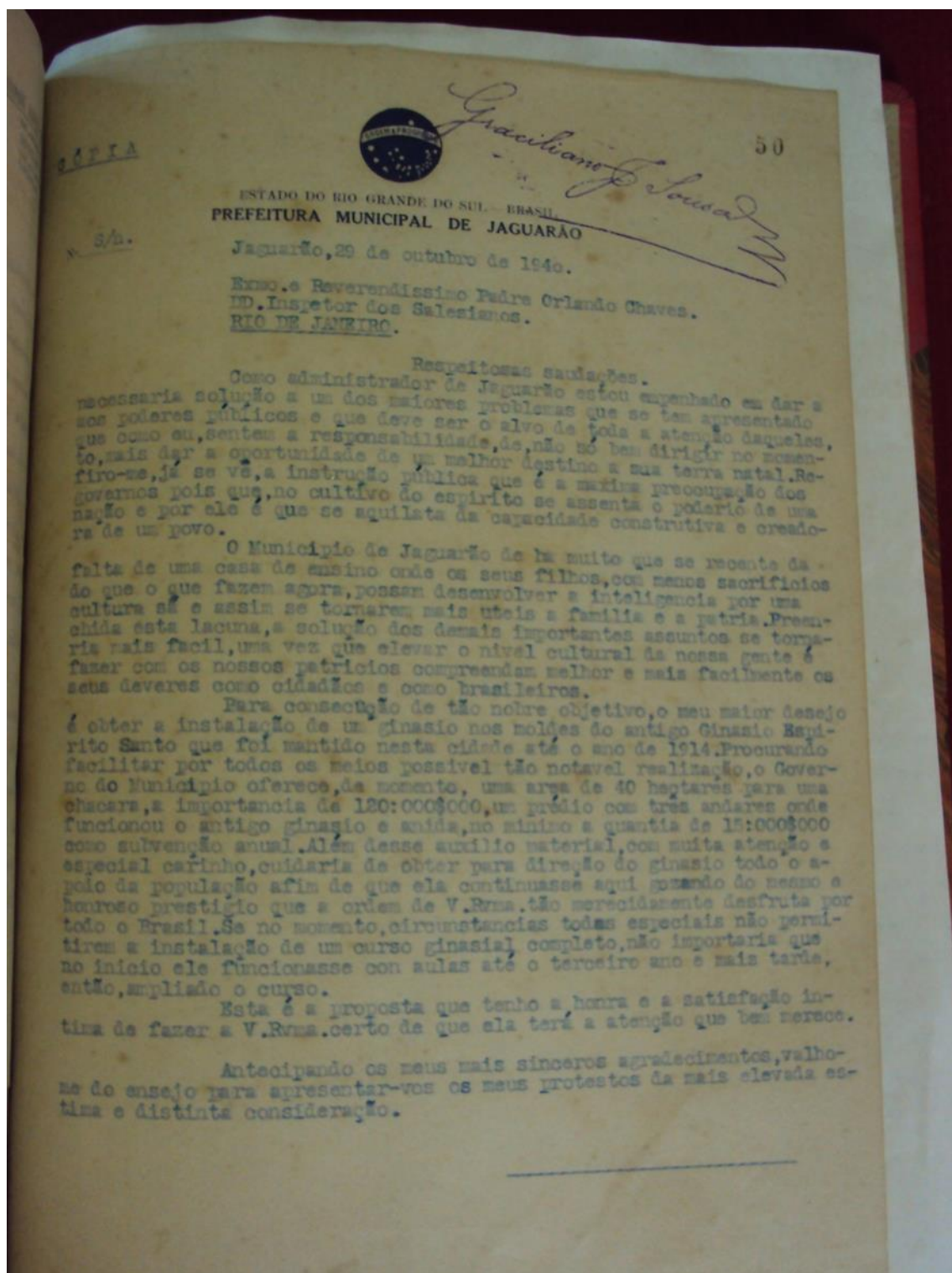


Figura 10 – Carta para o Inspetor dos Salesianos.

Carta do prefeito de Jaguarão ao Inspetor Padre Orlando Chaves para convidar os salesianos para fundar um Ginásio em Jaguarão.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Para a tristeza do povo jaguarenses, não foi firmado contrato com essa congregação, ficando assim a cidade mais um período sem Ginásio. Por razões de falta de pessoal e por ter eleição para Superior da Ordem no decorrer desse ano - e a

obra poderia se tornar um empecilho ao novo superior -, não foi possível firmar um contrato com a Congregação Salesiana, circunstância que muito prejudicou o desenvolvimento da educação na cidade de Jaguarão.

O então prefeito, frente a essa recusa, buscou outras alternativas, uma delas foi entrar em contato com os Padres do Colégio Santo Agostinho de São Paulo a fim de ver a possibilidade de abertura de um educandário que contemplasse o ensino médio. De maneira semelhante, não foi possível firmar um acordo.

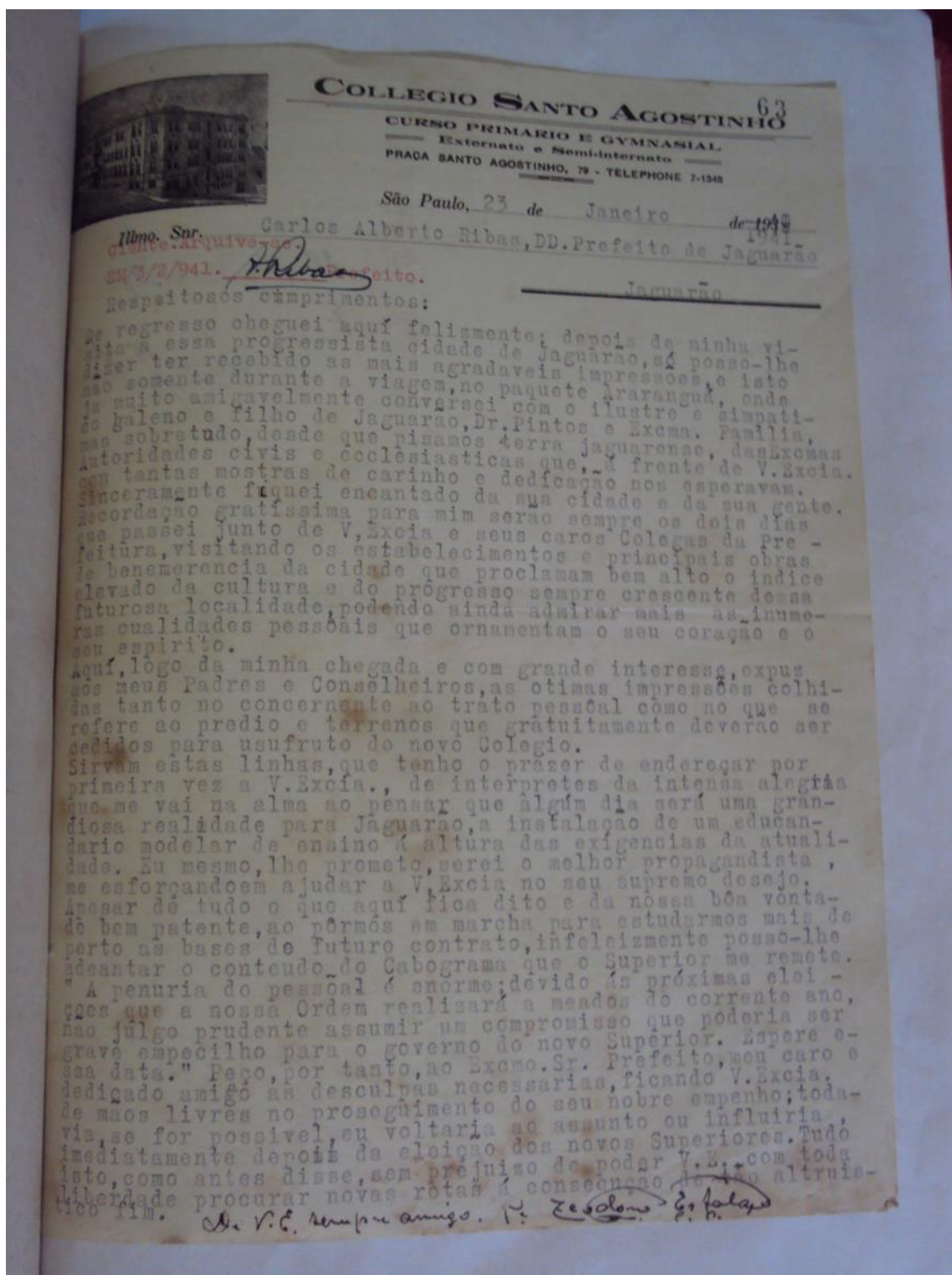


Figura 11 – Carta do Superior do Colégio Santo Agostinho.

Carta do Superior do Colégio Santo Agostinho para o prefeito Carlos Alberto Ribas, comunicando que a Ordem de São Agostinho não poderia encampar a implantação de um Colégio em Jaguarão.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Meses depois, Ribas procurou o Diretor do Ginásio Rosário de Porto Alegre com o intuito de abrir um Ginásio em Jaguarão, mas devido à demora de resposta, o

prefeito enviou um ofício comunicando que o Instituto Porto Alegre havia aceito a proposta de fundar um Ginásio em Jaguarão, conforme o exposto abaixo.

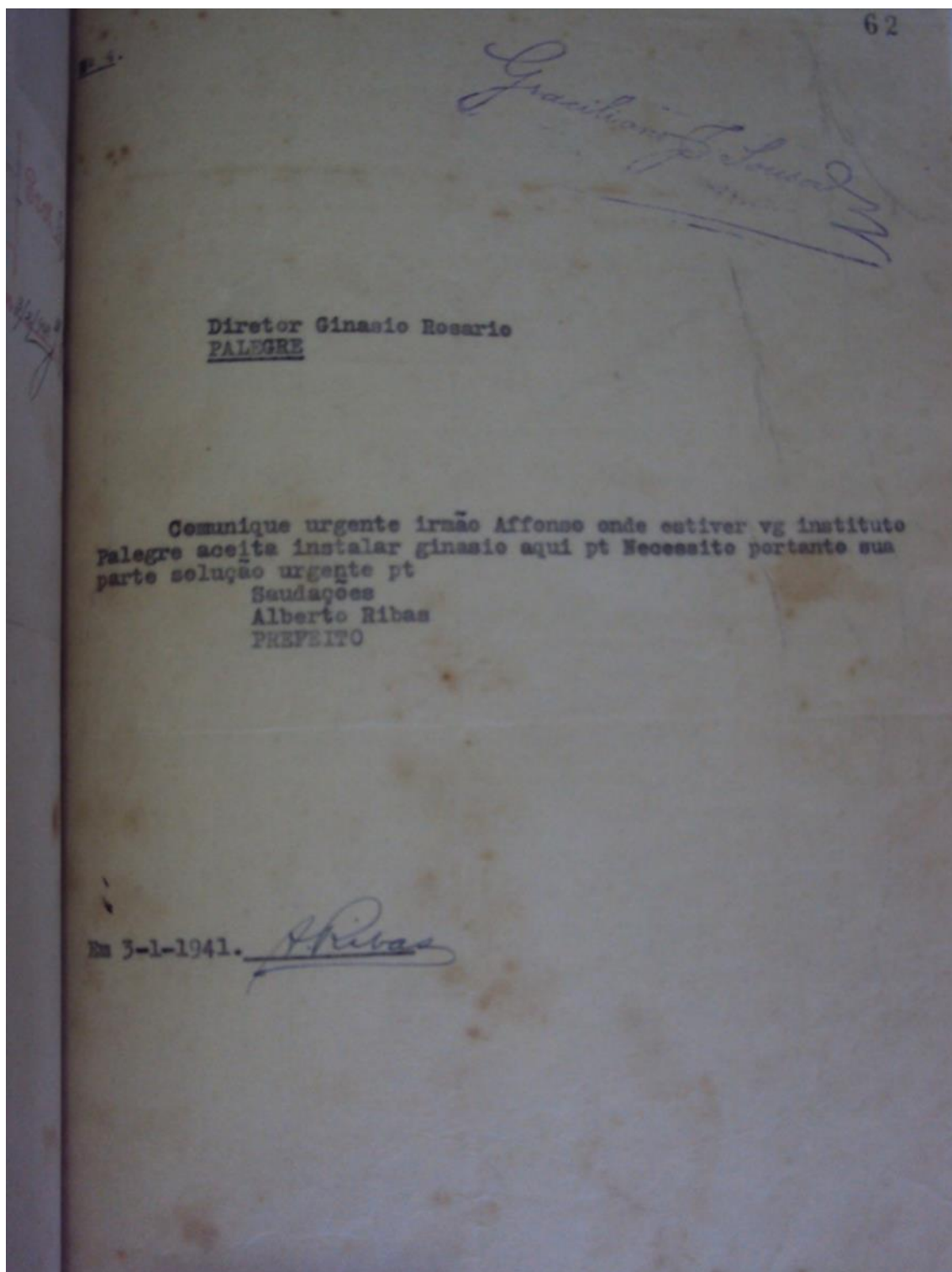


Figura 12 – Carta ao Diretor do Colégio Rosário de Porto Alegre.

Carta comunicando o aceite do IPA para a implantação de um Colégio em Jaguarão.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Devemos ressaltar que o prefeito Ribas não mediu esforços para tal feito, e conseguiu alcançar seu maior objetivo que era de “tudo fazer, em prol da instalação de um ginásio em nossa terra”, e depois de muito empenho, conforme ele relata no seu discurso na inauguração do ginásio, “Bati à porta dos jesuítas e dos marianos. Aproximei-me dos agostinianos e dos lassalistas, [...] salesiano, entendi-me com o Inspetor Geral dessa Ordem religiosa”, mas nenhuma ordem aceitou a missão por falta de professores (IPA – DEPARTAMENTO DE JAGUARÃO – DISCURSOS, 1942, p. 28).

Mas foi em uma das visitas do Secretário de Obras Públicas a Jaguarão que, por meio do Dr. Luiz Arregui, membro da comitiva, Ribas ficou conhecendo a modelar instituição que era o IPA. Entrou em contato com o reitor do IPA através de uma carta e recebeu a mesma resposta que as demais tentativas. Não esmorecendo, o prefeito em uma ida a Porto Alegre, entrou em contato pessoal com o Reitor Oscar Machado, então acordaram a vinda do IPA para Jaguarão. (IPA – DEPARTAMENTO DE JAGUARÃO – DISCURSOS, 1942, p. 28).

Em 6 de dezembro de 1941, por iniciativa do prefeito Ribas, com o apoio do Interventor Federal, Cel. Osvaldo Cordeiro de Farias, o IPA firmou contrato para a fundação de um estabelecimento de ensino primário e secundário em Jaguarão, sob a denominação de Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão (Ipinha). E em requerimento datado de 8 de dezembro de 1941, o reitor do IPA solicitou a verificação prévia e a realização condicional dos exames de admissão do Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão (IPA, 1942, p.5).

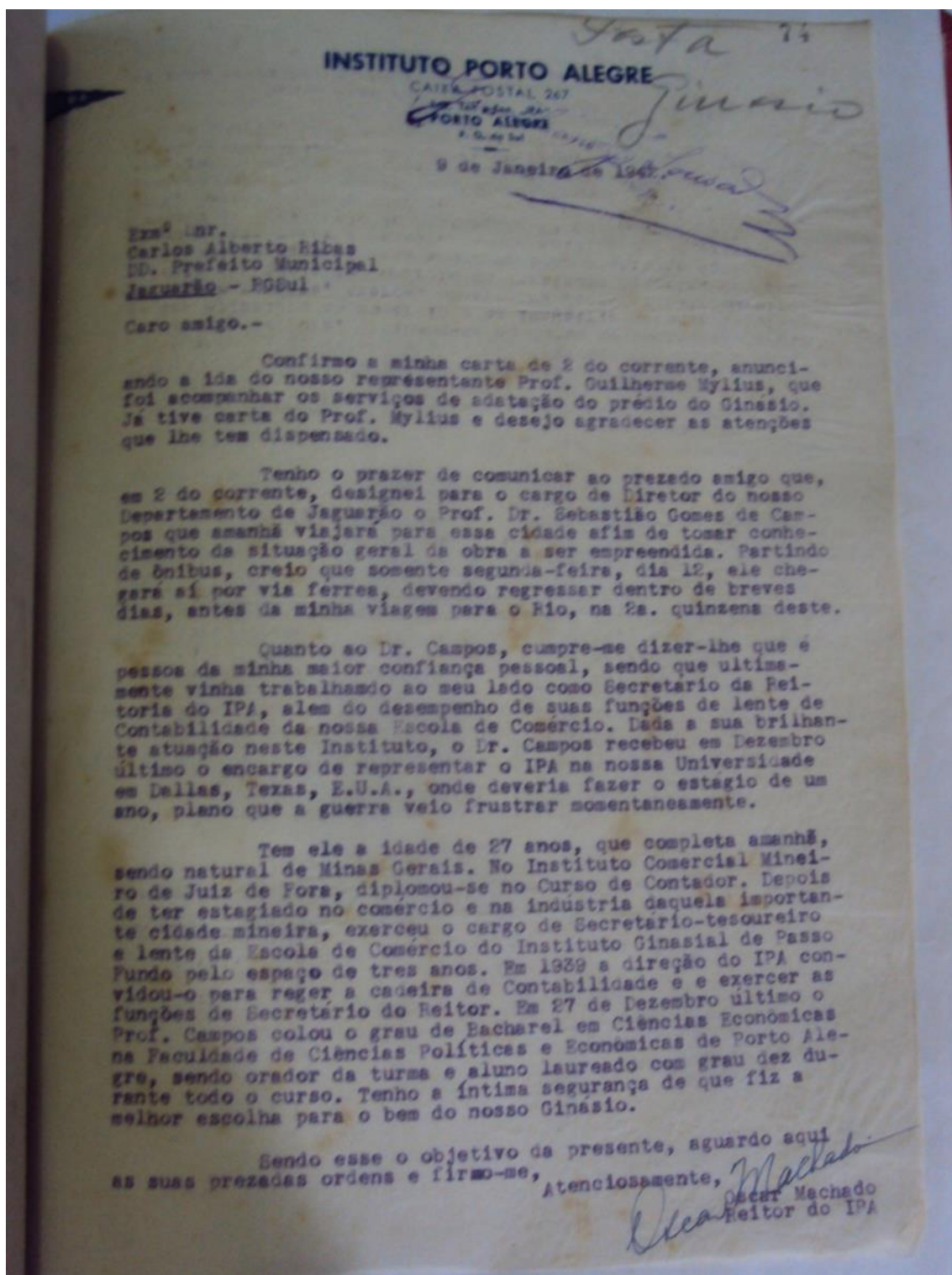


Figura 13 – Carta do Reitor Oscar Machado.

Carta do Oscar Machado ao Prefeito Carlos Alberto Ribas apresentando o responsável pela obra e o diretor do Ipinha.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Ao analisarmos a foto acima, percebemos que o Reitor do IPA, professor Oscar Machado, havia deliberado o Sr. Guilherme Mylius para acompanhar as adaptações que tiveram que ser realizadas para receber o Ginásio do IPA – Departamento de

Jaguarão. Outro fator importante foi a nomeação do diretor do referido Colégio, Sr. Sebastião Gomes de Campos, de 27 anos, que era o braço-direito de Oscar Machado, além de ter uma ótima qualificação profissional, sendo graduado em Ciências Contábeis e em Ciências Econômicas, coisa rara na época. Através dessas informações podemos perceber que os metodistas estavam investindo fortemente na nova missão educativa. Encontramos somente uma referência ao Ipinha nos livros sobre educação metodista ou no Rio Grande do Sul: “O Prof. Oscar Machado da Silva, informou a casa o convite feito pela prefeitura de Jaguarão para que o Instituto Porto Alegre, abrisse uma Filial naquela cidade”. Esse informe aconteceu em 10 de novembro de 1941, no Templo da Igreja Metodista de Uruguaiana (JAIME, 1963, p.175).

O Colégio funcionava em uma casa grande, cedida ao IPA em comodato. Como as demais escolas metodistas, tanto do Rio Grande do Sul como do resto do Brasil, o prédio do Ipinha era grande e pomposo, composto de três pavimentos. Na parte inferior funcionava a direção, a secretaria, a cozinha, o refeitório, o laboratório de Ciências, a sala dos professores e uma sala de aula; no pátio grande havia os banheiros, masculino e feminino, e a quadra de esporte; no segundo piso havia as salas de aula, a biblioteca e o auditório e na parte superior do prédio funcionava o internato. O Colégio estava localizado na área nobre da cidade, a duas quadras da prefeitura e a uma quadra dos dois principais clubes sociais da cidade, onde circulavam a elite social, intelectual e política de Jaguarão.

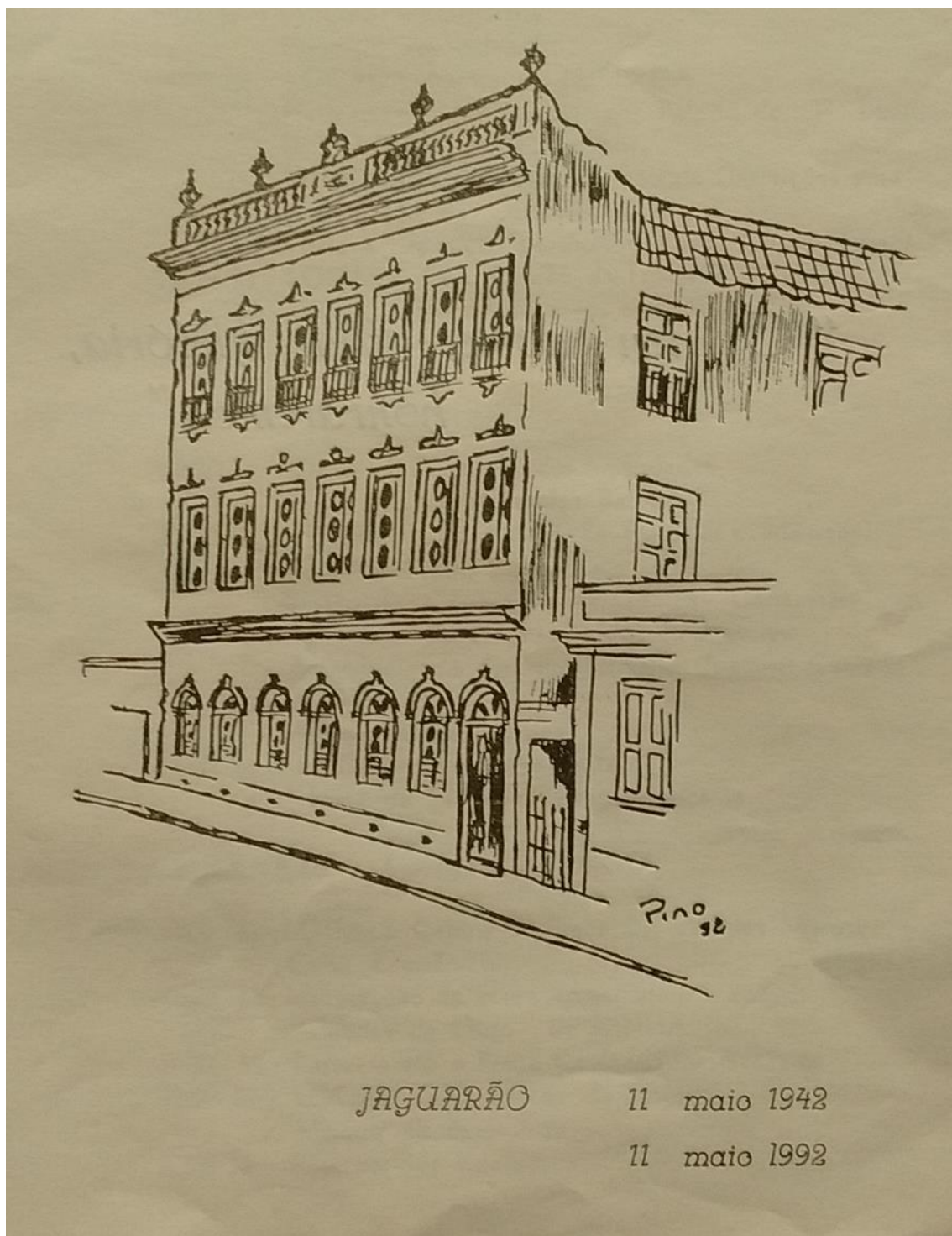


Figura 14 – Prédio do Ipinha.

Fachada do prédio do Ipinha, apresentando a sua pompa e estilo.

Fonte: Cinquentenário de fundação do Ipinha.

O Ipinha era um Colégio misto, com sistema de internato e externato, sendo que o internato era somente masculino. O Colégio oferecia os cursos: primário, admissão, ginásio diurno e noturno, contabilidade, SENAC prático de escritório e SENAC datilógrafos.

A 1ª reunião da Congregação do Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão foi realizada em 5 de abril de 1942, numa das salas do Ginásio, por convocação e sob a presidência do diretor Sebastião Gomes de Campos. Foi eleito como secretário Samuel Antônio de Figueiredo e foi apresentada a arquiteta Hilda Peixoto Mylius, responsável pela adaptação do prédio. O presidente leu uma carta do Reitor Oscar Machado, na qual ele conferia ao presidente as funções de assistente e representante oficial da reitoria na sessão solene de abertura do ano escolar de 1942 (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO p. 1).

Em 21 de abril de 1942 foi inaugurado no auditório do IPA o “Círculo de Pais e Professores do Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão -”, que tinha como finalidade estabelecer maior intercâmbio entre o lar e a escola. A sua primeira diretoria foi composta dos seguintes membros: presidente: José Moreira Leivas; vice-presidente: Professora Clotilde Santos; secretária: Hilda Roble; vogais: professora Loide Ungaretti Torres, Cantalício Resém, professor Samuel Antônio de Figueiredo e Amadeu Azevedo, que foram eleitos dentre os seus membros (LIVRO DE ATAS DO CÍRCULO DE PAIS, PROFESSORES E AMIGOS DO IPA – DEPARTAMENTO DE JAGUARÃO, p. 1 V).

Buscando consolidar um projeto educacional, os membros diretores, além das devidas articulações com o poder municipal, não deixaram de lado a importância de cooptar parcelas significativas da comunidade local. Para tanto, desde o início adotaram, em sua 2ª Reunião Ordinária, o Dia das Mães, numa clara referência e consideração ao papel que exercem as famílias no processo educativo.

Em 7 de maio de 1942 houve a 2ª reunião Ordinária da Congregação do IPA – Departamento de Jaguarão, e um dos assuntos tratados foi o Dia das Mães, que seria comemorado com um programa especial, em “homenagem às mães ipaenses e jaguarenses”, e que a solenidade seria perpetuada pelo Ginásio (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO p. 2).

Ressaltamos a importância dada à solenidade do dia das mães pelo Ipinha, quando na segunda reunião da Congregação o diretor nomeou as seguintes comissões: “a) de programa, sob a direção da profª Loide Ungaretti Torres; b) de ornamentação, sob a presidência da profª Clotilde Santos. C) de publicidade sob a orientação do prof. Otávio Torres” (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO p. 2) e pela fala das ex-alunas, segundo Eloá, “a celebração do dia das mães foi o IPA que fez

[...], tinha festa no teatro, tinha programação, tinha apresentação, tinha declamação”⁹ (informação verbal) e Adília ressalta que “enchia o teatro municipal”¹⁰ (informação verbal).

Para o secretário do Ipinha em 1942, professor Samuel Figueiredo, a mãe tinha um papel fundamental na formação dos filhos.

O papel da mulher mãe é, portanto importantíssimo. A ela compete aparelhar os pequeninos que são os homens do futuro, presidindo a formação do caráter e da índole. Sim, a missão das verdadeiras Mães é a de formar o caráter de seus filhos tornando-os aptos para serem as sentinelas avançadas do progresso, os responsáveis pela honra e glória da Pátria (IPA – DEPARTAMENTO DE JAGUARÃO - DISCURSOS, 1942, p. 17).

O dia das mães foi lindamente festejado pelo Colégio, pois de acordo com o discurso do secretário ela tem um papel determinante na formação dos futuros dirigentes da nação, e não podemos esquecer que o Ipinha tinha como objetivo formar a elite para serem os dirigentes do município, do estado ou do país (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO, p. 8).

Outro ponto destacado na segunda reunião da Congregação foi referente às assembleias, e foi deliberado “que as classes apresentem programas para as assembleias. Cada classe apresentará um programa. Será a seguinte ordem de apresentação [...]” (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO p. 2). Segundo as ex-alunas Eloá¹¹ e Gelci¹², as assembleias eram aos sábados, na sua grande maioria no auditório do Ipinha, mas algumas aconteciam no Clube Jaguareense ou no Clube Harmonia e a comunidade se fazia presente, pois era “um grande evento social” (Informação verbal).

Em uma clara demonstração da importância do estabelecimento do Ipinha em Jaguarão, diversas autoridades governamentais estiveram presentes na inauguração oficial, nesse ato a participação do Governador, General Cordeiro de Farias - na época denominado Interventor Federal -, além do Secretário da Educação, Coelho de Souza, permitem inferir a enorme solenidade do ato e a valorização demonstrada tanto pelas autoridades locais e estaduais, como pela cúpula dirigente da Igreja Metodista.

A inauguração oficial do Ipinha aconteceu no dia 11 de maio de 1942 e teve a seguinte programação: às 8h todos se encontraram na frente do IPA e às 8h15min os

⁹ Informação verbal dada à autora em entrevista concedida em setembro de 2015.

¹⁰ Informação verbal dada à autora em entrevista concedida em setembro de 2015.

¹¹ Informação verbal dada à autora em entrevista concedida em setembro de 2015.

¹² Informação verbal dada à autora em entrevista concedida em outubro de 2014.

alunos marcharam ao Largo das Bandeiras, onde o IPA recebeu o pavilhão nacional que foi oferecido pelo Rotary Clube. A saudação ao pavilhão foi feita pelo aluno Mateus Otávio Mandarinho. Às 8h30min houve uma concentração para o desfile diante do Sr. Interventor Federal, General Cordeiro de Farias, às 10h o IPA recebeu a visita do Senhor Interventor e ilustre comitiva e às 18 h houve a solenidade oficial de inauguração no Teatro Esperança sob a presidência do General Cordeiro de Farias. Podemos destacar a importância desse ato, pois justifica a política varguista, além de contar com a presença do Interventor e do secretário de Educação.

Evidenciamos o importante apoio que o Interventor Federal no Estado do Rio Grande do Sul deu à vinda do IPA para a cidade, pois Cordeiro de Farias era natural da cidade de Jaguarão. A ajuda foi reverenciada no discurso do prefeito Ribas na sessão de abertura dos exames de admissão para o primeiro ano letivo do Ipinha:

Portanto, Srs., só temos motivo, neste momento, de festejarmos uma conquista comum porque ela foi alcançada graças ao auxílio material e moral de S. Excia. O Sr. Interventor, General Osvaldo de Farias, o nosso grande conterrâneo, que foi incansável em atender todas as minhas solicitações para chegarmos a este resultado almejado; ao povo de Jaguarão que correspondeu, como nunca tive dúvida, a tudo que precisei pedir-lhe; [...] (IPA – DEPARTAMENTO DE JAGUARÃO – DISCURSOS, 1942, p. 6).

De acordo com o discurso do prefeito, foi fundamental o apoio e a ajuda do Interventor do Estado na implantação do Ipinha em Jaguarão, esse deu uma atenção especial ao caso devido ao fato de ser “filho da cidade” e conhecer a real necessidade e importância da implantação de um Ginásio para o futuro de seus cidadãos, além de se fazer presente em várias ocasiões importantes para o Ipinha, como na inauguração oficial do Colégio e na formatura do ano de 1942, entre outras. E lembramos que também foi ele que fez o convite para Carlos Alberto Ribas ser o prefeito de Jaguarão.

Logo após o seu funcionamento, a congregação do IPA realizou diversas reuniões para deliberar as políticas da instituição. Entre os assuntos ventilados na terceira reunião da Congregação, em 8 de junho de 1942, destacamos a recomendação de serem aceitos convites de outros educandários sempre que dirigidos ao Ginásio; a preparação para a exposição de trabalhos manuais no final do ano, que abrangeria o primário, o admissão, o ginásio e a criação de um grupo teatral e de um jornal escolar, sob a responsabilidade do professor Otávio Torres. Podemos perceber que a direção do Ipinha tinha grande preocupação com o desenvolvimento cultural e social dos alunos, pois deliberava várias atividades extraclasse, que iam ao encontro da finalidade do IPA de Porto Alegre, que era “proporcionar à mocidade

brasileira a cultura física, o desenvolvimento intelectual e o aperfeiçoamento moral-social [...]” (IPA, 1942, p. 4). Devemos lembrar que o Ipinha era ligado ao IPA de Porto Alegre e era considerado “uma filial”, seguindo todas as suas deliberações

No ano de 1942 o corpo docente do ginásio era composto por cinco homens e quatro mulheres, sendo eles: Otávio Torres, Sílvio Santos, Loide Ungaretti Torres, Clotilde Santos, Helga Krüger, Flávia Pachalski, Olga B. Krüger, Iracema Ribeiro dos Santos, Euclides de Miranda Osório, Samuel Antônio de Figueiredo e Plínio Silveira. No ano de 1942 a 1ª série do curso ginásial tinha 54 inscritos.

A direção do Ipinha, na 4ª reunião da congregação, em 6 de julho de 1942, recomendou aos professores que chamassem a atenção dos alunos que não alcançaram média ou que obtiveram qualquer nota baixa, além de ficarem atentos às faltas a fim de se salvaguardarem da responsabilidade no caso de reprovação final.

Procurando caracterizar o papel dinamizador de um centro educacional de excelência, no encerramento do ano letivo eram realizadas diversas exposições, tais como: trabalhos manuais, desenho, História e Geografia. Finalmente, em 14 de dezembro de 1942, com o máximo de solenidade e pompa, executaram os ritos de formatura e a entrega de prêmios aos alunos do IPA no Teatro Esperança, espaço representativo da elite local.



Figura 15 – Solenidade de Formatura 1.

Solenidade de formatura do ano de 1947 no Teatro Esperança.

Fonte: Arquivo Pessoal da aluna Eloá Dutra Silveira.



Figura 16 – Solenidade de Formatura 2.

Ato solene da Formatura em 1947.

Fonte: Arquivo pessoal da aluna Eloá Dutra Silveira.

É importante salientar que a solenidade de formatura do Ipinha era um evento social de destaque na cidade. Segundo a ex-aluna Adília, a comunidade jaguareense aguardava a formatura e o baile de formatura era um ponto alto no ano, “a formatura era como as das faculdades hoje, no Teatro, com roupa de gala e tudo”¹³. Segundo Eloá, “aguardávamos o ano inteiro pelo baile de formatura, era esperado por todos os alunos”¹⁴.

¹³ Informação verbal dada à autora em entrevista concedida em setembro de 2015.

¹⁴ Informação verbal dada à autora em entrevista concedida em setembro de 2015.



Figura 17 – Formanda Eloá Dutra Silveira.

A flâmula do Colégio.

Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Eloá Dutra Silveira.

Podemos identificar a importância da formatura e o amor e respeito ao Ipinha quando identificamos na foto acima a presença da flâmula do Colégio, em destaque na foto da formanda.

Lembramos, ainda, que possuir fotografias antes da década de 1960 não era comum para a maioria dos brasileiros, devido ao alto valor pago por tal item, então dispendido dinheiro para comprar fotografias no período desta investigação era um indicativo da posição socioeconômica boa, ou pelo menos confortável

Outro ponto de destaque que acontecia no momento da formatura era a entrega de prêmios aos alunos. Segundo o Relatório anual de 1949, foram distribuídos, além de diversos prêmios oferecidos por particulares, os seguintes: Um dicionário da Língua Portuguesa à formanda Tereza Haliana da Costa e uma caneta automática ao aluno da 1ª série Alcindo Marcílio da Silva. Os dois alunos acima foram contemplados por não haverem faltado aula durante o ano letivo de 1949. Os prêmios foram oferecidos pelo ex-aluno do Ginásio e proprietário da livraria A Miscelânea, Sr. Anísio de Souza Resém, por sugestão da Direção do Ipinha. Também foi premiado o melhor companheiro – Instituído pelo Rotary Clube de Jaguarão, depois de eleições democráticas nas diversas séries do Ginásio. Foi vencedor o formando do curso diurno, Aquiles Borges da Silveira, o qual foi contemplado com um diploma especial e um Dicionário da Língua Portuguesa.

O prêmio de maior destaque era o Brasão do IPA, que foi oferecido naquele ano à formanda do curso noturno, Ana Lemos Piúma, a qual concluiu seu curso ginásial com média 9,7. Convém frisar que a referida aluna destacou-se como ótima estudante durante todo o seu curso, tendo obtido os seguintes resultados finais: exame de admissão, em fevereiro de 1945, 9,7; 1ª série, em 1946, 8,4; 2ª série, em 1947, 9,6, 3ª série, em 1948, 9,5 e finalmente, 4ª série, com média 9,7.

O valor econômico dos prêmios, geralmente era pequeno, mas o valor simbólico era muito grande, devido à solenidade que o ritual de premiação recebia. O solene evento de formatura contava com a presença de familiares, amigos dos formandos e do Ipinha, além de autoridades civis e militares locais e de grande parte da elite local, como também de pessoas de prestígio social que tinham empatia pela educação metodista e que em alguns casos vinham até do exterior para tal evento.

A missão escolar metodista em Jaguarão operava por estímulos, vigilância, exame contínuo e castigos, cuja função era normalizar. A lógica da cultura escolar qualificava e classificava os alunos, os castigos e as premiações é que produziam as práticas disciplinares. Qualquer desrespeito às leis difundidas no regimento do Colégio era considerado um comportamento indesejado e passível de castigos, que eram proporcionais à gravidade dos desvios e incluíam desde penalidades simples,

como perda de pontos na contabilidade do comportamento, até suspensão, e em alguns casos extremos, expulsão, como foi o caso relatado no relatório anual de 1949,

A penalidade mais forte que tivemos de aplicar, recaiu sobre o aluno Heitor Fagundes de Azevedo, o qual foi desligado do internato. No corrente ano quatro alunos ficaram impedidos de realizar seus exames finais em primeira época por falta de frequência geral e em Ed. Física (o referido aluno, por haver ultrapassado os 50 % não poderá prestar os exames nem em segunda época) Edi Silveira Machado (3ª série) falta de frequência geral, Fernando Bertaso Ribeiro (3ª série) sem frequência em ed. Física e Danilo Des Essarts Carriconde (4ª série) sem frequência em ed. Física (RELATÓRIO ANUAL DE 1949, 1949, s/p).

Podemos perceber que não eram comuns os casos de expulsões, mas quando eram inevitáveis aconteciam, como foi relatado acima. Os casos de alunos serem reprovados por excesso de faltas eram mais comuns e não eram perdoados.

O diretor do Ipinha, na 1ª reunião da Congregação no ano letivo de 1946, disse que:

A disciplina deverá ser mantida a toda prova, dentro de um caracter de rigidez e mais completa severidade sem, entretanto, descambar para o terreno da injustiça. Desse elemento (disciplina) depende o sucesso completo do trabalho escolar (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO, p. 15 V).

Apesar da fala do diretor Eurípedes Facchini aos professores ser de uma orientação rígida em relação à disciplina, as ex-alunas Eloá e Adília disseram não se lembrar de castigos e punições e que a ordem era mantida pela postura dos professores e pelo respeito aos mesmos, e dos mesmos aos alunos, o que estava de acordo com o regimento interno do Colégio que dizia:

O regime disciplinar do IPA não tem a severidade proverbial da escola antiga, com os seus castigos duros e o desprezo pela personalidade do aluno. O regime é de relativa liberdade. Certos que muitos confundem liberdade com desordem, declaramos que só compreendemos a **liberdade dentro da ordem** - liberdade disciplinada.

A verdadeira liberdade está em obedecer. O amor à liberdade pressupõe o amor à obediência, sem a qual ninguém é livre (IPA 1942, 1942, p 13, grifo do autor).

Podemos perceber que no Ipinha os alunos tinham certa liberdade e tinham que aprender a usá-la. Sempre que infringissem a ordem eram punidos, e essa punição era de acordo com o grau da desordem.

Segundo Souza (2008 p.196), “pode-se dizer que a disciplinarização das condutas era tão importante quanto a transmissão dos conhecimentos. Dispositivos de controle do corpo e da alma dos alunos eram ainda mais incisivos nas escolas confessionais católicas”.

No ano de 1943 assumiu a direção do Ginásio o professor Samuel Antônio de Figueiredo e o professor João Batista de Souza a vice-direção, e foram empossados os novos professores Lindolfo Lensin, Odair Castro e Léa Figueiredo, que lecionariam Francês, Desenho e Trabalhos Manuais, e a professora Lidia Albuquerque de Souza, que lecionaria Economia Doméstica. Ficou designado como conselheiro do Centro de Brasilidades Tiradentes Euclides Osório, e para o Grêmio Literário Hinácio Montana e Helga Krüger

Procurando conquistar mais viabilidade perante a comunidade local, o ex-diretor, professor Eurípedes Facchini incentivou que um grupo de jovens criasse um jornal estudantil, “O Ipaense”, passando o mesmo a ser porta voz do Ginásio. Esse mensário foi fundado em março de 1946.

Para Werle (2001), as instituições escolares são construtoras de identidades institucionais, pois dentro das escolas existem várias identidades que mudam de acordo com o momento histórico e são construídas pelas pessoas que passam pela Escola, constituindo-se de acordo com as vivências dos atores escolares, aqueles que interagiram com a escola nas

[...] vivências individuais e de grupo e nas interações desses com os limites, coações, interdições, modelos de comportamento a serem interiorizados, normas de conduta e processos formativos a que foram submetidos e que são produzidos na instituição (WERLE, 2001b, p. 315).

Sendo assim, é fundamental sabermos quem era seu corpo docente, pois ele é essencial para a composição da cultura escolar e das disciplinas escolares, que também são importantes, pois são um produto específico da escola, revelando o seu caráter criativo, e são inseparáveis das finalidades educativas da mesma. Tais aspectos auxiliam na construção da identidade escolar do IPA - Departamento de Jaguarão, já que sabemos que a identidade escolar é singular em cada escola.

Tabela 2- Demonstrativo dos professores e disciplinas no ano de 1949.

Professores	Disciplinas
Afifa Jorge	Canto Orfeônico, Desenho, Economia Doméstica.
Angelina Herbeni Otto Facchini	Economia Doméstica, História Geral.
Cecília Affonso Lima	Trabalhos Manuais.
Cecílio Corrêa Lima	Latim, Português.
Diamantino Bueno	Educação Religiosa.

Estevão Roncato	Francês.
Eurípedes Facchini	Inglês.
João Soares Carriconde	Matemática.
Jorge Abel Neto	Latim, Português.
José Veridiano Ferreira	Educação Física.
Walter Costa Lopes	Ciências Naturais, Geografia e História do Brasil.

Fonte: Relatório Anual de 1949, elaborado pela autora.

Através dos dados expostos na tabela acima, percebemos que seis dos onze professores do Colégio pertenciam à Igreja Metodista, o que foi evidenciado através da pesquisa feita pelos seus sobrenomes - Facchini, Lima, Bueno e Abel.

No ano de 1946, a cargo do Rev. Professor Oscar Koeche, pároco da Igreja Metodista de Jaguarão, foi inaugurada a Escola Dominical do Ginásio, para a qual foram convidados todos os professores, bem como para o culto da noite, às 19h também dirigido pelo Rev. Koeche (LIVROS DE ATAS DA CONGREGAÇÃO, p. 18).

O trabalho de educação religiosa de todo o Ginásio, no ano de 1949, esteve sob orientação e execução do Prof. Rev. Diamantino Bueno, o qual, além das aulas, às quartas-feiras, realizava uma assembleia de caráter religioso. “O trabalho do Rev. Bueno foi inestimável para a formação espiritual dos nossos alunos” (RELATÓRIO ANUAL DE 1949, s/p). Podemos perceber, segundo a fala da aluna Adília, que “a maioria dos alunos eram católicos, que eu lembre assim, parece que tinham uns sete alunos só que não eram, eram evangélicos”¹⁵. O Colégio investia na educação religiosa metodista e sempre às quartas-feiras havia um período no meio das aulas com leitura da bíblia e um sermão realizado pelo reverendo e “vinha até reverendos de Porto Alegre para esse momento e nós tínhamos que participar”¹⁶. A educação religiosa do Ipinha rendeu alguns frutos, como podemos verificar na fala da aluna Adília: “eu sempre digo que depois de estudar no Ipinha eu virei ecumênica”, “nós conhecemos a Bíblia através deles, nós tínhamos aula de religião, claro era obrigatório, além dessa uma hora das quartas-feiras”¹⁷.

¹⁵ Informação dada em entrevista concedida à autora em setembro de 2015.

¹⁶ Informação dada em entrevista concedida à autora em setembro de 2015.

¹⁷ Informação dada em entrevista concedida à autora em setembro de 2015.

O Ipinha tinha uma biblioteca, denominada Biblioteca Visconde de Mauá, “no ano de 1948 teve como bibliotecário o aluno do 3º ano do curso de contabilidade Omir Paulo Koeche e a referida Biblioteca estava em funcionamento dentro do seguinte horário: segundas, quartas e sextas-feiras das 14h às 16h; terças e quintas-feiras das 14h às 16h30min e sábados das 14h às 15h” (FERREIRA, 1948, p. 5). Em 1949 a referida biblioteca teve como bibliotecários os alunos Jonas Fostes Gautério e Jesse Daniel Staheler. No corrente ano, patrocinado pelo Clube de Leitura, foi realizada a “Festa do Livro”, que contribuiu para enriquecer a biblioteca em muitos volumes (FERREIRA, 1948, p. 5).

Tabela 3 – Demonstrativo do número de matrículas no ano de 1949.

Cursos	Séries	Número de alunos matriculados	Sexo feminino	Sexo masculino	Total Geral do Curso
Admissão	Única	20	7	13	20
Ginásio Diurno	1ª	47	14	33	-
	2ª	31	9	22	-
	3ª	34	18	16	-
	4ª	22	4	18	134
Ginásio Noturno	1ª	-	-	-	-
	2ª	-	-	-	-
	3ª	9	2	7	-
	4ª	15	7	8	24
Contabilidade	1ª	-	-	-	-
	2ª	-	-	-	-
	3ª	8	5	3	-
	4ª	4	2	2	12
SENAC – Práticos	única	37	8	29	37
Escritório					
SENAC - Datilógrafos	única	35	6	29	72
Total Geral	-	-	82	180	262

Fonte: Relatório Anual de 1949.

A tabela acima evidencia todos os cursos que o IPA – Departamento de Jaguarão oferecia no ano de 1949. Podemos perceber, conforme os dados

apresentados, que o curso Ginásial era o carro chefe desse estabelecimento de ensino, pois possuía maior número de inscritos, e o curso de contabilidade era o que menos inscritos tinha. Somente as séries finais do curso funcionaram naquele ano letivo. Também podemos perceber que o número de matriculados era maior no sexo masculino.

Em 1949, o professor Facchini era o responsável pelas atividades extracurriculares, tais como:

1. CONSELHO ESCOLAR - Da mesma forma dos anos anteriores, funcionou regularmente, representando as aspirações dos alunos junto à Direção e ao Corpo Docente.
2. GRÊMIO LITERÁRIO JOAQUIM CAETANO DA SILVA – Teve grande atividade e continuou sendo o maior atrativo artístico-literário da cidade.
3. CLUBE PANAMERICANO – Como nos anos anteriores, o PANAMERICANO teve grande atividade; o Rotary Clube local, idealizador e organizador, continuou emprestando ao Panamericano todo o seu apoio. Destacou-se neste ano, entre as realizações do dito clube, a sua participação nas festividades realizadas pelo Rotary local na realização da assembleia seccional regional.
4. CENTRO DE BRASILIDADE TIRADENTES – Destinado a cultuar as datas e os vultos pátrios, o referido Centro teve acentuada atividade no corrente ano.
5. CLUBE FILATÉLICO – Organizado em 1949, o referido clube reuniu alunos de diversas séries interessados em organizar coleções de selos ou desenvolver as coleções já possuídas.
6. CLUBE DE INGLÊS – Reuniu grande número de alunos interessados em desenvolver e aperfeiçoar conhecimentos na referida língua.
7. CLUBE DA LEITURA – Pela primeira vez funcionou no Ginásio de Jaguarão o Clube de Leitura, da qual fez parte quase que a totalidade de alunos e, sem dúvida, contribuiu grandemente para a formação cultural dos mesmos.
8. “O IPAENSE” – A voz dos alunos do IPINHA continuou a se fazer ouvir mensalmente.
9. DEPARTAMENTO ESPORTIVO – a Direção nomeou os alunos Harro Peixoto Mylius e Alvaro Lino de Souza para, sob a orientação do Prof. Veridiano, promover as atividades esportivas.

As diversas atividades extracurriculares existentes no Colégio funcionaram concomitantemente umas às outras em diversos períodos. Devemos ressaltar,

entretanto, que segundo a Direção do Ginásio, os cursos noturnos prejudicaram a intensificação das atividades dos Grêmios Literários, visto que as reuniões eram realizadas à noite (RELATÓRIO ANUAL DE 1949, s/p).

As atividades extracurriculares eram uma orientação da legislação para o ensino secundário - já que este era fundamentalmente propedêutico, as atividades que estimulassem o espírito de liderança e iniciativa nos alunos eram sempre bem vistas -. Essa orientação era evidente no Decreto-lei nº 4.244 de 09/04/1942, no art. 46 do capítulo XII da Lei Orgânica do Ensino Secundário que trata das atividades complementares

Os estabelecimentos de ensino secundário deverão promover, entre os alunos, a organização e o desenvolvimento de instituições escolares de caráter cultural e recreativo, criando, na vida delas, com um regime de autonomia, as condições favoráveis à formação do espírito econômico, dos bons sentimentos de camaradagem e sociabilidade, do gênio desportivo, do gosto artístico e literário. Merecerão especial atenção as instituições que tenham por objetivo despertar entre os escolares o interesse pelos problemas nacionais.

Sendo assim as práticas discentes fora das salas de aulas eram muito incentivadas e apoiadas e nos Colégios metodistas eram comuns desde a implantação da educação formal metodista no Brasil.

Evidenciamos o cumprimento desse decreto através da orientação dada pelo diretor do IPA – Departamento de Jaguarão na primeira reunião da Congregação, onde ele orienta a criação de atividades extraescolares, tais como Grêmio Literários, Centro de Brasilidades, Associações Desportivas, Associações Teatrais e outras (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO, p. 2).

Como em anos anteriores, em 1949 realizou-se em todos os sábados uma assembleia de caráter lítero-musical, sendo que cada semana uma das séries do ginásio era responsável por tal assembleia (RELATÓRIO ANUAL DE 1949, s/p).

Tabela 4 – Os nomes dos diretores e dos vices diretores do Ipinha

ANO	DIRETOR	INSPECTOR
1942	Sebastião Gomes Campos	Octávio Moreira Fialho
1943	Samuel Antônio Figueiredo	Octávio Moreira Fialho
1944	Wilson Fernandes	Octávio Moreira Fialho
1945	Eurípedes Facchini	Nelí Jacintho Romero

1946	Eurípedes Facchini	Anacleto Ferreira Porto
1947	João Corrêa Lima	Jacob J. Parmagnani
1948	João Corrêa Lima	Jacob J. Parmagnani
1949	João Corrêa Lima	Jacob J. Parmagnani
1950	Jorge Abel Neto	Jacob J. Parmagnani
1951	Jorge Abel Neto	Jacob J. Parmagnani

Fonte: Relatório de Alunos concluintes elaborado pela autora.

Ao observarmos a tabela acima podemos perceber que os diretores, na sua maioria, permaneceram mais de um ano na direção do estabelecimento, o que facilitou aos mesmos darem continuidade a seus trabalhos, conseguindo assim manter certa identidade no ginásio. Outro fator de destaque é que todos os diretores eram metodistas ou ligados à Igreja Metodista, e vieram para Jaguarão por causa do Ipinha.

Tabela 5 - O número de matrículas do Ipinha por ano.

ANO	ALUNOS MATRICULADOS
1942	160
1943	218
1944	210
1945	202
1946	223
1947	227
1948	198
1949	178
1950	146

Fonte: RUMO AO CINQUENTENÁRIO, n. 02, 03, 04, 05, 06, 07, de 1991, elaborado pela autora.

Através da tabela com o número de matriculados no Ipinha, por anos podemos identificar que o número de matriculados variou, mas percebemos que nos últimos três anos houve um decréscimo, embora não tenhamos descoberto qual o motivo para tal fato.

Na tabela acima estão computados o número de alunos matriculados nos cursos primário, de admissão, ginásial diurno e noturno, ficando de fora o número de matriculados nos cursos do SENAC e na contabilidade.

Após 10 anos de funcionamento efetivo do Ipinha sob Inspeção Federal (1942 – 1952), o Estado do Rio Grande do Sul declarou estar em condições de assumir a responsabilidade da instituição. Atualmente o Colégio é mantido pelo Governo do Estado, que o encampou no início de 1952, sendo-lhe então dada a denominação de Ginásio Estadual de Jaguarão. Em publicação do Diário Oficial da União de 16 de setembro de 1957, a diretoria do Ensino Secundário autorizou a mudança de denominação desse estabelecimento para Ginásio Estadual Espírito Santo.

5. 1 – A cultura escolar do Ipinha

A partir de agora vamos caracterizar os elementos que compuseram a cultura escolar do Ipinha. Nesta investigação, entendemos cultura escolar de acordo com Frago (1994, p.5):

Os aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, o que inclui práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos- história cotidiana do fazer escolar -, objetos materiais – função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbólica, introdução, transformação, desaparecimento e modos de pensar, assim como significados e idéias compartilhadas.

Considerando então a cultura escolar como tudo que permeia o espaço educativo, tais como práticas, debates, discursos, desejos e medos, consideramos todo o viver escolar, o qual envolve alunos, professores, funcionários e a comunidade.

Nesta pesquisa, que privilegia a caracterização das práticas culturais, seus sujeitos, objetos e produtos, caracterizaremos essa cultura através de alguns objetos e práticas descritos a seguir.

Um dos aspectos da cultura escolar do Ipinha era seu Hino, que segundo o ex-diretor Jorge Abel Neto, foi adaptado do Hino do IPA de Porto Alegre pelo Reitor Oscar Machado. Para a ex-aluna Adília Dutra Corrêa de Sá, o “Hino do Ipinha diz tudo”¹⁸ (Informação Verbal).

¹⁸ Informação dada em entrevista concedida à autora em setembro de 2015.

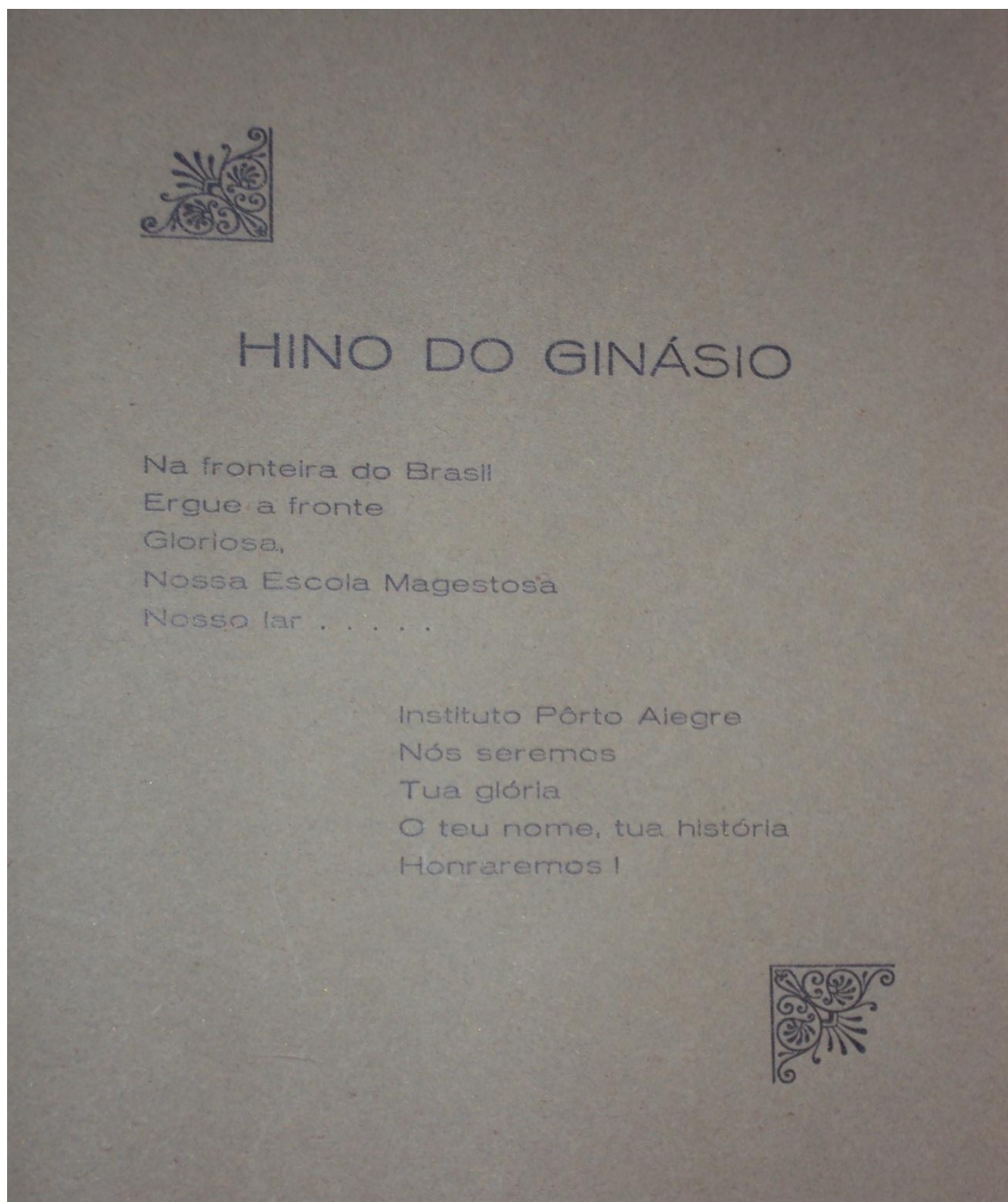


Figura 18 – Hino do Ipinha.

Um dos aspectos da cultura escolar do Ipinha, seu Hino, retirado do convite de formatura de 1949.

Fonte: Álbum de formatura de 1949.

Na última estrofe, diz “Instituto Porto Alegre, nós seremos tua glória, teu nome, tua história honraremos”. Podemos perceber que esse lema do Hino foi bem incorporado pela cultura transmitida aos alunos, a prova disso foram as festividades de comemoração dos 40 anos, dos 50 anos e dos 60 anos de fundação do Ipinha em Jaguarão, todas com exposição de fotos do ginásio, de seus alunos e professores, com a flâmula do Ipinha exposta em lugar de destaque e o Hino cantado várias vezes.

Outra maneira de perpetuar essa “glória e história” são os boletins informativos produzidos pelos ex-alunos para divulgar as festividades de aniversário dos 50 anos de fundação do Ipinha e para relembrar e rememorar suas histórias.

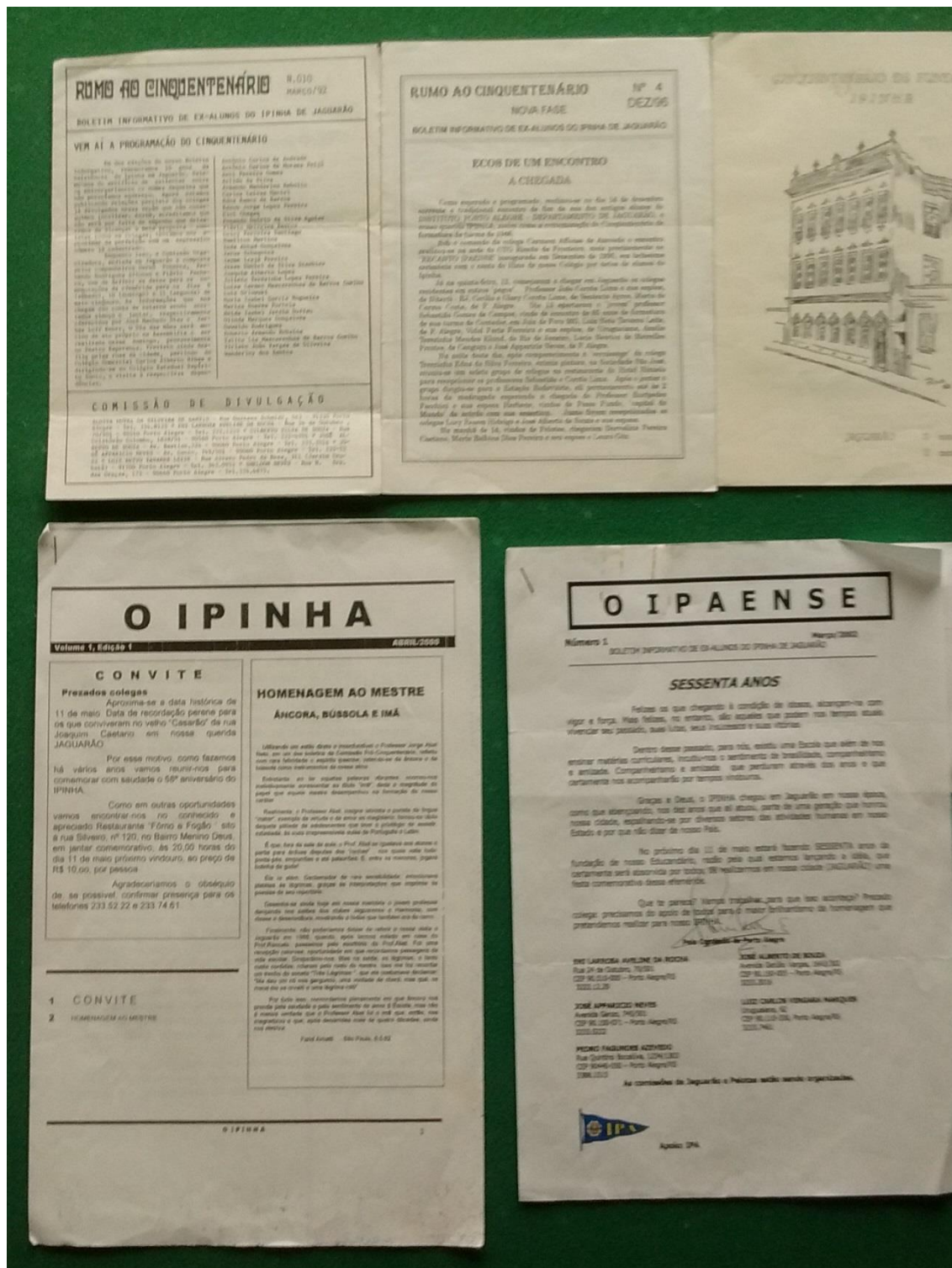


Figura 19 – Folhetos informativos para as festas de aniversário da fundação do Ipinha.

Folhetos informativos para as festas de aniversários de fundação do Ipinha, organizados pelos ex-alunos.

Fonte: Arquivo Pessoal do Ex-diretor Jorge Abel Neto.

Outro aspecto da cultura escolar do Ipinha era sua flâmula, que estava presente nos documentos e nos uniformes, bem como nas atividades e festividades, sempre em local de destaque, como podemos observar nas fotos abaixo.



Figura 20 - Aluna Adília Dutra Corrêa de Sá.

A flâmula em destaque na decoração por ocasião da formatura de 1949.

Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Adília Dutra Corrêa de Sá.

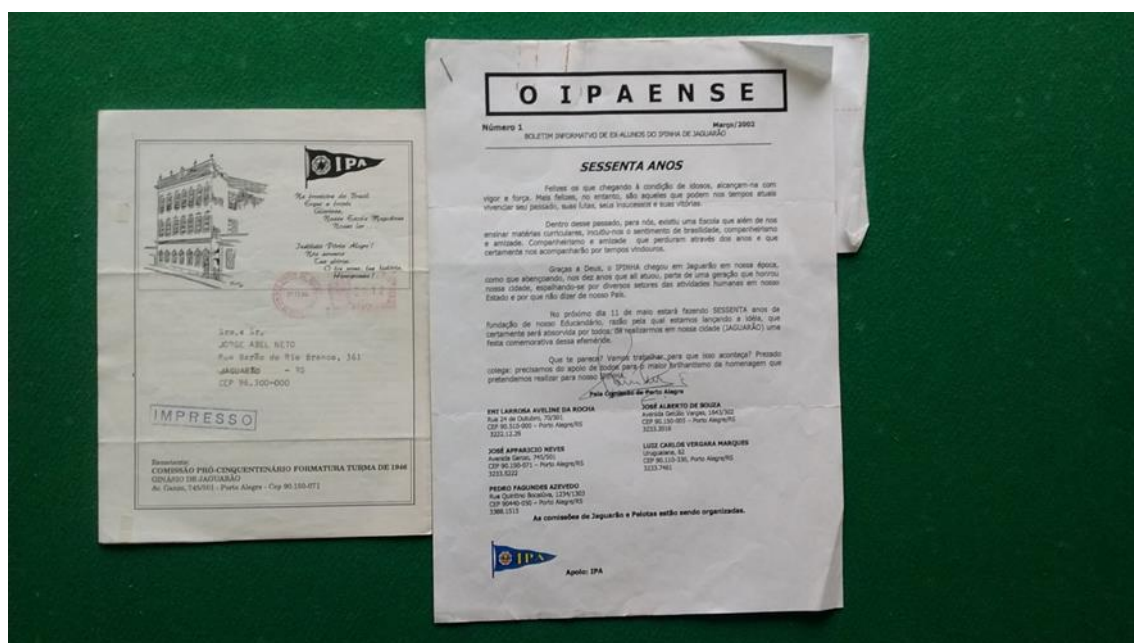


Figura 21 – Informativos dos 50 e dos 60 anos de fundação do Ipinha.

Para manter contato, lembrar e relembrar da época do Ipinha, os ex-alunos utilizavam esses informativos.

Fonte: Rumo ao Cinquentenário, O Ipaense.

Figura 22 – Flâmula do Ipinha.



Um dos aspectos da cultura escolar do Ipinha, sua flâmula, está presente em seus documentos, eventos e atividades relacionadas ao Colégio.

Fonte: Arquivo pessoal do ex-diretor Jorge Abel Neto.

Segundo o ex-diretor do Ipinha, professor Jorge Abel Neto, essa flâmula era a mesma do IPA de Porto Alegre, e era confeccionada lá e trazida para Jaguarão, sendo considerada como parte da identidade do IPA de Porto Alegre e do Ipinha.

Podemos destacar a homenagem feita em 24 de agosto de 1946, em decorrência da data natalícia do Cel. Valério Gomes de Lacerda, quando foi realizado um programa especial, com uma saudação feita pelo aluno Ernani Coitinho, orador do Conselho Escolar e, em nome da Direção e dos professores, feita pelo professor João Corrêa Lima, vice- diretor do Ipinha. Foi oferecida a Flâmula do Ginásio pelo diretor Eurípedes Facchini, pois o Cel. Valério prestigiava todas as atividades ipaenses, apoiando sempre “as altas finalidades educativas patrocinadas pelo Ginásio” (BARREIROS, 1946a, p.3).

Podemos perceber que a Flâmula do Ginásio era uma de suas marcas e que era muito respeitada e amada pelos alunos, professores, funcionários e “amigos do Ipinha”.

Outro ponto que pode ser salientado da identidade das escolas metodistas era o departamento esportivo. No ano de 1949, encontrava-se sob a orientação do Prof. Veridiano.

Destacamos a existência de quadras esportivas também no Colégio Piracicabano no ano de 1940. Segundo Elias (2001, p, 152), “a melhor e maior quadra de bola ao cesto existente na cidade, com arquibancada de tijolos, cabine para cronometrista e anotadores, nova iluminação”. Havia também a piscina e competições, que fizeram esse espaço se tornar em ponto de encontro de toda a cidade. Também existia Ginásio de esportes no IPA de Porto Alegre, no Colégio Americano de Porto Alegre, no Colégio Centenário em Santa Maria, no Instituto Educacional de Passo Fundo e no Colégio União em Uruguaiana.

Na terceira reunião da congregação, realizada em 8 de junho de 1942, já notamos a preocupação do professor Sílvio Santos com a prática de esportes, quando ele fala da necessidade de campos de esportes (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO, p. 4). Também percebemos que o Ipinha já tinha um campo, pois na quarta reunião da congregação o professor Santos pede providencias no acabamento das obras e na aquisição de material para a Educação Física. Seu pedido é endossado pelo o professor Euclides de Miranda Osório (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO, p. 5 V). “A prática do atletismo, da ginástica, do esporte, era

considerada parte da ‘missão’ porque o ‘corpo é a morada do espírito’” (MESQUIDA, 1994, p.159).

As aulas no Ipinha funcionavam, em 1943, num único turno das 8h às 13h e a Educação Física tinha início às 15h (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO, p. 7 V). As aulas de Educação Física eram à tarde provavelmente porque o estádio do Ipinha localizava-se a umas 10 quadras do prédio da escola, o que dificultava a logística das aulas, caso fossem no mesmo turno das demais.



Figura 23 – Alunas no Estádio do Ipinha.

Ensaio para o desfile de 7 de setembro, realizado no estádio do Ipinha, a fim de bem representarem a escola.

Fonte: Arquivo pessoal de ex-aluna Eloá Dutra Silveira.

Acima vemos uma foto das alunas no Estádio do Ipinha ensaiando para o desfile de 7 de setembro de 1948. O Ipinha cedia seu estádio aos clubes locais, visto ser, na época, a única praça de esportes da cidade. No ano de 1949, o departamento esportivo cobrou, durante o ano, a percentagem de 15% sobre a renda das partidas, o que ofereceu recursos para cobrir as despesas da excursão à Santa Maria, por ocasião da 18ª Olimpíada Intercolegial. Realizada ao final de outubro, a excursão “valeu por muitas, dada a sua finalidade que foi de estabelecer contato e entrelaçamento entre os estudantes dos seis Colégios metodistas do Estado” (RELATÓRIO ANUAL DE 1949, s/p).



Figura 24 – Equipe de Futebol do Ipinha.

1ª Equipe de Futebol do Ipinha (1942).

Fonte: AZEVEDO, 1992, p.06.

Os ipaenses da fronteira ficaram muito felizes com a visita de uma caravana dos ipaenses do morro, que vieram a Jaguarão em 9, 10 e 11 de maio (ESTRELLA, 1949). Outro momento de grande alegria aconteceu em Passo Fundo quando os ipaenses da fronteira foram para a Olimpíada dos Colégios Metodistas e ganharam uma partida de vôlei do Colégio União, e o professor Facchini tirou o bigode, pois havia prometido aos alunos que se esses ganhassem, ele tiraria seu bigode (RUMO AO CINQUENTENÁRIO, n°10, 1992, s/p).

Também foi lembrado nas reminiscências do Ipinha (1), em Rumo ao Cinquentenário n°9, de 1992, o fato relatado por Sheldon Neves,

Em Passo Fundo, na última partida de basquete que disputamos com o Instituto de Educação daquela cidade, o colega Ubirajara Cardoso atreveu-se a conferir uma cesta, estando ainda na nossa meia cancha. E, acreditem,

acertou convertendo mais dois pontos para o Ipinha. Esta contenda nos valeu medalha de ouro no Intercolegial Metodista, pois já havíamos despachado a turma do Colégio União, de Uruguaiana (NEVES, 1992, s/p).

Esses fatos são lembrados com um misto de saudades e júbilo pelos seus alunos, e podemos afirmar que marcaram suas vidas, já que depois de muitos anos ainda permanecem na memória dos participantes.

Segundo Souza (2008, p.196), “as festas cívicas e os campeonatos esportivos transformara-se em verdadeiros “cartões postais” dos estabelecimentos de ensino secundários de São Paulo”. O mesmo pode-se dizer das escolas metodistas e em especial do Ipinha de Jaguarão, devido a esses eventos serem fortes componentes da cultura do Colégio.

[...] o êxito pessoal nos esportes individuais; a prática das competições coletivas, onde a vitória da equipe era o “resultado do esforço e da habilidade de cada um”, as atividades extraclasse e extra escolares de toda a espécie contribuíram para a formação de “homens livres e independentes, aptos para atuar na sociedade como cidadãos e profissionais eficientes”. Esses princípios e esta prática pedagógica induziriam o estudante a convencer-se de que o êxito individual e o progresso de sua nação seriam o resultado do trabalho, do esforço e da conduta moral de cada indivíduo (MESQUIDA, 1994, p 161).

Evidenciamos ainda como aspecto da cultura escolar do Ipinha o Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva, talvez essa seja a atividade extracurricular que mais se destacou no Ipinha, devido ao seu forte apelo cultural e social.

A primeira ata a que tivemos acesso do Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva foi a da reunião de 20 de abril de 1945, que se realizou às 20h, no auditório do referido Colégio, sob a presidência do terceiroanista Ernani Coitinho. Através da leitura dessa ata podemos perceber que a referida reunião foi a quinquagésima-sesta reunião do Grêmio.

Identificamos a existência de grêmios ou de associações de alunos em várias instituições educativas do Brasil durante o século XX. A maioria dos impressos estudantis existentes nessa época estava vinculados a grêmios de escolas secundárias e normais, tais como o “Ecos Gonzagueanos” do Colégio Gonzaga e o “Jornal Estudante” do Gymnasio Pelotense (AMARAL, 2003). Citamos ainda alguns impressos estudantis que não estavam ligados aos Grêmios, como o Ensaio, O Pagode, O Centrista, Vida, O Alvorecer, O Estudante e O Gonzagueano, O Ruralista da Escola Normal Rural La Salle, Crônicas, A voz da Serra, Normalista Rural e a Revista O Clarim, do Colégio Farroupilha, entre outros.

O Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva era formado por associações de alunos e caracteriza-se por uma prática educacional institucional. Suas principais finalidades eram o desenvolvimento cultural e literário dos alunos através de assembleias semanais que se constituíam de declamações de poesias, contos e crônicas, como também a realização de debates em uma tribuna. Os debates aconteciam sobre um tema pré-estabelecido, conhecido como “These” pelos alunos. No Grêmio Literário eram discutidos assuntos referentes a questões políticas, religiosas, históricas, culturais, comportamentais etc. e essas discussões aconteciam nas defesas das “Theses”. Também eram abordados assuntos que estavam em destaque na sociedade naquele momento e pessoas eram convidadas pelo professor responsável do Grêmio Literário para proferir palestras.

O Grêmio Literário era um espaço que transmitia a cultura escolar do IPA – Departamento de Jaguarão, pois segundo Frago:

Cultura escolar é compreendida como “os aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, o que inclui práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos, história cotidiana do fazer escolar, objetos materiais, função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento e modos de pensar, assim como significados e ideias compartilhadas” (FRAGO, 1994, p. 5).

De acordo com Frago, nas sessões do Grêmio era transmitida uma cultura escolar do IPA – Departamento de Jaguarão, que o diferenciava das demais instituições educativas.

Através da leitura das atas foi possível perceber que a diretoria era composta de um presidente, um secretário e uma comissão executiva, que por sua vez era composta de um presidente, três auxiliares e um conselheiro. Todos os cargos, menos o de conselheiro, eram compostos por alunos do Colégio.

Em todas as sessões do Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva havia na programação uma parte obrigatória que na sua grande maioria era composta de:

1. Número de música;
2. Declamação;
3. Discurso Oficial;
4. Canto;
5. Declamação;
6. Biografia de um personagem de destaque;
7. Música;
8. Declamação;
9. Trabalho original;
10. Canto;
11. Improviso.

Havia também uma parte voluntária, que era apresentada por alunos, por professores ou por amigos do Colégio. A participação dos alunos nas atividades do Grêmio Literário contribuía para o desenvolvimento da oratória, da desenvoltura no falar em público e da criticidade, além de propiciar a formação de redes de sociabilidade que, posteriormente, se refletiriam em suas trajetórias profissionais. Também percebemos, ao ler as atas, que novas apresentações foram incorporadas às sessões do referido Grêmio, tais como comédia, leitura de pensamentos, humor e poesia.

Não identificamos até o momento a data da fundação do Grêmio. A primeira notícia da sua existência é datada de setembro de 1942, através de uma notícia do Jornal “O Ipinha”, que era um impresso dos alunos da segunda série do IPA – Departamento de Jaguarão, tendo como diretor responsável o professor Otávio Torres:

CONCURSO DE DECLAMAÇÃO

O Grêmio Literário Joaquim, promoverá no dia 4 de setembro no Teatro Esperança um concurso de declamação.

Para esse fim, procedeu-se no dia 20 a eliminatória entre os concorrentes que eram os seguintes:

Edy Betto Larosa – Lea N. T. Leite

João B. de L. Osório – Mateus O. Mandarin

Elma Ferreira – Therezinha O. Carpanetto

Eni Machado – Luiz Orłowski

Jaques Nechi – Nivia B. Jorge

Gléci P. Dias – Ieda Porto Miranda

A chamada foi feita por ordem alfabética, e foram classificados os seis primeiros declamadores.

A comissão encarregada foi a seguinte:

Dr. Sebastião Gomes de Campos,

Dr. Samuel Antonio de Figueiredo,

Profª Iracema Santos,

Prof. Euclides de Miranda Osório.

Os concorrentes continuam fazendo seus ensaios com afinco e graças aos seus esforços teremos um ótimo programa no dia 4 do corrente mês, animado com algum número música e canto (LODER, 1942, s/p).

Através dessa notícia percebemos que os concursos de declamação eram uma prática que acompanhava o referido Grêmio desde a fundação do Colégio. No geral, os concursos de declamação eram realizados no Teatro Esperança, local frequentado pela elite jaguareense, evidenciando o quanto certos segmentos da sociedade valorizavam essa prática cultural.

Através da análise das atas e das notícias dos jornais podemos identificar a cultura escolar transmitida pelo Grêmio, pois:

Segundo Julia (2001, p.10) a cultura escolar “não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a

cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular”.

Os Impressos “O Ipinha” e “O Ipaense”, que publicavam notícias do Grêmio, se constituem em um *corpus documental* importante, pois são reveladores de concepções pedagógicas de determinados períodos da história do IPA – Departamento de Jaguarão, além de revelarem o contexto social, político e econômico em que a instituição estava inserida, influenciando e sendo influenciada por tal contexto. Outro fator que as notícias dos jornais e a leitura das atas revelam são as práticas culturais e sociais desenvolvidas, os temas priorizados, as pessoas que participavam das sessões e as atividades realizadas, apontando vestígios das ideias que se ligavam aos princípios pedagógicos, valores e ideais que constituíam o projeto institucional.

Notícia do Jornal O Ipaense, ano I, nº 8 de novembro – dezembro de 1946 (BARREIROS, 1946b, p.6).

Encerramento das atividades extracurriculares

Na noite de 15 do corrente, o Centro de Brasilidade Tiradentes e o Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva elaboraram um programa em conjunto, encerrando as atividades extra-curriculares do Ginásio em 1946. A primeira parte constou do concurso de declamação mencionado em outra seção do IPAENSE e a segunda foi destinada à comemoração da data de 15 de novembro, sobre a qual dissertou, num brilhante improviso, o professor de Geografia e História, sr. Abrão Hausman. Discursaram também o aluno Alfredo Rodrigues Neto, orador do Centro de Brasilidade, fazendo um rápido relato das atividades do Centro em 1946, e a aluna Maria do Carmo Costo, presidente do Grêmio Joaquim Caetano, também relatando os seus trabalhos neste ano. Após a "hora voluntária" em que, como de costume, pessoas da cidade colaboraram, o Prof. Eurípedes Facchini, diretor do IPA, finalizou a reunião fazendo sentir que no ano letivo de 1946 as atividades extracurriculares do Ginásio tiveram também grande incremento, possibilitando o despertamento de muitos valores artísticos e literários entres os alunos; acentuou que a Direção se preocupa também com carinho destas atividades complementares do sistema educativo ipaense, com o nobre objetivo de obter a formação integral (alma, corpo e mente) dos ginásianos; agradeceu finalmente a valiosa colaboração de professores e alunos e o apôio entusiástico das autoridades locais, de pais de alunos e de outros amigos do estabelecimento, que teem prestigiado sempre as reuniões ipaenses.

Figura 25 - Encerramento das atividades extracurriculares.

Festividade de encerramento das atividades extracurriculares, realizada pelo Centro de Brasilidades em conjunto com o Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Nas notícias acima identificamos a preocupação do IPA - Departamento de Jaguarão com a formação da alma, corpo e mente dos seus alunos, bem como a importância do intercâmbio cultural e social dos ipaenses com a sociedade local. Por meio das sessões do Grêmio e das festividades do Ginásio, apuramos que sempre que possível algumas pessoas da sociedade jaguareense participavam de apresentações literárias ou musicais, contribuindo assim com a formação de valores artísticos e culturais dos ginasianos.

Através da leitura das atas do Grêmio e de notícias do Impresso Ipaense, evidenciamos que o Rotary Club de Jaguarão era o patrocinador e a entidade motivadora do Centro de Brasilidades Tiradentes. Esse fato se torna evidente através da leitura da notícia abaixo, na qual o palestrante destaca o convite feito pelo Rotary Club para falar em sessão do Grêmio, em parceria com o Centro de Brasilidades Tiradentes. Esse é um fato comum em algumas das sessões do Grêmio.

Verificamos essa prática na notícia publicada na capa do Ipaense, de outubro e novembro de 1949, em que se destaca uma sessão do Grêmio Literário em parceria com o Centro de Brasilidades Tiradentes, no ciclo de homenagens em que Jaguarão reverencia o primeiro centenário do nascimento de Ruy Barbosa (CARRICONDE, 1949, p. 1-2).

Primeiro centenário do nascimento de Ruy Barbosa.

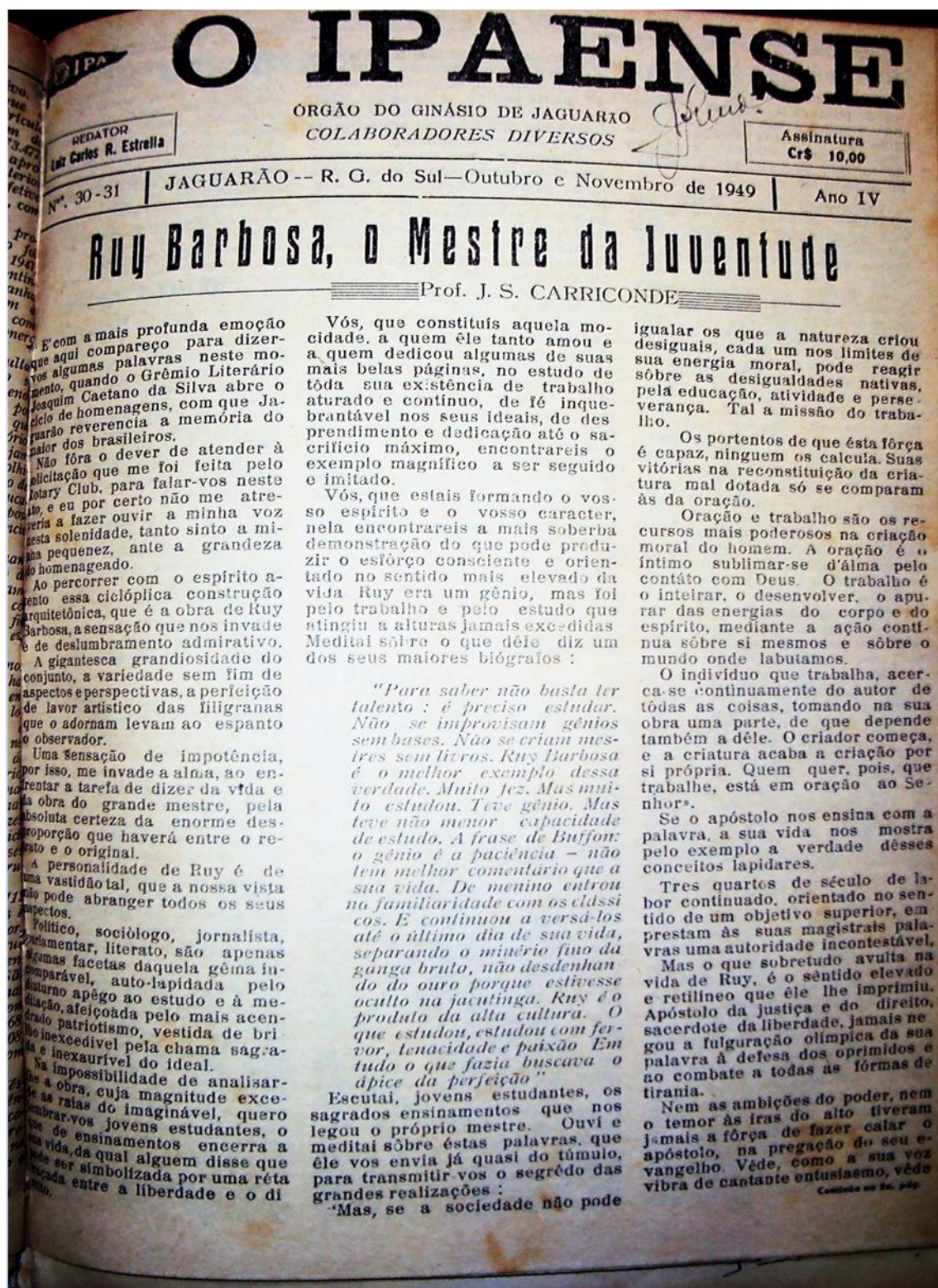


Figura 26 – Centenário do nascimento de Ruy Barbosa.

Notícia do O Ipaense, sobre a comemoração realizada no Ipinha pelo 1º Centenário do nascimento de Ruy Barbosa.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O discurso acima foi proferido pelo professor do Ginásio João Soares Carriconde, em 3 de novembro de 1949, na sessão comemorativa do 1º Centenário do nascimento de Ruy Barbosa.

Enquanto representante do Ginásio, Carriconde procurava estimular os ginásianos a ler e a estudar, salientando a importância desse ato na formação das pessoas. O Ipinha, como todas as escolas metodistas, desejava ser democrático e transmitir conhecimentos que conduzissem o homem ao livre e adequado exercício de sua vontade, para que os alunos, ao saírem da instituição, estivessem aptos a pensar, a exercer sua vontade, a raciocinar corretamente e a dar sua contribuição ao país, pois sua finalidade era formar a elite brasileira.

Essa associação de alunos contracenava no cotidiano com a escola e com a cidade, numa intersecção entre público/privado e oficial, revelando as relações de troca, articulações, cumplicidades e disputas. Através das atas identificamos os atores protagonistas da história do Grêmio, as marcas de suas presenças e assinalamos a existência de uma linguagem comum entre Grêmio, escola e cidade.

O discurso do Diretor do Colégio na sessão de 24 de maio de 1947 diz: “Que estas belas ocasiões proporcionadas aos alunos desta casa para uma hora de estudo e recreação artística e intelectual, se reproduzam por mais algumas vezes” (ATA Nº 28 DO GRÊMIO LITERÁRIO, p. 28 V).

Identificamos a preocupação da direção do IPA – Departamento de Jaguarão em proporcionar aos alunos e amigos desse estabelecimento ocasiões como as sessões do Grêmio, pois segundo o Diretor, eram momentos de estudo e recreação artística e intelectual.

Segundo Julia (2001), a cultura escolar é também formada por práticas que interiorizam nos alunos determinadas condutas segundo os propósitos políticos e pedagógicos do Colégio. A missão escolar metodista que fundou o Ipinha colocou em prática estratégias e táticas didáticas que procuravam criar nos alunos um sentimento de responsabilidade, de liberdade e de amor à obediência. Para a formação do aluno, o Ipinha investiu na orientação nacionalista e cristã, sustentada pelo primado do espírito e a supremacia das forças morais, colocando acima de tudo a ideia e os princípios de Deus.

As atividades extracurriculares, tais como as sessões do Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva, do Centro de Brasilidades Tiradentes, o grupo teatral, o jornal escolar “O Ipaense”, o Clube Panamericano, o Clube Filatélico, o Clube de

Inglês, o Clube da Leitura e o Departamento Esportivo contribuíram para o desenvolvimento da oratória, da desenvoltura e da desinibição, além de contribuir no conhecimento literário e geográfico dos alunos, bem como no desenvolvimento físico, cultural, social, moral e intelectual, sendo assim fundamentais para a formação objetivada pelo Ipinha, que segundo o seu regimento, era “[...] de formar brasileiros, pelo pensamento, pelo coração e pelo estímulo às virtudes cristãs, sem o que não teremos nem soldados, nem intelectuais e muito menos estadistas” (IP A 1942, p. 6).

Não poderíamos finalizar sem transcrever uma crônica que encontramos no Rumo ao Cinquentenário n. 12, 1992, escrita pelo ex-aluno Fernando Rodrigues Affonso, que é intitulada de: O Mistério do IPA,

Em conversas com uma das minhas filhas, ela interpelou-me assim: “Pai. Que mistério é esse I.P.A. de que vocês tanto falam?”
Que força será essa? De onde sai tanto amor a essa causa? Muitas vezes já fui perguntado, ouço seguidamente manifestações de admiração por esse espírito que perdura ao longo de tantos anos.
Realmente penso que é digno de espanto que nos dias atuais, dominados justamente por uma filosofia totalmente diversa, haja uma geração que se propõe manter viva uma chama acesa desde o longínquo **1942**.
Sou obrigado a atribuir esse amor a uma época tão maravilhosa, porque maravilhosa foi a orientação da qual fomos impregnados por uma mentalidade oriunda da direção e professores que souberam de maneira admirável nos imbuir de um espírito de liberdade, responsabilidade, amor a Pátria e respeito aos colegas.
Na fronteira do Brasil ... e desta mesma fronteira estamos dando um exemplo aos nossos filhos, às novas gerações e mesmo aos mais velhos que não tiveram a felicidade de aprender que as nossas cores, ouro sobre azul, encurtam as distancias e conservam os amigos.... (AFFONSO, 1992, s/p, grifo do autor).

Ao analisarmos o depoimento acima não podemos deixar de perceber amor, respeito, saudade e admiração deixadas pelo Ipinha e até hoje esses sentimentos e memórias reverberam nos ex-alunos, nas suas famílias e na comunidade jaguareense. Não podemos pensar que esse Colégio foi “só mais um” na cidade de Jaguarão, pois ele deixou marcas que perduram em diversas gerações, que têm vontade de conhecer essa obra educativa a fim de entender qual era o diferencial dessa escola, já que nela foram formadas muitas lideranças, como prefeitos, vice-prefeitos, vereadores, presidentes do Rotary Clube Local, patrões do Centro de Tradições Gaúchas, presidentes do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão e primeiras-damas do município, entre outras.

O Ipinha encontrou sua identidade na área intelectual, moral, social e esportiva à medida que proporcionava várias atividades extracurriculares que desenvolviam aptidões e valores que compunham o ideário de formação objetivado pela escola, por

isso não podemos lembrar o Ipinha sem fazer alusão a essas atividades, que marcaram seus participantes com uma lembrança de amor e saudade.

Considerações Finais

Iniciamos esta conclusão abordando algumas considerações sobre as principais características da missão educativa metodista no Brasil, para após delinear as peculiaridades da educação metodista no Rio Grande do Sul, e por fim nos determos, especificamente, sobre a missão educativa metodista em Jaguarão, O IPA – Departamento de Jaguarão (Ipinha), enfocando a cultura escolar do Ipinha, através do “Hino”, a “Flâmula”, o “Departamento Esportivo” e o “Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva”.

A missão metodista pregava a ideologia do destino manifesto e do transplante de benefícios culturais para o Brasil, com quem desejava compartilhar os benefícios da civilização protestante americana, sendo imprescindível para tal objetivo a implantação de escolas metodistas.

A ação pedagógica metodista estava embasada no sistema educativo americano, que se fundamentava no ideal liberal, nacionalista e de caráter pragmático, visando a formar cidadãos trabalhadores, com espírito de liderança, democráticos, de posicionamento moral firme e que respeitassem a individualidade e o mérito pessoal.

Os missionários metodistas encontraram na estrutura da sociedade brasileira da época uma brecha para a instalação de suas escolas, devido às classes média e alta almejarem uma formação que fosse ao encontro das ideias liberais que emergiam nessa sociedade. A elite econômica e social deseja uma educação inovadora, marcada por uma metodologia moderna, com uma escola com boas instalações e professores qualificados para tal, sendo esse o panorama social e econômico propício para a instalação das escolas metodistas no Brasil.

A educação metodista encontrou solo fértil para seu ideário civilizatório, já que a economia em expansão, a industrialização e a elite composta por progressistas,

liberais e maçons almejavam formar novas lideranças, a fim de que esses exercessem a democracia e levassem o país a progredir. Os missionários metodistas também visavam a tornar o país importador das manufaturas dos EUA.

A filosofia educativa metodista era centrada nas ideias de liberdade, eficiência, democracia e sucesso pessoal. Tendo um caráter útil e prático, a educação visava à emancipação. O método de ensino era intuitivo e centrado no aluno, utilizando a observação e a experiência. O fundamento do seu currículo era as Ciências Naturais e preocupação com o rigor científico.

Quanto à instalação das primeiras escolas metodistas, entendemos que a missão educativa metodista priorizava cidades estratégicas para a implantação dessas, sendo escolhidas cidades do interior da região Sudeste (com exceção do Rio de Janeiro), pois acreditavam não ser possível converter as classes sociais dominantes das grandes cidades. Priorizavam assim as situadas nas regiões onde se decidia o futuro político, econômico e cultural do país, como Piracicaba, Ribeirão Preto, Juiz de Fora e Porto Alegre. Podemos evidenciar que as cidades onde foram implantadas as primeiras escolas apresentavam-se economicamente favoráveis, sendo essa uma característica fundamental para uma escola voltada para a elite.

Concluimos que a localização das escolas era decidida sempre escolhendo os espaços onde circulava e morava a elite política, econômica e cultural da cidade, para influenciar tal classe social. Ressaltamos ainda que a maioria dos alunos das escolas metodistas era originária da burguesia agrária que objetivava que a sociedade brasileira se tornasse urbano-industrial, e a fim de atender melhor esses alunos, as escolas tinham o sistema de internato. Os missionários metodistas acreditavam que esse sistema de internato era melhor para “moldar o caráter” de seus alunos devido às influências “puras de um lar cristão” recebidas durante o convívio no internato.

Devemos evidenciar que a obra educacional metodista priorizou o estabelecimento de escolas femininas, mas projetou-se também com algumas escolas masculinas. Em relação às escolas femininas, podemos concluir que não foi cumprido um dos seus principais objetivos, que era educar para a emancipação, devido ao contexto social da época, ainda machista e marcado pela industrialização e pela organização dos serviços públicos, não proporcionando lugar na sociedade para o trabalho de mulheres instruídas.

Ao analisar a história da educação metodista no Brasil, identificamos intencionalidade no tipo de trabalho que baliza a atuação adotada por todas as instituições.

Queremos reafirmar que, no Rio Grande do Sul, a missão educativa metodista chegou com o mesmo objetivo que nos outros estados do Brasil, valendo-se da educação para conquistar novos componentes para a Igreja. Os missionários acreditavam que os alunos das escolas metodistas introduziriam em suas casas as sementes do evangelho aprendidas nas escolas.

Identificamos que o projeto educacional metodista desenvolveu-se primeiramente na capital com a fundação do Colégio Americano, e posteriormente ampliou-se para o interior do estado. Identificamos seis instituições educativas (o Colégio Americano (1885) em Porto Alegre, o Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista – IPA (1923) em Porto Alegre e, no interior, os Colégios União (1870 - 1908) em Uruguaiana, Educacional (1919) em Passo Fundo, Centenário (1922) em Santa Maria e o Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão (1942). Todos possuíam internato até o final da década de 1950, a fim de atender os alunos que procediam do interior, de localidades onde não havia curso secundário.

Percebemos que o Colégio Americano e o IPA de Porto Alegre eram as escolas referência para as demais, sendo a primeira para as escolas femininas e a segunda para as masculinas. Vale ressaltar que quando nos referimos a feminino ou masculino, estamos nos referindo ao sistema de internato, não à escola como um todo.

Devemos destacar que as escolas metodistas femininas (totalizando dez) foram fundadas pela Sociedade Missionária de Mulheres dos EUA, e as restantes pela Junta Geral de Missões.

Detectamos quatro pontos de singularidade da cultura escolar comum às escolas metodistas: a presença de ginásio, a prática da educação esportiva, as atividades extracurriculares e os prédios escolares.

Entendemos que as escolas metodistas se preocupavam com a formação intelectual, moral e física de seus alunos, ou seja com a formação integral dos alunos, já que a presença de ginásios de esportes e de prática esportiva eram uma marca dessas escolas. Os missionários metodistas acreditavam que os jogos tinham um efeito pedagógico, pois as competições ajudavam a desenvolver nos alunos a consciência de que o esforço de cada um contribui para o resultado do grupo, sendo esse um dos princípios essenciais para o desenvolvimento de uma liderança.

Por muitos anos foram realizadas as olimpíadas intercolegiais das escolas metodistas, quando as escolas jogavam entre si em diversas modalidades de esportes, como o futebol, vôlei, basquete etc. Os missionários acreditavam na importância da convivência entre os estudantes de todas as escolas metodistas do Rio Grande do Sul, além de proporcionar o conhecimento de outras cidades aos estudantes, já que as olimpíadas aconteciam a cada ano em uma escola diferente.

As escolas metodistas inovaram tanto na implantação da prática esportiva nas escolas como na implantação de atividades extracurriculares, com as visitas, excursões e palestras, sendo que as mesmas eram comuns desde a implantação da educação formal metodista no Brasil.

Destacamos que somente em 09/04/1942, no Decreto-lei nº 4.244, no art. 46 do Capítulo XII da Lei Orgânica do Ensino Secundário, houve legislação sobre as atividades extracurriculares, devido ao fato de serem fundamentalmente propedêuticas, pois as estimulavam o espírito de liderança e iniciativa nos alunos.

Outro ponto de singularidade das escolas metodistas eram seus prédios, sua aparência deveria distingui-los das escolas católicas e do estado. Elas imitavam as fachadas e estruturas das casas brancas e sólidas dos fazendeiros do sul dos Estados Unidos. Era comum serem construídas de tijolos à vista e com pilares na fachada, pois na maçonaria os pilares representam a força e o trabalho necessários para se alcançar o topo da escalada. Eram prédios pomposos e estrategicamente localizados, mas essa diferenciação das demais escolas não se restringia somente ao prédio e à fachada, mas também ao método pedagógico utilizado, já que as escolas metodistas utilizavam o método intuitivo e, para tal, utilizavam os laboratórios de ciências, de química, o globo, o esqueleto humano, os mapas, as classes individuais e as salas de aula sem estrados, o que facilitava a aproximação na relação aluno-professor, entre outras estratégias de aprendizagem.

Torna-se relevante ainda, neste momento de reflexões finais sobre o estudo ora apresentado, destacar que os Colégios metodistas no Brasil são privados e confessionais. Privados devido ao fato de o Estado não ser o financiador, salvo em circunstâncias excepcionais, pela convenção de subsídios especiais ou da concessão de bolsas de estudo; confessionais porque essas instituições foram fundadas pela iniciativa de organizações religiosas, mais especialmente da Igreja Metodista.

O IPA – Departamento de Jaguarão foi fundado devido ao pedido do prefeito local ao Reitor Oscar Machado, então foi firmado um contrato entre a prefeitura e o

IPA de Porto Alegre. Para tanto, fez-se necessária uma ação conjunta com o Governo do Estado, que concedia bolsas de estudos a alguns estudantes carentes, como também com a prefeitura, o Rotary Clube local, o Clube Harmonia, o 13º Regimento de Cavalaria Local, a Bolsa Alfandega de Jaguarão (fornecida pelos funcionários da alfândega local) e a Associação Pastoril de Jaguarão, entre outros. Podemos destacar que muitas pessoas da sociedade local também doavam bolsas de estudos.

Ao analisarmos a cultura escolar do Ipinha, focando mais especificamente na cultura dos artefatos e práticas culturais e esportivas transmitidas no “Hino”, na “Flâmula”, no “Departamento Esportivo” e no “Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva”, identificamos que a direção do Ipinha tinha como preocupação central a formação integral dos alunos, formando a alma, o corpo e a mente desses.

É nítido, através da fala das ex-alunas e do ex-diretor, que o Ipinha conseguiu transmitir amor, respeito e orgulho de fazer parte da “família Ipaense”. O “Hino do Ipinha” foi introjetado e difundido pelos alunos, prova disso são as festas de aniversário de fundação do Ipinha, que foram realizadas mesmo depois de muitos anos do encampamento pelo Governo do Estado.

A presença da Flâmula do Ipinha em documentos, uniformes, jornais e festividades relacionadas à instituição, sempre em posicionamento de destaque, demonstrando o amor e o respeito por pertencer a essa instituição educativa, era considerada como parte da identidade do IPA de Porto Alegre e do Ipinha, devido à flâmula ser a mesma nas duas instituições.

Outro aspecto da cultura escolar do Ipinha era o “Departamento Esportivo”, que proporcionava muitos momentos de competição e confraternização aos alunos nos jogos, campeonatos, olimpíadas e excursões lembradas ainda hoje pelos ex-alunos, com saudade e júbilo. Para a direção do Ipinha, a prática esportiva era parte fundamental da formação dos alunos e ajudava a formar o caráter dos mesmos, além de ter sido por muito tempo o único estádio da cidade, sendo muitas vezes alugado para outras entidades.

Destacamos ainda o “Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva”, talvez o artefato cultural do Ipinha que mais marcou a sociedade jaguareense da época devido ao grande intercâmbio social e cultural que proporcionava entre a escola e a comunidade local. As sessões do grêmio eram frequentadas pela comunidade local e algumas vezes as reuniões eram realizadas no Teatro Municipal com a presença de muitas autoridades e pessoas de destaque na cidade.

Evidenciamos que as finalidades do Grêmio Literário iam ao encontro da formação objetivada pelas escolas metodistas, que era formar a elite dirigente do país, e sabemos que o desenvolvimento social, cultural e literário, a boa dicção e a oratória dos alunos são características fundamentais para tal objetivo.

Podemos dizer que contribuiu para essa cultura escolar, que ainda hoje reverbera na sociedade jaguarense, o posicionamento dos professores frente aos alunos e situações vividas, como também a criação de um ambiente escolar propício para a difusão cultural, artística, literária, esportiva e social. Tais aspectos foram essenciais para que os alunos criassem respeito pelo Colégio, valorizando-o e orgulhando-se por fazer parte desse.

Como diz a ex-aluna Adília, o “Hino do Ipinha diz tudo”¹⁹ (informação verbal), podemos perceber que a estrofe “Instituto Porto Alegre, nós seremos tua gloria, teu nome, tua história horaremos”, foi realmente internalizada e vivida pelos alunos, professores e funcionários do Ipinha.

Percebemos que um dos fatores que tornou o ensino das escolas metodistas não atrativo, foi que a prática pedagógica, o conteúdo e o seu método educativo foram incorporados pelas escolas do governo através da “Reforma Rui Barbosa” e da “Reforma da Instrução Pública e da Escola Normal”. Assim, como seu atrativo era o modo de ensino diferente das demais escolas, e não a fé transmitida, as escolas metodistas acabaram se tornando muito parecidas com as oferecidas pelo governo.

Concluindo, a finalidade última do projeto missionário metodista era o de civilizar, que perpassava pelo educar e pelo evangelizar.

¹⁹ Informação dada em entrevista para a autora em setembro de 2015.

Referências:

AFFONSO, Fernando Rodrigues. O Mistério IPA. **RUMO AO CINQUENTENÁRIO:** Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 12, abr., s/p, 1992.

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Jane Soares de. Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XIX. Rev. Bras. Educ., Ago. 2007, vol.12, no. 35, p.327-342.

ALMEIDA, Vasni de. **A cultura escolar metodista em Birigüi (1918-2004).** Birigüi: Instituto Noroeste de Birigüi, 2005a.

ALMEIDA, Vasni de. **A cultura escolar metodista em Lins (1928-2004).** Lins: Instituto Americano de Lins. 2005b.

ALMEIDA, Vasni de. **A educação escolar metodista no noroeste paulista.** Ribeirão Preto: Colégio Metodista de Ribeira Preto, 2004.

ALMEIDA, Vasni de. **Um Século de Ensino Metodista no Nordeste Paulista.** Ribeirão Preto: Instituto Metodista de Ribeirão Preto, 1999.

AMARAL, Giana Lange do. Gatos Pelados x Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960). 2003. 338 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2003.

AZEVEDO. Pedro Fagundes. **Cinquentenário do IPA:** A chama que o tempo não apaga. A Folha, Jaguarão, 9 mai. 1992, p. 06.

BAGGIO, Vilna. Colégio Bennett.
http://1.bp.blogspot.com/yO_vVZeJ_GY/VKBhCXBVlpl/AAAAAAAAAHs/7yYUU2QKqSY/s1600/5.JPG. Colégio Bennett http://vilnabaggio-bennett.blogspot.com.br/2014_12_01_archive.html. Acessado em: 10 mai. 2015.

BARBOSA, J. C. **Lugar onde amigos se encontram:** Caminhos da educação metodista no Brasil. Piracicaba: CEPEME, 2005. Disponível em: www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/8mostra/3/348.pdf. Acessado em 8 dez. 2014.

BARREIROS, João Maria. Encerramento das atividades extracurriculares. O IPAENSE, ano I, nº 8, nov.,dez., 1946b, p.6.

BARREIROS, João Maria. Justa Homenagem. O IPAENSE, ano I, nº 6, set., 1946^a, p.3.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história:** especialidades e abordagens. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.

BAUER, M. W e GASKELL, G.. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BETTS, João Nelson (org). Contando nossa história / Revista do Grupo de Pesquisa da História do Metodismo no RS, Instituto Teológico João Wesley - vol. 1, n. 1 (1998). Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 2007.

BETTS, João Nelson. História das Instituições educacionais Metodistas no Rio Grande do Sul. 2014. Disponível em:< <http://www.cogeime.org.br/historia-das-instituicoes-educacionais-metodista-no-rio-grande-do-sul/#more-2665>>. Acessado em: 4 abr. 2014.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BOAVENTURA, Elias. **A educação metodista no Brasil.** Piracicaba: Edição do Autor, 2005.

BORGES, Maria Elisa Linhares. **História & Fotografia.** 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRASIL. Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Decreto-lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942. Rio de Janeiro, 18 de abril de 1931. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto%2019.890%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm>. Acesso em: 12 abr. 2015.

BUYERS, Paul Eugene. **História do Metodismo.** São Paulo: Imprensa Metodista, 1945.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro dos velhos jornais: considerações da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, v. 12, n. 1, p. 45-70, jan./abr. 2012.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARRICONDE, João Soares. Ruy Barbosa, O mestre da juventude. O IPAENSE, ano IV, nº 30, 31, out., nov., 1949, p. 1-2.

CARVALHO, Carlos Henrique de; ARAÚJO, José Carlos Souza; GONÇALVES NETO, Wesneslau. Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia – MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JR., D. (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira. Instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG:EDUFU, 2002, p.67-68.

CASTRO, Sádía Gonçalves de. A fotografia na educação: a história narrada pela luz. In: CALVALCANTE, Maria Juraci Maia, QUEIROZ, Zuleide Fernandes de, VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula, ARAÚJO, José Edvar Costa de (orgs.). **História da Educação – Vitrais da Memória: lugares, imagens e práticas culturais**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 519-531.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. O Jornal na História: lugar do encontro de fontes escritas, orais e imagéticas. In: CALVALCANTE, Maria Juraci Maia, QUEIROZ, Zuleide Fernandes de, VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula, ARAÚJO, José Edvar Costa de (orgs.). **História da Educação – Vitrais da Memória: lugares, imagens e práticas culturais**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. P. 540-559.

CINQUENTÁRIO DA TURMA DE 1947. Jaguarão, out., 1997.

CINQUENTÁRIO DE FUNDAÇÃO IPINHA. Jaguarão, mai., 1992.

COLÉGIO METODISTA AMERICANO. História. Disponível em: <<http://www.americano.metodistadosul.edu.br/colegio/conheca/pagina/d2pDRnpCazZTSFpsaFF2NE1FeXhpMjFNSm01WXNzdZlxZytteTN1TmhFSGFONERKNm8rWDAzOVhVZ1dkMHJzTw%3D%3D>> Acesso em: 10 mai. 2015.

CUNHA, Maria Teresa; Território abertos para a história. In: PINSKY; Carla Bassanezi; LUCA Tânia Regina de (Orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral** – memória, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DREHER, M. N. Notas para uma educação confessional protestante. Educação e Missão, ABIEE, Brasília, DF, n. 1, p. 11-29, 2003.

ELIAS, Beatriz Vicentini. **Vieram e Ensinaram** – Colégio Piracicabano, 120 anos. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

ESTRELLA. Luiz Carlos R. Embaixada Ipaense. O IPAENSE, ano IV, nº 23, 24, 25, mar., abr., mai., 1949, p. 3.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de, et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. Educação e pesquisa, V. 30, n. 1, p. 139 – 159, 2004.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1995.

FERREIRA, Sadí P. Biblioteca Visconde de Mauá. O IPAENSE, ano III, nº 17-18, mar., abr., 1948, p.5.

FRAGO, Antonio Viñao. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. Historia de la Educación, Salamanca, v. 13-14, 1993-1994, p. 17-74.

GALVÃO, Ana Maria; LOPES, Eliane Marta. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GARIN, Norberto da Cunha. Um pouco sobre nossas escolas. Revista Contando nossa história. Revista de Pesquisa da História do Metodismo no RGS do Instituto Teológico João Wesley, nº 5, ano 2001.

GATTI JÚNIOR, Décio; OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. O Colégio Santa Teresa de Ituiutaba (MG) e a ação educacional das irmãs scalabrinianas no Brasil. In: Anais do II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, Natal, 2002a.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEITZENRATER, Richard P. **Wesley e o povo chamado metodista**. São Bernardo do Campo: EDITEO, Rio de Janeiro: Pastoral do Bennett, 1996. 349 p.

I.P.A. 1942. Porto Alegre: Gundlach, 1942.

JAIME, Eduardo M. B. **História do Metodismo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Empresa Gráfica Moderna Ltda, 1963.

JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico”. In: Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, p. 9 – 43, Jan./Jun. 2001.

LEE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas: UNICAMP, 1996.

LEMOES, Marcelo. Instituto Metodista Granbery - Colégio e Faculdade - DESDE 1889, rua Batista de Oliveira, em 1934 (arquivo de H. Ferreira). Postado em sexta-feira, 13 de abril de 2012. Disponível em: <
<http://www.mariadoresguardo.com.br/2012/04/instituto-metodista-granbery-colegio-e.html>> Acesso em: 21. jul. 2015.

Livro de Atas da Congregação 1. 1945 - 1951. [Manuscritos]

Livro de Atas do Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva. 1942 – 1951. [Manuscritos].

LODER, Léo Luiz. Concurso de Declamação. O IPINHA, ano I, nº 2, out., 1942, s/p.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa, p.137 – 155. In: BAUER, M. W e GASKELL, G.. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MAGALHÃES, Justino Pereira. Breves apontamentos para História das Instituições Educativas. In: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval (Orgs.). **História da Educação: perspectivas para intercâmbio internacional**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 1999. p. 67-72.

MARASCHIN, Jaci Correia. Metodismo. In: CIVITA, Víctor. *As Grandes Religiões*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, v.4.

MATTOS, Paulo Ayres. A obra educacional da Igreja Metodista no Brasil: um sumário histórico-teológico. In: *Revista de Educação do COGEIME*. ano 9, n. 16, p. 65-75, 2000.

MATTOS, Paulo Ayres. Confessionalidade, educação e escola: um enfoque histórico. In: *Revista de Educação do COGEIME*. Piracicaba: COGEIME, ano 1, n. 1. p. 49-62, 1992.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. Juiz de Fora/São Bernardo: Ed. UFJF/Editeo, 1994.

MESQUIDA, Peri. **Metodismo e Educação no Brasil**: formar elites e civilizar a nação. In: *Revista de Educação do COGEIME*. Ano 2, n. 2, p. 29-50, 1993.

MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. A proposta educacional metodista no Brasil: fase de implantação - de 1876 a 1914. *Revista do COGEIME*, Ano 4, n.6, 1995.

MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. Educando a mulher para o século XX: o papel das escolas Metodistas. *Revista do COGEIME*, Ano 3, n.5, 1994.

NETTO. Arsênio Firmino de Novaes. História do Instituto Metodista Granbery: A mais antiga instituição de ensino da Zona da Mata Mineira Disponível em: <<http://www.granbery.edu.br/granbery.php?codSegmento=1>> Acesso em: 21 jul. 2015.

NEVES, Sheldon. Reminiscências do Ipinha. **RUMO AO CINQUENTENÁRIO**: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 9, fev., s/p, 1992.

O IPAENSE. Jaguarão, n. 17 e n.18,

O IPAENSE: Boletim Informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 1, mar, 2002.

O IPAENSE: Boletim Informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 2, abr, 2002.

O IPAENSE: Boletim Informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 3, abr, 2002.

O IPINHA: Boletim Informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, v 1, ed. 1, abr, 2000.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Fontes Hemerográficas. IN: VAINFAS, Ronaldo e NASCIMENTO, Francisco Alcides do (orgs.). **História e Historiografia**. Recife: Bagaço, 2006. p. 53 – 69.

PINHEIRO, José Pedro. Resumo Histórico da Igreja Metodista. In: BECKER, klaus. Enciclopédia Rio Grandense. V. 4. Canoas: Editora Regional Ltda, 1957.

PIÚMA, Almiro de Lima. Coisas de Ontem. A Folha, Jaguarão, 30 set. 1971. s/p.

Relatório Anual de 1949. [Datilografado]

Relatório de Alunos Concluintes do Curso Ginásial por ano, de 1942 a 1952. [Datilografado]

ROCHA, Isnard. **Histórias da História do Metodismo no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1967.

RODRIGUES, Héleron Bastos. Um movimento educacional. In: STRECK, Danilo R. (org.). Educação e igrejas no Brasil. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1995, p.34-38.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 02, jul., 1991

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 03, ago., 1991

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 04, set., 1991

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 05, out., 1991.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 06, nov., 1991.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 07, dez., 1991.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 08, fev., 1992.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 09, fev., 1992.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 10, mar., 1992.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 11, abr., 1992.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 12, abr., 1992.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 01, out., 1996.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 02, nov., 1996.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 03, nov., 1996.

RUMO AO CINQUENTENÁRIO: Boletim informativo de Ex – Alunos do Ipinha de Jaguarão. Porto Alegre, n. 04, dez., 1996.

SALVADOR, José Gonçalves. **História do Metodismo no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1982.

SCHWARTZMAN, S; BOMENY, H. M. B; COSTA, V. M. R. Tempos de Capanema. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra/Edusp, 2000.

SENSO DEMOGRÁFICO DE 1940.

SILVA, Geraldo Bastos. **A Educação Secundária** (Perspectiva histórica e teoria). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

SILVA, Morency do Couto e. et al. **Rio Grande do Sul – Imagem da Terra Gaúcha**. Porto Alegre: Editora Cosmos Limitada. 1942.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX**: (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

STRECK, Danilo Romeu (org.). **Educação e Igrejas no Brasil**: um ensaio ecumênico. São Leopoldo: CELADEC, 1995. 92 p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. Trad: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VALENTIN, Ismael Forte. A Reforma Protestante e a educação. IN: Revista de Educação do COGEIME. Ano 19, n 37, p. 59-70, 2010.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas: Autores Associados, p.3-33, 2005.

VIDAL, Diana. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e práticas escolares. In: **Currículo sem Fronteiras**, v. 9, n. 1, p. 25-41, jan./jun. 2009.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Colégios Femininos: identidade, história institucional e gênero. Revista de Educação, Campinas, n. 10, p. 116-125. jun. 2001a.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Identidade Institucional: papel dos gestores na preservação da história institucional: papel dos gestores na preservação da história institucional. In: Anais do VII Encontro da ASPHE. Pelotas: 3 e 4 de maio de 2001b.

Entrevistas Concedidas

COUTINHO, Gelci da Rosa. Entrevista concedida a Anna Beatriz Silveira Eneas. Jaguarão, 10 de outubro de 2014.

NETO, Jorge Abel. Entrevista concedida a Anna Beatriz Eneas Ensslin. Jaguarão, 23 e 30 de setembro de 2015.

SÁ, Adília Dutra Corrêa de. Entrevista concedida a Anna Beatriz Eneas Ensslin. Jaguarão, 25 de setembro de 2015.

SILVEIRA, Eloá Dutra. Entrevista concedida a Anna Beatriz Eneas Ensslin. Jaguarão, 24 e 25 de setembro de 2015.

Anexos

Anexo A - Roteiro de Entrevista

Roteiro de Entrevista

Nome:

Idade:

Ocupação:

Naturalidade:

Grau de Instrução:

Formação:

1. Como o Sr. Foi para no IEEEES?
2. Em que ano foi isso?
3. Qual era sua função na escola nessa época?
4. O Sr. deu aula?
5. Em que séries e em que ano?
6. Qual a ligação da Igreja com o IEEEES?
7. A disciplina era imposta na base do medo, havia castigos?
8. Como eram os castigos e punições?
9. Em que anos o Sr. foi diretor?
10. Qual era o papel do diretor?

11. Como funcionava o IEEEES?
12. A secretária como era?
13. Quem era o inspetor?
14. Qual era a função do inspetor?
15. A escola tinha banda?
16. Quem era o responsável pela banda?
17. Como eram os ensaios?
18. Quando eles aconteciam?
19. A banda era mista?
20. Quais eram os instrumentos que a compunham?
21. Quem eram os componentes?
22. Em que ocasiões ela se apresentava?
23. Em que ocasiões os alunos da escola desfilavam?
24. Os alunos eram “obrigados” a desfilar?
25. Os professores eram “obrigados” a desfilar?
26. A escola ensaiava para os desfiles?
27. Os alunos eram selecionados para ocuparem lugares específicos nos desfiles?
(guarda, escudo da escola, madrinha da banda etc.)
28. Qual era o critério para a seleção?
29. Quem criou o escudo da escola?
30. Em que ano?
31. Como foi feita a escolha, houve seleção para a escolha do escudo?
32. Quem criou o hino da escola?
33. Em que ano foi?
34. Houve votação, concurso para a escolha do Hino?

35. Que outros Colégios existiam na época?
36. Qual era o percentual de moças no Colégio?
37. No IEEES a educação para os rapazes e para as moças era igual?
38. O IEEES tinha uniforme?
39. Como era o uniforme? Eram iguais para os dois sexos?
40. Como eram as normas disciplinares?
41. Qual das matérias que era mais importante?
42. Como eram cobrados os conhecimentos no curso ginasial?
43. E na disciplina de trabalhos manuais, como era feita a avaliação?
44. Fale um pouco sobre a disciplina de trabalhos manuais?
45. Eram iguais os conteúdos para as moças e para os rapazes?
46. Que conteúdos eram ensinados na disciplina de trabalhos manuais do curso ginasial?
47. Fale um pouco sobre o curso ginasial?
48. Era obrigatório cursar os quatro anos do curso ginasial para ingressar na faculdade, ou podia fazer os exames oral e escrito e já eliminar o ginasial todo?
49. Como ocorreu o processo de Estadualização do IEEES?
50. Em que ano foi isso?

Anexo B – Relação de alunos concluintes do Curso Ginasial por ano**INSTITUTO DE PORTO ALEGRE – DEPARTAMENTO DE
JAGUARÃO**

1942

RELAÇÕES DOS ALUNOS QUE CONCLUIRAM O CURSO GINASIAL

1. Alpha Costa Alves
2. Yedda Costa Cunha
3. Matheus Octávio Mandarinó
4. Trajana Augusto Saraiva de Miranda
5. Zita Burch Dutra

Diretor: Sebastião Gomes de Campos
Inspetor: Octavio Moreira Fialho

**INSTITUTO PORTO ALEGRE – DEPARTAMENTO DE
JAGUARÃO**

1943

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO GINASIAL

1. Anísio de Souza Resem
2. Clélia Porciuncula d'Ávila
3. Emir Jorge
4. Maria de Lourdes Costa Cunha
5. Maria da Silveira Ferreira
6. Newton Saraiva de Miranda
7. Ruth Burch Dutra
8. Wilson Giozza
9. Zamir da Silva Pinho

Diretor: Samuel Antonio de Figueredo

Inspetor: Octávio Moreira Fialho

**INSTITUTO PORTO ALEGRE – DEPARTAMENTO DE
JAGUARÃO**

1944

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO GINASIAL

1. Aldano Alberto Amaro
2. Alecto Moreira
3. Carlos Loder
4. Elda Dutra Ferreira
5. Flavio da Silva Pacheco
6. Laura Corrêa Lopes
7. Léo Luiz Loder
8. Léa Neto Tavares Leite
9. Léo Neto Tavares Leite
10. Luiz Neto Tavares Leite
11. Roberto Ferreira
12. Wilson dos Santos

Diretor: Wilson Fernandes
Inspetor: Octávio Moreira Fialho

**INSTITUTO PORTO ALEGRE – DEPARTAMENTO DE
JAGUARÃO**

1945

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO GINASIAL

1. Antero Ryff Leivas
2. Candida Maria Marques
3. Edy Botto Larrosa
4. Elma Ferreira (ouvinte)
5. Eny Machado
6. Gessy Nascente Garcia
7. Gilberto Silva de Souza
8. Glecy Paiva Dias
9. Helio César Martins Alvarez
10. Ieda Godolphim Porto
11. Jacyra Porto Miranda
12. Jader Chaves Gonçalves
13. José Ricardo Nascente Garcia
14. Luiz Carlos Vergara Marques
15. Lygia Clementina Ferreira
16. Margarida Soely Mendes
17. Maria do Carmo Peres Machado
18. Myriam Theresinha Squeff da Cunha
19. Neyva Nuñez
20. Nivia Burgos Jorge
21. Olinda Velasques
22. Orlando Robbe
23. Therezinha Edna Carpaneto da Silva
24. Wolmer Garcia
25. Véra Corrêa
26. Wolfaire Silveira de Àvila

Diretor: Eurípedes Facchini
Inspetora: Nelí Jacintho Romero

**GINÁSIO DE JAGUARÃO – DEPARTAMENTO DO INSTITUTO
PORTO ALEGRE**

1946

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO GINASIAL

1. Aldiva Dutra da Silveira
2. Alfredo Ferreira Rodrigues Netto
3. Anna Maria Seeger Coutinho
4. Analia Therezinha Villa Boas Mendes
5. Arildo da Silva
6. Anna Madeira Cerqueira
7. Armando da Costa Pinto Filho
8. Bloci José Garcia
9. Cecilio Correa Lima
10. Djalma Carmo de Mattos
11. Dorvalina Pereira
12. Darnô Fonseca
13. Eloá Bandeira Dutra
14. Ernani Seeger Coutinho
15. Glaci Gonçalves dos Santos
16. Ivone Albuquerque da Silveira
17. Jader Martinez Gonçalves
18. Jayme Silveira Ferreira
19. João Antônio Loder
20. João Neves de Carvalho
21. José Apparicio Neves
22. José Joaquim Pinto Ribeiro
23. José Maria da Silva
24. José Machado Dias
25. Lizeth Portella Gomes
26. Lucio Newton Prestes
27. Lucy de Souza Resem
28. Luiz Apparicio de Souza Bezzerra
29. Maria Balbina Dias de Medeiros
30. Maria do Carmo Costa
31. Nelson Porto Brum

- 32. Ney Amaro Ocacio
- 33. Olga Velasques
- 34. Olinda Radunz
- 35. Romeu Borges da Conceição
- 36. Rubens Castellan Donigno
- 37. Sheldon Neves
- 38. Therezinha Burch Dutra
- 39. Vidal Faria Ferreira
- 40. Zilda da Rocha Passos

Diretor: Eurípedes Facchini

Inspetor: Anacleto Ferreira Porto

**GINÁSIO DE JAGUARÃO – DEPARTAMENTO DO INSTITUTO
PORTO ALEGRE**

1947

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO GINASIAL

1. Aidê Gomes
2. Adoris Escobar
3. Carlos Farias Santos
4. Ceny Therezinha Garcia
5. Edar Silva Knorr
6. Elimar Ziemer
7. Ema Ruiz Aguilera
8. Eva Lygia Gonçalves
9. Francisco Carlos Garcia
10. Gil Dutra de Faria
11. Haroldo Russomano Estrella
12. João Maria Silveira Barreiros
13. Lygia Correa Ribas
14. Luiz Fernando Garcia de Azevedo
15. Maria Eva Ema Brum
16. Maria Helena Santos Nunes
17. Maria Helena Garcia de Azevedo
18. Maria Helena Silva de Souza
19. Maria Helena Mano Scangarelli
20. Milene Ventura de Mello
21. Neusa Braga Silveira
22. Neví Xavier
23. Ubiracy Gonçalves dos Santos
24. Vanda Maria Porciuncula Silveira
25. Ubirajara Henrique Cardoso
26. Vetonil Dias de Oliveira
27. Weber Gonçalves Sanz
28. Wilson Isquierdo

Diretor: João Corrêa Lima
Inspetor: Jacob J. Parmagnani

**GINÁSIO DE JAGUARÃO – DEPARTAMENTO DO INSTITUTO
PORTO ALEGRE**

1948

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO GINASIAL

1. Adilia Faria Dutra
2. Airton Corrêa Lopes
3. Almir Costa Alves
4. Celeste Ayda Marques
5. Claudio Joaquim Wagner
6. Dirley Del Pino
7. Eloiza Isquierdo
8. Danilo Des Essarts Carriconde
9. Fernando José Ferreira Rodrigues
10. Iracema Silveira de Avila
11. João Vasco Bandeira Dutra
12. José Anarolino Albuquerque de Faria
13. José Julião Rodrigues Marques da Rocha
14. Leontina Lecy Lopes
15. Myrta Corrêa Silveira
16. Maria Elisa Nieto
17. Nida Corrêa Becker
18. Nilo Amaro Ocacia
19. Nilza Miranda Gomes
20. Olinda Marques Gonçalves
21. Orocindo Corrêa Marques
22. Pedro Castellano Rodrigues
23. Pedro Fagundes de Azevedo
24. Sadi Prien Ferreira
25. Takero Chiyoshi

Diretor: João Corrêa Lima

Inspetor: Jacob J. Parmagnani

**GINÁSIO DE JAGUARÃO – DEPARTAMENTO DO INSTITUTO
PORTO ALEGRE**

1949

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO GINASIAL

1. Alcindo Dutra da Silveira
2. Aldyr Garcia Schlee
3. Alvaro Rotuno Lino de Souza
4. Aquiles Borges Silveira
5. Danilo Des Essarts Carriconde
6. Eloá Cardozo
7. Edith Cardozo
8. Fernando Rodrigues Afonso
9. Flávio Amatti
10. Heitor Fagundes de Azevedo
11. Jaime Irajá Pereira
12. Jarbas Luff Knorr
13. José Inácio Oliveira Aranalde
14. José Pilar Verissimo
15. Leda Gonçalves Victória
16. Luiz Carlos Russomano Estrella
17. Maria Altaír Sabbado
18. Nilson Meirelles Prestes
19. Thereza Haliana da Costa
20. Ana de Lemos Piuma
21. Clair Oliveira da Silva
22. Cristovão Brum Neves
23. Dahi Luzio Urtassum
24. Darcy Carlos de Moraes
25. Eder Silva Moreira
26. Edelma Fernandes da Rocha
27. Eny Engracia Pena
28. Eva Carvalho
29. Maria José Leivas Piuma
30. Maria da Gloria Peña
31. Nahir Pereira da Silva

32. Odelfo Felomino Dias

33. Oscar Ernesto Petry

Diretor: João Corrêa Lima

Inspetor: Jacob J. Parmagnani

Nota: do nº 20 em diante são alunos que terminaram o curso ginasial noturno.

**GINÁSIO DE JAGUARÃO – DEPARTAMENTO DO INSTITUTO
PORTO ALEGRE**

1950

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO GINASIAL

1. Alcir Juarez Ricordi
2. Carmem Rodrigues Afonso
3. Cení Fonseca maia
4. Darcí Coelho Vieira
5. Elaine Cordeiro Garcia
6. Edson Pedroza Miranda
7. Fernando Bertazo Ribeiro
8. Francisco Pereira da Silva
9. Gilka Gonçalves Sanz
10. Gizelda Faria Veiga
11. Jaime Leivas Piuma
12. José Francisco Cardoso Corrêa
13. Júlio Clarel Lopes de Moura
14. Julio Ney Hamilton de Moura
15. Lygia Sofia De Lellis
16. Maria Eliete Gonçalves
17. Mirací Porto
18. Núbia Air Ferreira da Rosa
19. Odilo Afonso Lopes
20. Pedro Jaime Bitencourt
21. Teresinha Soares de Lima
22. Waldecy Ribeiro Polvora
23. Zilda Noêmia Fagundes de Azevedo

Diretor: Jorge Abel Neto

Inspetor: Jacob J. Parmagnani

**GINÁSIO DE JAGUARÃO – DEPARTAMENTO DO INSTITUTO
PORTO ALEGRE**

1951

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO GINASIAL

1. Claudino Neves Polvora
2. Dinora Silveira Nunes
3. Gilka Maria Dufau da Rosa
4. Juane Dias Gonçalves
5. João Cassio Amaro Neto
6. Maria Dalva Alves Chagas
7. Maria Teresinha Faria
8. Miguel Angelo Sabbado
9. Washington Isquierdo
10. Wiggan Paiva Dias
11. Wilson Gonçalves Sanz

Diretor: Jorge Abel Neto

Inspetor: Jacob J. Parmagnani

**GINÁSIO DE JAGUARÃO – DEPARTAMENTO DO INSTITUTO
PORTO ALEGRE**

1952

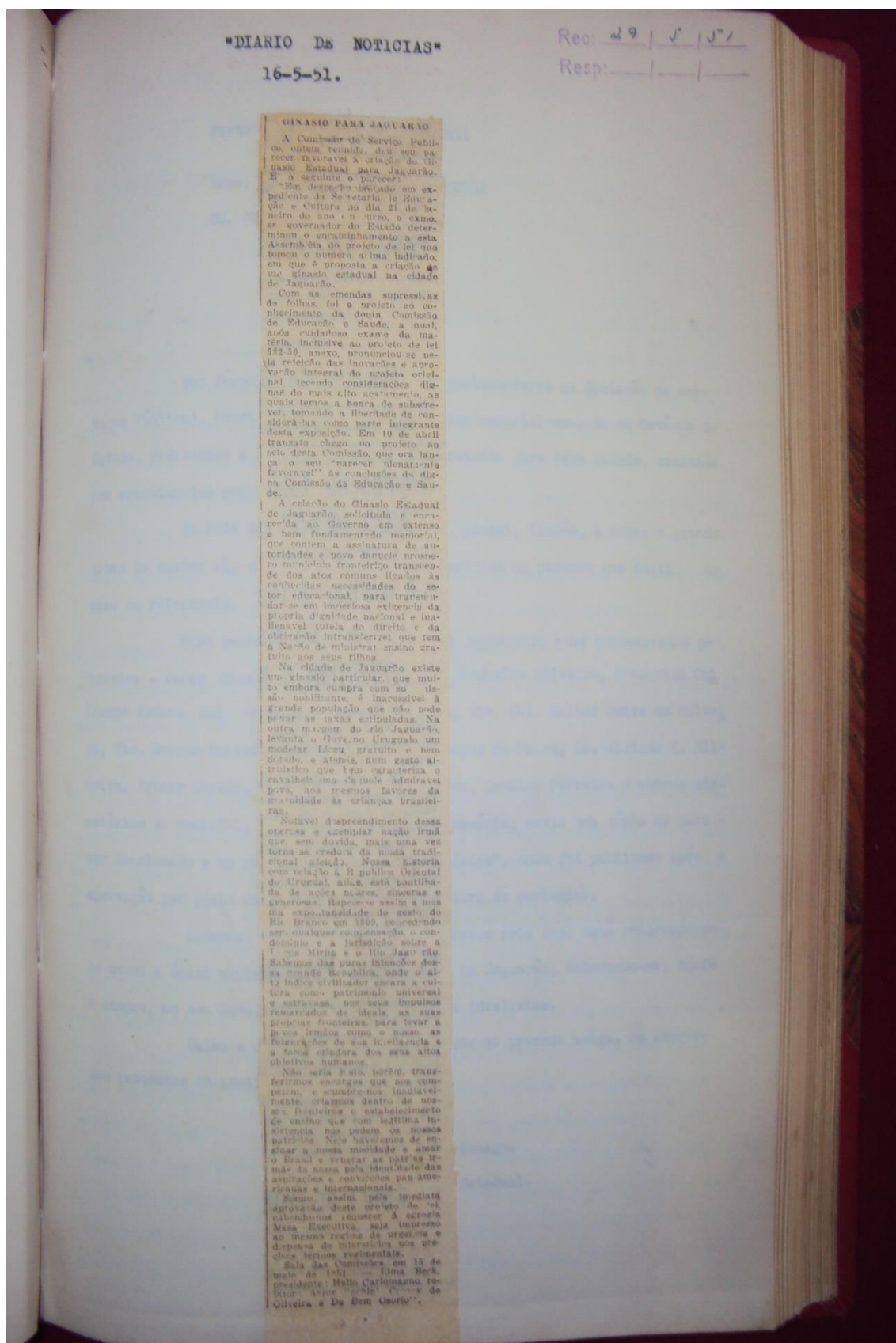
RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO GINASIAL

1. Alcindo Marcello da Silva
2. Alfeu Costa da Silveira
3. Armando Antonio Gutierrez Mena Barreto
4. Antonio Carlos da Rocha Becker
5. Clovis Amâncio da Silva
6. Elina Corrêa de Azambuja
7. Hipólito Gonçalves Souza
8. Iolanda Dutra Giozza
9. Jairo Amaro da Silveira Fonseca
10. João José Laborda Sicco
11. José Paulo Sabbado
12. Jussara Jacques Rodrigues
13. Kasuro Chiyoshi
14. Laci Calvete
15. Luiz Elder Franco
16. Nedi Maria Cardoso

Diretor: Pe. Octavio Gurgel
Inspetor: Jacob J. Parmagnani

Observação: Esse foi o ano da encampação do Ipinha pelo Estado.

C- Diário de Notícias de 16/5/1951/





UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Discente: Anna Beatriz Silveira Ereias
Orientador: Profº. Drº. Eduardo Arriada

CEDÊNCIA DE USO

Eu, GELCI DA ROSA COITINHO, autorizo a discente do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Anna Beatriz Silveira Ereias a fazer uso dos direitos autorais para pesquisa científica, do CNPq/UFPEL, relacionado às minhas fotografias, relatos orais e por escrito e entrevistas em seus trabalhos acadêmicos, bem como artigos, periódicos, revistas, projetos de Extensão, projetos de pesquisa, livros, eventos com comunicações orais, exposições em painéis ou pôsteres, outros meios de comunicação e informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que será desenvolvido pela própria discente. Sendo que estou ciente de que minha participação nestes trabalhos, é voluntária e concordo do uso do exposto acima mencionado.

Assinatura: [Assinatura de Gelci da Rosa Coitinho]

Discente: Anna Beatriz Silveira Ereias

Data: 18/11/2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Discente: Anna Beatriz Ereias Ensslin
Orientador: Profº. Drº. Eduardo Arriada

CEDÊNCIA DE USO

Eu, *Eloá Dutra Silveira*, autorizo a discente do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Anna Beatriz Ereias Ensslin a fazer uso dos direitos autorais para pesquisa científica, do CNPq/UFPEL, relacionado às minhas fotografias, relatos orais e por escrito e entrevistas em seus trabalhos acadêmicos, bem como artigos, periódicos, revistas, projetos de Extensão, projetos de pesquisa, livros, eventos com comunicações orais, exposições em painéis ou pôsteres, outros meios de comunicação e informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que será desenvolvido pela própria discente. Sendo que estou ciente de que minha participação nestes trabalhos, é voluntária e concordo do uso do exposto acima mencionado.

Assinatura: *Eloá Dutra Silveira*

Discente: *Anna Beatriz Ereias Ensslin*

Data: *24/9/2015*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Discente: Anna Beatriz Ereias Ensslin
Orientador: Prof^o. Dr^o. Eduardo Arriada

CEDÊNCIA DE USO

Eu, *Adylia Dutra Corrêa de Sá*, autorizo a discente do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Anna Beatriz Ereias Ensslin a fazer uso dos direitos autorais para pesquisa científica, do CNPq/UFPEL, relacionado às minhas fotografias, relatos orais e por escrito e entrevistas em seus trabalhos acadêmicos, bem como artigos, periódicos, revistas, projetos de Extensão, projetos de pesquisa, livros, eventos com comunicações orais, exposições em painéis ou pôsteres, outros meios de comunicação e informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que será desenvolvido pela própria discente. Sendo que estou ciente de que minha participação nestes trabalhos, é voluntária e concordo do uso do exposto acima mencionado.

Assinatura: *Adylia Dutra Corrêa de Sá*

Discente: Anna Beatriz Ereias Ensslin

Data: *30/09/2015*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Discente: Anna Beatriz Ereias Ensslin
Orientador: Profº. Drº. Eduardo Arriada

CEDÊNCIA DE USO

Eu, *Jorge Abel Neto*, autorizo a discente do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Anna Beatriz Ereias Ensslin a fazer uso dos direitos autorais para pesquisa científica, do CNPq/UFPEL, relacionado às minhas fotografias, relatos orais e por escrito e entrevistas em seus trabalhos acadêmicos, bem como artigos, periódicos, revistas, projetos de Extensão, projetos de pesquisa, livros, eventos com comunicações orais, exposições em painéis ou pôsteres, outros meios de comunicação e informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que será desenvolvido pela própria discente. Sendo que estou ciente de que minha participação nestes trabalhos, é voluntária e concordo do uso do exposto acima mencionado.

Assinatura:

Jorge Abel Neto

Discente: Anna Beatriz Ereias Ensslin

Data:

Jaguariúva, 1º de outubro de 2015.